

GUSTAVO ANDRADA BANDEIRA

**“EU CANTO BEBO E BRIGO... ALEGRIA DO MEU CORAÇÃO”: CURRÍCULO DE
MASCULINIDADES NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL**

Porto Alegre
2009

GUSTAVO ANDRADA BANDEIRA

**“EU CANTO BEBO E BRIGO... ALEGRIA DO MEU CORAÇÃO”: CURRÍCULO DE
MASCULINIDADES NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero

Orientadora – Prof^a Dr^a Guacira Lopes Louro

Porto Alegre
2009

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

B214e Bandeira, Gustavo Andrada

“Eu canto bebo e brigo... alegria do meu coração”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol [manuscrito] / Gustavo Andrada Bandeira; orientadora: Guacira Lopes Louro. – Porto Alegre, 2009.

128 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009, Porto Alegre, BR-RS.

1. Masculinidade. 2. Futebol – Educação. 3. Currículo. 4. Cultura. 5. Grêmio Football Porto-Alegrense. 6. Sport Club Internacional. I. Louro, Guacira Lopes. II. Título.

CDU – **396:796.332**

Gustavo Andrada Bandeira

“EU CANTO BEBO E BRIGO... ALEGRIA DO MEU CORAÇÃO”: CURRÍCULO DE MASCULINIDADES NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 06 mar. 2009.

Prof. Dra. Guacira Lopes Louro – Orientadora

Prof. Dr. Fernando Seffner – UFRGS

Prof. Dr. Arlei Sander Damo – UFRGS

Prof. Dra. Rosimeri Aquino da Silva – FACOS

Para que Pedro, Matheus e
Pietro possam fazer mais e
melhores escolhas sobre suas
masculinidades.

E aos inesquecíveis Danrlei,
Arce, Rivarola, Adílson, Roger,
Dinho, Goiano, Arílson, Carlos
Miguel, Paulo Nunes e Jardel.

Aos imortais Émerson, Mauro
Galvão, Zinho, Marcelinho
Paraíba, Rodrigo Fabri, Galatto,
Sandro Goiano, Lucas, William,
Carlos Eduardo e Tcheco.

Por fim, aos gols de Aílton,
Luiz Mário e Anderson.

AGRADECIMENTOS

Assim como nas grandes conquistas futebolísticas, no universo acadêmico as conquistas não são individuais. A construção desse texto dependeu de muitas portas que foram abertas por outras pessoas, de muitas conversas sérias ou nem tão sérias sobre o tema e também daqueles e daquelas que estiveram dispostos a mudar de assunto para fazer com que o período do Mestrado tenha sido tão especial e agradável. Foi uma longa e difícil partida, mas fui muito feliz jogando esse jogo. Este é o momento de agradecer aos jogadores do meu time.

Em primeiro lugar, preciso agradecer aos campeões mundiais Sport Club Internacional e Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, especialmente nas figuras do Dr. Eduardo Caponi e do Cel. Rodrigues que sempre estiveram bastante disponíveis para que eu pudesse realizar meu trabalho de campo nos estádios Beira-Rio e Olímpico. A imensidão desses dois clubes não é obra do acaso.

Como ir ao Olímpico, pela experiência, seria bem mais fácil que ir ao Beira-Rio, gostaria de agradecer meus amigos colorados que auxiliaram-me em minha estada infiltrada em seu estádio. Quero agradecer aqueles e aquelas que me reconheceram como intruso, mas não me denunciaram, especialmente a Martina Gomes, Régis Mendonça, Juliano Milani e o menino Gabriel Machado, sem esquecer os vendedores e as vendedoras ambulantes que trabalham nos dois estádios, com um abraço especial ao Régis do café no Olímpico e do amendoim no Beira-Rio.

Ao Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero pelos ótimos momentos acadêmicos e também aos indispensáveis encontros não acadêmicos após o Ciclo de Cinema e defesa dos diferentes colegas. Sem esquecer o impagável Geerge on the goal!

Aos colegas e às colegas de disciplina e da linha de pesquisa: Adriza Figliuzzi, Alessandra Dartora, Carin Klein, Cíntia Holzmann, Cláudio Nunes, Fabiana Marcello, Fernando Favaretto, Fernando Pocahy, Kelly Dihl, Lisandra Moreira, Luiz Fernando Alvarenga, Maria Cláudia Dal'Igna, Naira Scavone, Patrícia Balestrin, Paulo Pereira, Priscila Dornelles, Raquel Silveira, Simone Schwengber e tantos outros que cometerei a injustiça de não nomear. Aprendi muito com vocês todos/as! Um agradecimento especial à turma de Mestrado com ingresso em 2007: Éderson dos Santos, Luiz Felipe Zago e Marta Friederichs. É muito importante sair de casa e encontrar um bom ambiente de trabalho.

A Suzi, que foi minha professora na graduação, colega no pós e agora é uma grande amiga. Além de ter feito meu abstract, seu desempenho como mestranda foi um exemplo enquanto graduando. Queria ser como ela quando crescesse. E um pouco acho que consegui!

A Sandra, que de tão amiga, quase esqueço que também foi minha professora e colega. Muito obrigado pela confiança e pelas oportunidades de trabalho. Foi muito legal ter te auxiliado na tua Tese e ter feito as palestras nas tuas disciplinas. Sempre que precisares é só chamar. Não bastasse tudo isso, ainda ganhei um grupo de amigos para ótimos jantares!

Aos professores e professoras de quem fui aluno durante o Mestrado e que me auxiliaram tanto a construir minha argumentação teórica quanto a questioná-la, além dos professores e professoras que encontrei durante a graduação em Pedagogia e que ainda me servem de exemplo de profissionais, além de terem parcela de responsabilidade no estudante que me construí: Carime Elias, Carlos Skliar, Jane Felipe, Luís Armando Gandin, Luís Henrique Sacchi dos Santos, Nadja Hermann, Rosângela Soares, Sandra Corazza e Simone Rickes.

A Dagmar que com carinho e cuidado sempre apoiou minha trajetória. Apesar de ter sido minha orientadora oficialmente por apenas quatro meses, aprendi muito sobre postura acadêmica e de investigador. Além disso, ela é a ‘culpada’ pelo tema. Foi a primeira pessoa que me sugeriu trabalhar com futebol.

A Rosa que tanto na graduação, quando ainda era estudante de matemática, como na Revista, na Iniciação Científica e no Mestrado sempre foi uma orientadora interessada. Muitas das escolhas que fiz se devem, em grande parte, ao encontro com a professora no verão de 2002. É muito difícil tentar escrever tamanho carinho e admiração.

Ao professor Édison Gastaldo pela leitura atenta e pelas inúmeras críticas e sugestões na banca de qualificação. Sua contribuição cumpriu o que se espera desses momentos: qualificou o trabalho.

Ao professor Fernando Seffner e professora Rosimeri Aquino da Silva pelas grandes contribuições quando da qualificação e por terem aceitado compor a banca final, junto com o professor Arlei Sander Damo, já tão parceiro desse trabalho via textos.

Ao CNPq, de quem fui bolsista de iniciação científica e de Mestrado.

A Guacira por ter sido sempre solícita, ter dado todos os puxões de orelhas necessários (eu teria dado um pouco mais), ter sido uma grande companheira nessa empreitada e por ser Guacira Louro. Eu fui orientando de Guacira Louro!

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, sua coordenação e seus funcionários pela disposição em resolver diferentes situações ao longo desses dois anos, especialmente a Mary e o Eduardo.

À Faculdade de Educação, onde cheguei em 2002 e que pretendo manter-me vinculado por muito tempo.

Aos amigos, gremistas e colorados. Aqueles que se reuniram lá em casa para ver as sete estréias do Grêmio na Libertadores, desde 1995. E também aos colorados que tanto ouviram na década passada e que desde 2006 não calam a boca.

A Taís pela confiança e companheirismo na produção de textos para os eventos, além da grande disposição em estudar e alertar para toda e qualquer possibilidade de local para enviarmos trabalhos, além de uma grande amiga para ir ao teatro, cinema...

Ao Felipe meu amigo mais antigo que estive na carona quando aprendi a dirigir, nos jogos do Tricolor, nos estudos, nas conversas, nos aniversários... em todas!

Ao meu pai que me levou a um jogo do Grêmio em 1988 e que, mesmo sem entender direito como eu trabalho sempre mostrou grande confiança em mim. Ao Gabriel, que desde 1994 foi a praticamente todos os jogos do Grêmio comigo no Olímpico, além de um em Criciúma e que tive que levantar da cadeira em 2002, quando o Olímpico eliminou o Grêmio da Libertadores, mas que também pulou comigo de um lado a outro quando vencemos o Santos na Libertadores de 2007. E a minha mãe, a ex-colorada mais gremista da família, que desde 1997 não larga o Olímpico e que me deu todas as condições para realizar essa dissertação. Com seu suporte só precisei estudar e escrever. Muito obrigado!

E por fim quero agradecer a Letícia. Foi quase sempre quem teve que aguentar as crises. Sempre tinha uma sugestão para o meu trabalho. Ter ido aos teatros, cinemas e Buenos Aires contigo sempre me renovaram para seguir com esse projeto. Saber que continuarias aqui me deu uma incrível segurança para seguir em frente. Conseguimos. De novo!

La sabiduría llega cuando
no nos sirve para nada
no se puede evitar

Fito Paez

RESUMO

Esta dissertação trata do modo como as masculinidades são vivenciadas nos estádios de futebol. Tendo como referência os Estudos Culturais e de Gênero Pós-Estruturalistas, realizei uma análise cultural procurando mapear representações de masculinidades nesse contexto cultural específico. Para a construção do material empírico selecionei quatro jornais da cidade de Porto Alegre. Com eles, consegui observar narrativas de diferentes atores envolvidos com o futebol de espetáculo que me permitiram visualizar algumas das características positivadas nesse contexto. Além desse material, realizei observações participantes em oito jogos do Campeonato Gaúcho de 2008, sistematizadas em diários de campo. As observações aconteceram em quatro jogos do Sport Club Internacional e em quatro jogos do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, nos estádios Beira-Rio e Olímpico. Procurei evidenciar como as ações dos torcedores, seus cânticos, suas vestimentas e faixas estão envolvidas nas construções das masculinidades desses sujeitos. Nos estádios de futebol, os sujeitos têm a possibilidade de ficarem ‘anônimos’, além de terem suas múltiplas identidades subordinadas à identidade de torcedor de futebol e colocarem-se em ação de forma coletiva. Os estádios exercem uma pedagogia. É necessário aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir... O conceito de currículo da ‘ciência’ pedagógica parece-me produtivo para pensar as práticas exercidas nos estádios de futebol. O currículo não é aqui entendido como um caminho de início, meio e fim, onde os sujeitos sairiam de uma condição de não aptos até um lugar onde seriam diplomados e dali em diante poderiam ‘exercer’ a condição de homem ou de torcedor em qualquer contexto cultural. O currículo seria mais bem entendido, aqui, se pensado como uma série de prescrições, algo que os sujeitos são reiteradamente convidados a fazer. Ao longo da dissertação procurei apresentar diferentes narrativas sobre futebol e masculinidades que atravessam a construção do torcedor de futebol, especialmente os que frequentam estádios. A partir da aposta em um currículo de masculinidade do torcedor de futebol, sistematizei os conteúdos deste currículo em torno de quatro eixos: 1) Raça, garra e luta; 2) Violência e socialização; 3) Um amor de macho; 4) Masculinidades subalternas. No primeiro eixo, evidencio a necessidade de jogadores e torcedores demonstrarem algo mais, associando-se as representações dos clubes e do futebol gaúcho. No segundo, mostro como a homofobia e os confrontos físicos podem ser entendidos como forma de sociabilidade. A afetividade ganha destaque no terceiro eixo. Nesse ambiente onde as masculinidades viris são valorizadas positivamente, também aparecem significativas demonstrações de carinhos, declarações de amor e choros nem sempre valorados para uma masculinidade tradicional. No último eixo destaco a construção da masculinidade do adversário com toda a carga negativa possível fazendo uma clara distinção entre a masculinidade ‘inadequada’ deles que confirma a condição de normalidade da nossa masculinidade.

Palavras-chave: Masculinidade. Futebol – Educação. Currículo. Cultura. Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Sport Clube Internacional.

ABSTRACT

This thesis describes how masculinities are experienced inside football fields. I have provided a cultural analysis based on Cultural Studies and Post-Structuralist Gender Studies in order to map masculine representations inside this specific context. In order to construct the empirical material, I have selected four newspapers from Porto Alegre. From these resources I have gathered narratives from those who are involved in the spectacle of football. This has allowed me to visualize some of the theoretical characteristics materialized in the world of football. I have also observed eight games of the 2008 Campeonato Gaúcho: four football games of Sport Club Internacional and four football games of Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, inside Beira-Rio and Olímpico football fields. From these observations, I have compiled field notes. I have shown how the actions of male fans, i.e., their songs, their clothing, and signs, help to construct their masculinities. Inside football fields subjects can be anonymous. Their multiple identities are subordinated to the football fan identity. Therefore, they can put themselves in a collective action. The football fields provide a pedagogy. It is necessary to learn when to scream and when to be silent, what to scream and what not to scream, and what to feel and how to feel... The pedagogic ‘science’ of curriculum is a useful tool in examining practices inside football fields. Curriculum, in this sense, is not meant to define a specific path of study from where subjects go from one condition to a place where they could be graduated as man or fan, whatever cultural context. The curriculum taught at the football field is more a series of prescription; something subjects are invited to practice at all times. Through this study, I have presented different narratives about football and the masculinities that aid in the construction of the football fan, particularly those who go to football fields. To support the idea of a masculinity curriculum of the football fan, I have organized the contents of this curriculum among four topics: 1) Brave and fight; 2) Violence and socialization; 3) A macho’s love; 4) Subaltern masculinities. For the first topic, I documented the players and fans’ need to demonstrate their will to do something more, by becoming members of football clubs. In the second topic, I point out how homophobia and physical confrontations can be understood as a way of sociability. The emotion is highlighted among third topic. In this environment, where virile masculinities are positively valued, the football fan is free to demonstrate affection and love. He is also free to demonstrate sadness and frustration through crying. For the last topic, I highlight the adversary’s masculinity construction, and all possible negative points. From this, I am able to highlight the adversary’s inadequate masculinity, which confirms the condition of normality of our masculinity.

Keywords: Masculinity. Football - Education. Curriculum. Culture. Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Sport Clube Internacional.

SUMÁRIO

1	INÍCIO DE CONVERSA	12
	<i>Uma aproximação com o tema</i>	14
	<i>Uma aproximação teórica: educação, currículo e representação</i>	16
2	UMA POSSIBILIDADE DE OLHAR OU JOGAR: UM ESQUEMA TÁTICO	22
	<i>Implicações do pesquisador</i>	25
	<i>Caminhos de investigação ou formas de 'jogar'</i>	28
	<i>Estádios de futebol</i>	33
3	ALGUNS ENTENDIMENTOS SOBRE FUTEBOL	40
	<i>Futebol e identidade nacional</i>	45
	<i>Uma forma de envolvimento com o futebol: os torcedores</i>	49
	<i>Gre-Nal: uma grande rivalidade</i>	59
	<i>Futebol, masculinidades e violências</i>	68
4	MASCULINIDADE: UMA CONSTRUÇÃO	77
	<i>Virilidade, homofobia e intensidade sexual: algumas performances masculinas</i>	80
	<i>A construção dos homens em um contexto de homossexualidade</i>	88
	<i>Os estádios de futebol como instituição masculina</i>	93
	<i>Futebol: guerra de masculinidades</i>	97
	<i>Estádios de futebol: a masculinidade do torcedor em jogo</i>	103
	<i>Os amores nos estádios de futebol: formas de resistência?</i>	105
5	UM CURRÍCULO DE MASCULINIDADE DO TORCEDOR DE ESTÁDIO	109
	<i>Raça, garra e luta: uma masculinidade com algo mais</i>	109
	<i>Violência como forma de socialização?</i>	111
	<i>Afetividade: um amor de macho</i>	112
	<i>A masculinidade subalterna da torcida rival</i>	113
	REFERÊNCIAS	116

1 INÍCIO DE CONVERSA

Não se nasce homem, torna-se homem. A famosa frase de Simone de Beauvoir não é bem assim, mas é esse entendimento que me permite iniciar esse trabalho. Essa frase apresenta a ideia de que a masculinidade é uma construção que aqui adjetivo de cultural. Construção cultural do masculino que pretendi investigar para minha dissertação de mestrado. Em verdade, tratava-se de investigar não uma regra ou um conjunto eficaz de ações detalhadamente planejadas que formulariam *um* sujeito masculino, mas sim, sugestões ou incitamentos valorizando algumas associações e não outras para as construções de masculinidades em um contexto cultural específico.

Para auxiliar-me nas investigações, busquei o conceito de gênero que, em sua definição mais inicial, remete às formas como são construídas e valoradas hierarquicamente as representações de masculinidades e feminilidades em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Com base nesse conceito é significativo destacar que essa construção cultural do masculino, ou essa forma de construção do masculino, é sempre contingente. O que investiguei, recortei e problematizei não pode ser tomado como universal e fora do tempo. O ‘produto’¹ dessa pesquisa não é a descrição de algo que se possa entender como ‘realidade’, mas sim, o que consegui enxergar neste momento.

Pode parecer tolo, quase leviano, mas a construção da masculinidade é, para mim, algo novo. As pedagogias que me ensinaram a ser masculino, um tipo específico de masculino, agiram de forma silenciosa. Os discursos dessas pedagogias de masculinidade (assim mesmo no singular) obtiveram seu êxito quando fiz desses enunciados, as minhas falas. Não escutava metodologias, planos, modelos, verdades... Pronunciava metodologias, planos, modelos, verdades... Não escutava que um ‘homem de verdade’ deveria fazer isso e/ou aquilo. Dizia: Um ‘homem de verdade’ (talvez as aspas fossem um exagero) deve fazer isso e/ou aquilo.

O conceito de gênero, que remete para a condição social pela qual somos identificados como homens e mulheres (LOURO, 2004a), emergiu em um contexto específico, permeado por relações de poder. Ele não é um conceito neutro e, segundo Guacira Louro, foi “criado no contexto da luta discursiva feminista” (2002, p. 229). É a partir do conceito de gênero que se abrem possibilidades de discussões sobre as construções de masculinidades mesmo que, de

¹ Utilizo aspas simples no texto quando procuro fazer algum destaque ou utilizar as palavras com outros sentidos que não os convencionais; o uso de aspas duplas aparecem quando utilizo citações, palavras e/ou expressões de outros autores.

alguma forma, ele nem sempre seja lido assim, uma vez que “foi (e ainda é, em muitas instâncias) referido fundamentalmente as mulheres” (Ibidem).

Minha ‘vida masculina’, por mais ‘normal’ que parecesse, não era repleta de sentido, onde tudo acontecia organizada e sucessivamente sem dúvidas ou conflitos. Sempre foi difícil alcançar determinados ‘padrões’ de masculinidade. A dificuldade em ‘exercer’ com louvor a masculinidade hegemônica² gerava alguns conflitos e algumas dúvidas. Melhor: muitos conflitos e muitas dúvidas! O que me consolava é que estava fazendo o que deveria ser feito. Era óbvio que deveria investir para ser um ‘homem de verdade’! Pensava saber, mas creio que não sabia o que é (ou seria) um ‘homem de verdade’, ou o que se entendia por sua ‘essência’ (não sei se a sua ou a minha?).

Parece-me um pouco apressado dizer que essas dúvidas que tinha possuíam a racional explicação de que não existe o *Homem de verdade* ou que a masculinidade hegemônica seria um conjunto de normas praticamente inatingível para os indivíduos. Concordo que as vivências de masculinidades são distintas e que produzem significados diversos, mas em algum (ou alguns) lugar(es) parece que existia algo a ser atingido. Algo escondido, pouco nítido, borrado, mas estava lá. Eu (sim, eu mesmo, sozinho) deveria encontrar o que estava escondido, dentro ou fora, deveria dar nitidez, talvez iluminando as sombras, talvez transformando aqueles rascunhos em fotografia (da mais alta tecnologia).

Nessa memória, numa espécie de tentativa de fazer um texto coerente com minhas vivências atuais, como se fosse possível estar lá outra vez (ou como se fosse desejável estar lá outra vez), falei exageradamente de um ‘eu’. Quase como um eu que decidiu (um sujeito ‘autônomo’ ou com outros adjetivos semelhantes) e que fez decisões muito centradas, corretas, coerentes, que decidiu o óbvio, que escolheu o que deveria ser escolhido. Mas, agora reconheço, escolhi em alguns lugares, bastante específicos, escolhas bastante mapeadas e limitadas: “o sujeito não é o centro da ação social. Ele não pensa, fala e produz: ele é pensado, falado e produzido” (SILVA, 2003a, p. 113). Alguns desses lugares foram a escola, a família, a televisão, as festas, o supermercado, a rua, as revistas, etc, etc, etc... os estádios de futebol...

Estádios de futebol... Talvez só seja possível chegar nesse local após longos investimentos bastante distintos. Para uma criança nascida em Porto Alegre, antes de pensar em estádios de futebol, é necessário decidir qual dos dois estádios será frequentado: o Estádio Olímpico, do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense ou o Estádio Beira-Rio, do Sport Club Internacional³.

² O que hoje chamo de masculinidade hegemônica (adiante esclarecerei melhor esta expressão).

³ A partir de agora Grêmio e Internacional.

Além dessa escolha ‘urgente’, e que se pretende ‘definitiva’, outros conteúdos devem ser anteriormente ensinados. É preciso aprender um pouco sobre futebol e suas particularidades. Um dos primeiros tópicos que se ensina-aprende é que ‘futebol é coisa de homem’⁴. Existe um interessante conjunto de práticas que ensina essa especificidade do esporte mais popular do Brasil e mais praticado no mundo. Uma das estratégias para a associação a um dos clubes da cidade se dá nos enfeites dos berçários⁵. Sabemos que esses enfeites ajudam a marcar a construção social do gênero pelas cores associadas a meninas (rosa) e meninos (azul). Em Porto Alegre, os enfeites dos meninos também podem ser diferenciados entre si. Aqui, além de azuis, os enfeites dos meninos podem ser vermelhos. Os símbolos de Grêmio e Internacional estão presentes nas maternidades e nos berçários para ‘confirmarem’ a herança ‘genética’ do clube.

Fui a um estádio de futebol pela primeira vez aos cinco anos. Fui ao Estádio Olímpico não exatamente por uma escolha, mas porque, em minha família, era *a única* possibilidade. Lembro vagamente que fiquei um pouco assustado com os palavrões e que meu pai (sim, não seria a minha mãe no estádio de futebol, ainda não ao menos) proferiu a frase: ‘aqui pode’. Aos cinco anos já aprendia, ou já ‘sabia’ que naquele local era possível falar palavrões e só ali. Provavelmente em casa ou na escola (ambiente com muito mais meninas que o estádio de futebol) receberia reprimendas se repetisse aqueles comportamentos. Aos cinco anos já estava sendo inserido em uma importante pedagogia de masculinidade, que valorizava os locais de socialização entre homens. Já estava aprendendo conteúdos significativos e alguns dos elementos de uma determinada masculinidade como o futebol, a bola, o palavrão, o enfeite com símbolo do Grêmio...

Uma aproximação com o tema

Investigar masculinidades em contextos culturais específicos pode se constituir em mais uma tentativa de demonstrar a não existência de um único tipo de masculinidade. Mais que isso, a falta de ambição universalizante mostra um entendimento de que as identidades são fragmentadas, múltiplas e plurais. Um sujeito com vivências masculinas também é

⁴ Uma das formas como as crianças aprendem os ‘conteúdos’ de gênero é através da distribuição de brinquedos e brincadeiras. Bolas e elementos que remetam a atividades físicas são ‘empurrados’ para os meninos. Essas brincadeiras, historicamente atribuídas a ‘homens de verdade’, são tomadas como ‘naturalmente’ masculinas.

⁵ No jornal *Zero Hora*, do dia 15 de março de 2008, na seção Participações Sociais, “*Os pais Gislaine e Vladimir, felizes, participam a chegada do primogênito Vladimir*” (p. 37). Além dos agradecimentos a equipe médica, de enfermagem, aos familiares e amigos que “torceram” por sua chegada, existia o desenho de um boneco com a camiseta do Internacional.

atravessado por outros marcadores identitários tais como classe social, raça/etnia, geração, sexualidade e outros.

Nesse entendimento a própria masculinidade num contexto cultural específico não é uniforme. Várias masculinidades podem ser vividas em um mesmo local. Obviamente, não estou afirmando que elas relacionam-se harmoniosamente, ou que gozam de estatutos idênticos de legitimação. Dentro de um mesmo lugar de vivências as masculinidades diferenciam-se. Olhar para as masculinidades em um contexto cultural específico é tentar enxergar como as diferentes masculinidades são representadas e hierarquizadas

Entendo o estádio de futebol como um contexto cultural específico, como um local que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades. Busquei investigar como nos estádios de futebol, frequentados por torcedores em Porto Alegre, são representadas diferentes formas de masculinidades e como elas hierarquizam-se.

O time de futebol em Porto Alegre é um marcador identitário que define os sujeitos, traz inteligibilidade. Ser colorado ou ser gremista garante (ou implica) muitos significados. Quando realizava meu primeiro estágio docente, durante minha graduação em Pedagogia, tentei impressionar minha orientadora na divisão dos alunos em filas ‘alternativas’. Ao invés das tradicionais filas de meninos e meninas (nesse momento as discussões de gênero já me mobilizavam de alguma forma) optei por separar as filas por uma outra variável identitária. Precisava usar um marcador que não fosse muito problemático e que as pessoas se identificassem com alguma facilidade. Resolvi, então, dividir as filas pelos clubes de futebol da preferência dos alunos. Precisei de apenas duas filas: uma de colorados e outra de gremistas. Minha orientadora sugeriu que eu reavaliasse o procedimento, uma vez que os alunos foram da sala de aula até o pátio se dizendo xingamentos, muitos dos quais eu e ela não conhecíamos!

Na capital do Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional possuem estádio próprio, ambos com capacidade superior a cinquenta mil pessoas. Não me sinto apto a afirmar que as ações das duas torcidas nos estádios sejam idênticas. Nesses dois estádios aparecem algumas situações divergentes sobre a forma de relacionamento com o clube, a equipe, a torcida rival, com os adversários e com as masculinidades representadas. Contudo, por mais que se diferenciem, nessa pesquisa não pretendi tratar das diferenças entre as masculinidades representadas no estádio Olímpico e no estádio Beira-Rio. A escolha por observar os dois estádios ocorreu por minhas experiências nesse contexto. Essa experiência possibilitou-me entender que uma das formas mais significativas de hierarquização das masculinidades aparece na representação da torcida rival. Estar nos dois estádios e escutar as torcidas de

Grêmio e Internacional e como essas se relacionam não buscou uma separação ou diferenciação entre as duas torcidas, mas auxiliou-me a enxergar e discutir as masculinidades produzidas nestes espaços e como ocorrem seus processos de hierarquização.

Sou torcedor do Grêmio e vou a todos os jogos que posso no estádio Olímpico. Pesquisar sobre masculinidades em torcidas de futebol significou pensar formas de produção de sujeitos muito próximas da minha. Muitas das práticas que discuto no trabalho são práticas que atravessam a minha identidade masculina e a minha identidade de torcedor de futebol. Foi com esse engajamento que produzi meu material empírico e minhas análises. Pesquisador e torcedor não estiveram claramente isolados durante a feitura da dissertação. É desse lugar que me propus a observar como os sujeitos que frequentam estádios de futebol aprendem a ser masculinos e torcedores de futebol...

Uma aproximação teórica: educação, currículo e representação

Afinal, por que pesquisar as representações de masculinidades nos estádios de futebol em um Programa de Pós-Graduação em Educação? Talvez seja necessário retomar alguns conceitos que me permitam relacionar a pesquisa empreendida nos estádios com esse campo do saber.

A própria definição de educação na Constituição Federal brasileira me permite uma primeira aproximação: “De acordo com a Constituição Federal do Brasil e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, [educação] é o processo formativo que visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mundo do trabalho” (MENEZES; SANTOS, 2002). A partir desta afirmação, parece-me produtivo questionar: quais são os processos formativos que visam à construção de um sujeito masculino e seu preparo para o exercício ‘adequado’ de masculinidade? É possível pensar em distintos processos que se realizem em distintos contextos, tais como os estádios de futebol?

Nadja Hermann sustenta que a “desde as mais antigas tradições, a educação apresentou uma intencionalidade ética legitimada, ou seja, ela definiu-se pela inscrição, em cada sujeito, de uma história compartilhada de valores” (2001, p. 20). Mantendo o olhar voltado para os estádios de futebol, penso ser possível inferir que os valores que ali circulam (entre eles aqueles ligados à masculinidade) estão envolvidos em constantes processos educativos.

Para além dessas definições, o próprio conceito de gênero na perspectiva pós-estruturalista me permite fazer a associação entre masculinidades e educação. Um dos desdobramentos desse conceito aponta para a irredutibilidade do mesmo a qualquer aspecto

‘natural’ ou essencial. Aprende-se a ser masculino e/ou feminino dentro de processos culturais que ensinam formas adequadas de ‘exercer’ determinado gênero em uma cultura específica. Esse processo – que efetivamente pode ser chamado de educativo – é contínuo e infinito. Não existe um ‘lugar’ que garanta determinado gênero para todo o sempre e de forma inequívoca.

A educação envolve os processos através dos quais nos tornamos sujeitos de determinada cultura. Diferentes instâncias trabalham nesses processos da construção dos sujeitos, “não é apenas a escola que educa (...) outras instâncias sociais também o fazem na medida em que constroem representações, subjetivam os indivíduos e grupos sociais” (FISCHER, 2002, p. 68-9).

Artefatos culturais, tais como os programas televisivos, peças publicitárias, cinema, brinquedos, matérias de jornais, jogos de futebol... não são entendidos apenas como informação ou entretenimento. Do ponto de vista pedagógico “trata-se (...) de formas de conhecimento que influenciarão o comportamento das pessoas de maneiras cruciais e até vitais” (SILVA, 2003a, p. 140).

Os estádios de futebol possuem, ou talvez fosse mais apropriado dizer exercem, uma pedagogia. Podendo pensar em uma cultura de estádios de futebol, é necessário um processo de aprendizagem para que os sujeitos possam ser introduzidos nessa cultura. “A produção das competências necessárias à apreciação futebolística são elas próprias produzidas pelo campo do futebol de espetáculo” (DAMO, 2005, p. 56). Estar em um estádio de futebol significa passar por diferentes ‘pedagogias’, algo semelhante a passar por diferentes processos de ensino. É necessário aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir... “A prática e a contemplação esportiva podem ser consideradas atos educativos, sejam eles atinentes ao domínio das técnicas corporais, das sensibilidades estéticas ou dos controles/descontroles emocionais” (DAMO, 2005, p. 43-4). Estar nas arquibancadas, nas cadeiras, em pé ou sentado é estar envolvido “em processos de transformação da identidade e da subjetividade” (SILVA, 2003a, p. 139).

Após a representação do “homem” como objeto científico é que se possibilitou a constituição de uma ciência sobre sua formação: a pedagogia (GALLO, 2004). A formação dos sujeitos não se restringe, contudo, aos espaços escolares. Sabemos, hoje, que muitos outros espaços e instâncias sociais exercitam pedagogias, dentre eles, os estádios de futebol. A partir das representações sobre o que sejam torcedores de futebol e uma masculinidade ‘adequada’ para este espaço específico pode ser possível identificar diferentes práticas envolvidas nessa ‘formação’.

“Como local de conhecimento, o currículo é a expressão de nossas concepções do que constitui conhecimento” (SILVA, 2003b, p. 63). O conceito de currículo da ‘ciência’ pedagógica parece-me produtivo para pensar as práticas exercidas nos estádios de futebol. Tomaz Tadeu da Silva aponta que a primeira aparição do termo currículo como objeto específico de estudos entendia-o como “a especificação precisa de objetivos, procedimentos e métodos para a obtenção de resultados que possam ser precisamente mensurados” (2003a, p. 12). Dois desdobramentos do conceito de currículo potencializam o uso que pretendo fazer do conceito.

No primeiro deles, currículo pode ser entendido como “lugar, espaço, território. (...) trajetória, viagem, percurso” (SILVA, 2003a, p. 150). Esta compreensão me permite indagar: Quais os percursos sugeridos, trajetórias indicadas ou roteiros de viagem oferecidos para os torcedores de estádio? Como acontecem as socializações para a aprendizagem correta de uma masculinidade nesse espaço?

A segunda possibilidade do conceito de currículo aparece em relação à ‘seleção de conteúdos’, “o currículo é sempre resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo” (SILVA, 2003a, p. 15). Quais conteúdos estão em pauta quando se pensa a masculinidade hegemônica dos estádios de futebol? O que aparece como relevante a ser aprendido nessa forma de socialização?

Vale lembrar que o currículo não se constitui simplesmente na organização dos conteúdos significativos para determinados processos de aprendizagem. O currículo é um campo disputado, os saberes presentes em um currículo não são propriamente os conhecimentos válidos, mas os conhecimentos *considerados* válidos (SILVA, 2003a). Todo currículo tem como objetivo um resultado. Um currículo, seja ‘conservador’ seja ‘progressista’, tem um sujeito pensado para o final de sua trajetória. Um sujeito não apenas com alguns conhecimentos específicos, mas um sujeito com determinadas condutas, dentro de alguns modelos e respeitando alguns padrões. David Hamilton aponta que, nas primeiras aparições do termo *curriculum*, no século XVII, esse “deveria não apenas ser ‘seguido’; deveria também ser ‘completado’” (1992, p. 43). Uma pergunta importante nos questionamentos sobre currículo é o que se espera dos sujeitos que ‘completarão’ aquele currículo. “O currículo (...) também produz os sujeitos aos quais fala, os indivíduos que interpela. O currículo estabelece diferenças, constrói hierarquias, produz identidades” (SILVA, 2003b, p. 12). O que se quer desses sujeitos após tal “viagem”? O que eles deverão ter aprendido? Enfim, o que se quer dos sujeitos socializados por determinados currículos? No

caso desta pesquisa, o que se espera dos torcedores de futebol quando esses ‘completarem’ um ‘currículo de masculinidade’?

O currículo não é aqui entendido como um caminho de início, meio e fim, onde os sujeitos sairiam de uma condição de não aptos até um lugar onde seriam diplomados e dali em diante poderiam ‘exercer’ a condição de homem ou de torcedor em qualquer contexto cultural. O currículo seria mais bem entendido, aqui, se pensado como uma série de prescrições, algo que os sujeitos são reiteradamente convidados a fazer. Não são todas as possibilidades que aparecem em um currículo. Tal como a cultura, o currículo é uma prática de significação, uma prática produtiva. Ele está envolvido com relações sociais e de poder. É uma prática que produz identidades e diferenças (SILVA, 2003b).

Outra potencialidade do conceito de currículo é a relação não causal entre seus ‘alvos’ e seus ‘resultados’. Como todo o percurso “mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos. A imprevisibilidade é inerente ao percurso” (LOURO, 2004b, p. 16). O que os sujeitos fazem com os currículos nem sempre (ou quase nunca) corresponde exatamente ao que lhes é proposto ou apresentado, “nós somos o que nos tornamos, o que significa que podemos também nos tornar, agora e no futuro, outra coisa” (SILVA, 2003b, p. 26). A irrupção, a incerteza e a imprevisibilidade talvez sejam as grandes potencialidades da relação entre currículo e masculinidade.

O conceito de currículo oculto não parece mais tão potente, mas podemos pensar que haveria algumas modalidades de um currículo que, nessa pesquisa, arrisco chamar de ‘naturalizável’ (nesse caso, um currículo para o torcedor ‘normal’). Esse currículo envolveria aquelas práticas que são dadas como naturais na construção do torcedor e da masculinidade heterossexual. Práticas que ‘quase’ estariam fora de um processo de aprendizagem, invisíveis. Invisibilidade da ação que permite pensar que ela não é uma ação.

No currículo do torcedor de futebol, a escolha por *um* clube⁶ parece ser uma das primeiras e mais significativas atividades. Além do clube, existem outros códigos que são disputados na legitimação de um ‘verdadeiro torcedor’, ou de formas adequadas de ser um torcedor em determinados espaços. Pensar neste processo como um currículo é observar que práticas são sugeridas (ou exigidas) para que o sujeito possa nomear-se e ser nomeado como

⁶ “Para se torcer é necessário criar vínculos. Não é uma definição geneticamente estabelecida, como muitos afirmam ao dizer que já nasceram torcendo por um clube. Torcer é uma construção cultural, e baseia-se principalmente em nossas relações, em nossas experiências. Desde meninos somos influenciados por familiares e amigos. Ganhamos bolas de futebol e o uniforme do clube preferido por um de nossos pais” (MORATO, 2005, p. 76).

torcedor de futebol de determinado espaço. Também é produtivo pensar nos textos⁷ que circulam antes dos jogos, oferecendo possibilidades, preparando o ‘ambiente’ das partidas.

Nessa pesquisa, pretendi destacar dentro desse currículo de torcedor a construção de masculinidades⁸. Suponho este projeto curricular (a construção de masculinidades) acontecendo em etapas, com diferentes ‘disciplinas’ e diferentes ‘atividades extra-curriculares’, quase sempre trabalhando com ‘conteúdos específicos’, com ‘avaliações’ que separam os aptos dos não aptos. Esse processo pode ser longo e continuado e, neste caso, se constitui como um currículo que não acarreta ou não traz como consequência uma titulação final que possa ‘garantir’ a condição adequada de torcedor ou de masculino para todo o sempre. Em um constante processo, parece que se reconhecer e ser reconhecido como torcedor ou como sujeito masculino exige uma série de renovações periódicas para assegurar esse *status*.

O currículo de masculinidade do torcedor de futebol pode aparecer nas práticas, de forma não muito sistemática. Ele pode, também, ser uma norma prescritiva, explicitamente endereçada aos sujeitos que pretendem frequentar determinado local do estádio, como esse texto publicado no *site* da Popular do Internacional:

Devido ao crescimento do movimento e ao grande número de torcedores que passaram a frequentar o setor Popular Placar e que não conhecem nossos princípios, esclarecemos abaixo importantes detalhes: Só frequente o nosso setor se você realmente estiver disposto a cantar; não é necessário gritar, apenas cante sem atropelos e acompanhe o núcleo que coordena os cantos; Não puxe cantos em paralelo de locais isolados e longe do núcleo; Com certeza a visão para o campo estará sempre prejudicada pelas barras verticais, portanto se você vai ao estádio só para ver o jogo e não quer ter sua visão prejudicada, procure outro setor. As barras estarão sempre esticadas e não serão atendidos pedidos para que sejam retiradas; Evite se pendurar nas barras e ficar puxando as mesmas, elas não foram feitas para isso; As pequenas bandeiras de mão servem para ser tremuladas durante o jogo inteiro; não reclame que elas estão atrapalhando a visão do campo; Não fique em pé na mureta frontal; Cada torcedor é responsável pelo seu material, portanto fique sempre de olho no seu; Não vá ao estádio com camisetas/uniformes de outros clubes/movimentos. Nosso uniforme é a camiseta do Inter de qualquer época, sem exceções; Seja sócio do Inter, vale a pena; Coopere com bobinas e papel picado para um espetáculo mais bonito, porém aguarde o momento exato da entrada do time em campo para jogá-los; A concentração antes do jogo ocorre no bar do véio Moacir, e minutos antes do jogo no tunel do portão 7; Evite criar polêmicas e discussões inúteis no Orkut. Todas as decisões são tomadas nas reuniões. Portanto se você tem idéias, sugestões e críticas, compareça nas reuniões. Enfim, se você não está disposto a seguir estas orientações, a Popular Placar não é o setor indicado

⁷ Tomo o conceito de texto de modo ampliado, não restringindo-o apenas as palavras, mas toda uma série de significantes. Segundo Tomaz Tadeu da Silva, “nas análises educacionais considera-se como ‘texto’ uma gama ampla e diversificada de artefatos lingüísticos: um livro didático, uma lei educacional, um guia curricular, uma fotografia, uma ilustração, um filme, uma intervenção oral” (2000, p. 107).

⁸ Estou associando a identidade de torcedor ao sujeito masculino embora saiba que há, evidentemente, torcedoras mulheres. No entanto, como esta pesquisa vai lidar precisamente com a construção da masculinidade, deixo de abordar as eventuais particularidades (diferenças e/ou semelhanças) que possam existir na produção da torcedora.

para você freqüentar. Divulgue essas informações e traga sempre sua disposição para ajudar nosso querido Colorado a vencer cada batalha (GUARDAPOPULAR COLORADA.COM).

Se a pedagogia ou o currículo necessitam de uma representação do que seja ou se espera de um homem, é produtivo verificar quais as representações de torcedor de futebol e de masculinidade circulam nos estádios. Para tanto, é importante destacar o que estou entendendo por representação.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas (WOODWARD, 2004, p. 17).

No registro pós-estruturalista, a representação é sempre uma marca visível, material. Para identificar quais são as representações de masculinidades nos estádios de futebol, não busquei descobrir o que os sujeitos quiseram dizer ao proferir um cântico ou uma frase, mas sim, registrei o que eles disseram, que cânticos e que frases pronunciaram e em que contextos. Os adjetivos que aparecem nos jornais não são necessariamente os adjetivos consensuados sobre uma masculinidade ‘adequada’. Importa marcar que, no momento mesmo dessa adjetivação, se constrói o que se entende como positivo para uma masculinidade no meio futebolístico.

Também não parece adequado pensar que só exista uma representação de masculinidade nos estádios de futebol. As masculinidades são múltiplas e “podem, também, se transformar ou se contrapor” (LOURO, 2004a, p. 102). Como o significado da representação não consegue associar-se plenamente ao significante, ela (a representação) não pode ser lida como fixa, estável, determinada...

(...) a representação só adquire sentido por sua inserção numa cadeia diferencial de significantes. Ela é representação de alguma “coisa” não por sua identidade, coincidência ou correspondência com essa “coisa”, mas por representá-la (por meio de um significante) como diferente de outras “coisas”. (...) É precisamente essa dependência de uma cadeia de diferença que confere à representação seu caráter indeterminado (SILVA, 2003b, p. 41).

Ao mesmo tempo, é desnecessário tentar verificar a verossimilhança entre a representação e uma suposta realidade, uma vez que, nesta perspectiva teórica, a representação é a própria realidade ou é o que importa, o que conta como real. Ela “tem efeitos específicos, ligados, sobretudo, à produção de identidades culturais e sociais, reforçando, assim, as relações de poder” (LOURO, 2001, p.16).

2 UMA POSSIBILIDADE DE OLHAR OU JOGAR: UM ESQUEMA TÁTICO

Após a aproximação com o tema, e a indicação dos primeiros conceitos, passo agora a explicitar os caminhos que trilhei na construção do material empírico. Quais foram as estratégias, que ‘esquema tático’ adotei. De que maneira ‘minha equipe’ ‘jogou’. O que busquei nessa investigação, a partir dos estudos de gênero pós-estruturalistas e dos estudos culturais, foi observar as diferentes representações de masculinidades nos estádios de futebol e ver de que forma essas são hierarquizadas. Tentei assim produzir uma leitura que me permitisse visualizar o que constitui ou como se constituem essas diferentes representações. Para atingir esta proposição, fiz uso de algumas perguntas que demonstraram algumas de minhas curiosidades e inquietações⁹. Quais representações de masculinidades aparecem nos estádios de futebol? Como são marcadas as hierarquias entre diferentes representações? De que forma os torcedores são convocados a participarem dos jogos?

Produzir um caminho de pesquisa, um trajeto desde uma perspectiva teórica que não promete soluções para todos os problemas pode ser comparado com a montagem de uma equipe de futebol. Aqui é definitivo planejar uma estratégia de ‘jogo’. Como não há mais certeza de um saber científico a ser aplicado para qualquer situação, parece importante estudar diferentes possibilidades para que a equipe ‘ataque’ e ‘defenda’ com qualidade ou que o pesquisador consiga inventar alguns caminhos sem perder o rigor metodológico.

Essas possibilidades de problematização das construções do material empírico aparecem em uma perspectiva que não é prescritiva, onde é possível pensar em algumas formas de atravessamento de limites fronteiriços, uma ideia que sugere riscos, mas também a riqueza do novo (COSTA; BUJES, 2005). Não existe uma obrigatoriedade de construir métodos investigativos fechados tal qual as regras do futebol. Essa perspectiva aponta para a possibilidade de uma “transgressão metodológica (...) constituída pelas práticas já existentes, mas acrescida daquelas que pudermos e necessitamos criar, se e quando saltarmos das pontes” (CORAZZA, 2002, p. 126). Penso que o pesquisador, aqui, está mais próximo de um jogador de futebol que do árbitro de uma partida. É preciso obedecer a um esquema tático, mas também é possível uma improvisação em busca do gol, isto é, dos objetivos, que para serem alcançados também podem necessitar que se espere para cobrir um jogador de defesa. Ao

⁹ Algumas questões propostas por Michael Kimmel serviram como inquietações na realização da pesquisa. Mesmo sem se constituírem propriamente nas perguntas da pesquisa, elas me auxiliaram para construir um olhar curioso em relação aos estádios de futebol. São elas: “se a masculinidade exigia uma demonstração constante, como é que tal demonstração seria feita, como seria demonstrada a aquisição bem sucedida da masculinidade? Isto é, como é que a masculinidade hegemônica chegou à sua hegemonia?” (1998, p. 112).

contrário do árbitro que é aquele que delimita as possibilidades do jogo dentro de regras claras e pré-estabelecidas (apesar das sempre discutíveis interpretações das regras), o pesquisador necessita de alguma sensibilidade para saber a hora de arriscar uma ‘subida ao ataque’.

Para cada ‘adversário’, ou com cada ‘grupo de jogadores’ um esquema tático mais adequado. Esse entendimento tem implicações na própria noção de conhecimento e de material empírico. Da mesma forma que não é adequado colocar um lateral direito para jogar em qualquer posição, parece não ser adequado utilizar uma metodologia sem estreita articulação/conexão com o problema específico. Com o entendimento de que o ‘campo’ e as próprias formas de conhecer são construções, “sempre que se produz um novo conhecimento também se inventa um novo e peculiar caminho” (COSTA, 2002a, p. 19). As formas de produção do conhecimento (ou dos conhecimentos) são feitas através da linguagem. É através dela que as ‘coisas do mundo’ são passíveis de serem pensadas.

Conhecer não é descobrir algo que existe de uma determinada forma em um determinado lugar do real. Conhecer é descrever, nomear, relatar, desde uma posição que é temporal, espacial e hierárquica. O que chamamos de “realidade” é o resultado desse processo. A realidade ou “as realidades” são, assim, construídas, produzidas na e pela linguagem. Isto não quer dizer que não existe um mundo fora da linguagem, mas sim, que o acesso a este mundo se dá pela significação mediada pela linguagem (COSTA, 2002b, p. 107).

Yves Winkin defende que “a teoria vai levar a ver mais e mais longe. E não é preciso encher-se de teorias para produzir esse efeito” (1998, p. 135). Concordo em parte com o autor. Penso que a teoria nos leva a enxergar¹⁰. Não estou convencido de que esse enxergar possa ser entendido como “mais e mais longe”, pois entendo que a vinculação teórica está implicada em uma escolha e toda escolha acarreta automaticamente a negação de outras possibilidades. Ou seja, a teoria nos leva a ver e nos leva a não ver. Antes mesmo de irmos ao campo, o objeto que vamos observar já foi previamente alterado pelas teorias que elegemos para nossas investigações.

Nesse trabalho (como em outros) a localização é fundamental. Os entendimentos sobre as práticas culturais são feitos a partir de uma perspectiva teórica onde “o que nós vemos é o que aprendemos a ver no interior das linguagens e das representações que nos constituem” (MEYER; SOARES, 2005, p. 36). O olhar do pesquisador está atravessado pela perspectiva teórica, pelas opções políticas, pelo ‘engajamento clubístico’... que acaba por fornecer uma e não outras possibilidades de interpretação.

Apontar para um saber declaradamente interessado não afasta do pesquisador sua responsabilidade pelo que foi observado no campo de pesquisa, mas procura apontar que a

¹⁰ “Uma política do conhecimento implica o privilegiamento de um modo de conhecer, o que envolve, por sua vez, decisões sobre o que conhecer, e como, porquê ou para que conhecer” (LOURO, 2004c, p. 24).

leitura que foi feita é apenas *uma* e não *a* leitura. A observação e, depois, a transcrição desta, a escrita e análise do material são produzidas em condições distintas. Não é produtivo nesta abordagem procurar um sentido oculto ou último das coisas¹¹. Não é possível imaginar os resultados de nossas investigações como uma garantia de saber definitivo. Essas questões e inquietações não servem para desestimular, ou para afirmar que *‘isto não é uma pesquisa’*, mas para pensar e articular que a pesquisa, a escrita da investigação, as escolhas metodológicas, sérias e rigorosas, circundam ou melhor constroem o objeto do qual pretendemos falar. Essas investigações possuem um caráter mais produtivo que descritivo.

Na perspectiva pós-estruturalista a ênfase é colocada na linguagem. É na linguagem que se diferenciam e se hierarquizam os diferentes grupos sociais,

(...) é na linguagem que se produzem e se colocam em ação os mecanismos e as estratégias de identificação e de diferenciação que estão na base das hierarquizações e desigualdades sociais. É, então, na linguagem que se constroem os “lugares” nos quais indivíduos e grupos se posicionam ou são posicionados por outros, é nela que operam os sistemas simbólicos que nos permitem entender nossas experiências e definir aquilo que nós somos ou pensamos ser (MEYER; SOARES, 2005, p. 40).

A partir dessa perspectiva torna-se relevante investigar os discursos e práticas que constituem os sujeitos, além de olhar para as lutas por representação empreendidas pelos diferentes grupos sociais (LOURO, 2004c). Olhar para as práticas privilegia um entendimento específico de poder. Nesse referencial interessa

(...) estudar o poder, de certo modo, do lado de sua face externa, no ponto em que ele está em relação direta e imediata com o que se pode denominar, muito provisoriamente, seu objeto, seu alvo, seu campo de aplicação, no ponto, em outras palavras, em que ele se implanta e produz seus efeitos reais (FOUCAULT, 1999, p. 33).

É importante tensionar as condições de produção do conhecimento, explicitando a parcialidade de uma dada forma de conhecer. Estas dúvidas podem provocar algumas inseguranças ou negar as certezas metodológicas, mas também permitem ampliar o entendimento do que seja possível e/ou desejável de ser pensado em educação.

De quais lugares permito-me pensar determinados assuntos? Frequento estádio (no singular, apenas o Olímpico), desde os cinco anos de idade, mas não é isso que me autoriza a fazer as análises que me proponho. Se jogar e torcer são coisas distintas (DAMO, 2005), pesquisar e torcer também. Não olhei e pensei o estádio Olímpico na pesquisa da mesma forma que faço quando vou ‘apenas’ para torcer. A experiência no estádio de futebol não é suficiente para pesquisar representações de masculinidades nesse contexto¹².

¹¹ “(...) precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas” (FISCHER, 2001, p. 198)

¹² “A experiência cotidiana não é sistemática, e até que a cultura apareça retratada coerentemente no texto etnográfico [no meu caso, quase isso], um longo caminho há que ser percorrido” (CALDEIRA, 1988, p. 136-7).

Implicações do pesquisador

Para localizar-me nesse trabalho, entendo ser necessário marcar desde o início minha vinculação com as torcidas de futebol (uma só, a do Grêmio¹³). Com isso construo uma tentativa de explicitar meu envolvimento com o tema e alguns dos atravessamentos que me possibilitam questionar minhas próprias interpretações, ou mais do que isso, que possibilitem ao leitor agregar a sua interpretação ao material que apresento. Uma localização que, nesse contexto, considero importantíssima¹⁴.

Nessa investigação procurei olhar uma prática que atravessa minhas construções identitárias. Não pesquisei as práticas dos outros, ou como os outros sujeitos se constroem como masculinos nos estádios de futebol. Aqui investiguei, tensionei e problematizei uma prática que me constitui como sujeito, mas sem fazer disso um exercício de análise ou confissão. Não penso ser possível outro tipo de postura com os objetos que nos propomos a pensar em uma pesquisa¹⁵.

Esse tipo de investigação apresenta o risco de tomar algumas práticas como óbvias ou dadas.

Condições à primeira vista mais favoráveis – manejo da língua, facilidade de acesso, informações prévias – podem transformar-se em obstáculos, pois muitas vezes a familiaridade, nestes casos, não é senão o resultado de idéias preconcebidas, deformadas, quando não totalmente errôneas. A precaução, aqui, é no sentido inverso: trata-se de transformar o ‘familiar’ em ‘estranho’ (MAGNANI, 1998, p. 18).

Não entendo a prática de pesquisa como uma ação evolutiva que faça o sujeito sair de uma posição de ignorância para uma de conhecimento e que após esse processo de idas e vindas, ele ou ela saiam com o conhecimento que tinham mais o conhecimento adquirido¹⁶. A prática de pesquisa ganha importância, sabor, cores, excitação, enfim, adquire sentido quando se transforma em uma experiência¹⁷.

Essas experiências, nossas vinculações teóricas e afetivas é que nos permitem chegar a conclusões (parciais), escolher possibilidades e mesmo entender o que é passível de ser ou

¹³ Esse meu vínculo evidenciou-se algumas vezes. Em meu diário de campo registrei que o Grêmio empatou o jogo contra o Esportivo com um “golaço” de Roger.

¹⁴ Nesse contexto “a interpretação será sempre, desde então, interpretação através do ‘quem?’; não se interpreta o que há no significado, mas, no fundo, quem colocou a interpretação. O princípio da interpretação nada mais é do que o intérprete” (FOUCAULT, 2000, p. 49).

¹⁵ “Qual é o grau de paixão que se necessita ter com o problema, para que aceitemos ficar, por um longo tempo, estudando e pensando sobre ele?” (CORAZZA, 2002, p. 110).

¹⁶ Penso que “uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; (...) uma maneira de fazer amigas/os e cultivar inimigas/os; (...) uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida” (CORAZZA, 2002, p. 124).

¹⁷ Jorge Larrosa entende a experiência como “o que se adquire pelo modo como se vai respondendo àquilo que se passa ao longo da vida e o que vai conformando o que alguém é” (2002, p. 141).

não investigado. Escrever uma dissertação em primeira pessoa, não é uma demonstração da capacidade intelectual de um sujeito autônomo, mas é uma forma de inscrição.

Dagmar Meyer e Rosângela Soares (2005), a partir do filme *Um amor quase perfeito*, discutem uma cena que parece ser bastante ilustrativa para os propósitos dessa argumentação. Elas comentam uma passagem em que uma personagem insiste em repetir a mesma pergunta para um homem que por fim questiona se essa precisa de legendas. As autoras dizem que mesmo olhando a tudo e a todos, essa personagem não via as mesmas coisas que os outros integrantes da cena. Esse é um questionamento importante para pensar essa pesquisa e esse esquema tático preparado para enfrentar os problemas (ou adversários). Nos estádios, o que cantam os torcedores? O que interpretarei de suas canções é a mesma interpretação que eles têm ou fazem? E o que dirão os mediadores especializados? Importa verificar a coincidência entre minha interpretação como pesquisador e a interpretação dos torcedores (inclusive a minha como torcedor)?

Pesquisar os estádios de futebol, lugar tantas vezes frequentado por mim implicou alguns investimentos. Foi necessário produzir um olhar situado, de dúvida, disposto a conhecer outras atitudes. Seria eu um estrangeiro no Beira-Rio? E no Olímpico, seria produtivo pensar meu lugar de estrangeiro justamente ali? Qual a possibilidade de ser estrangeiro ou de se propor ‘de fora’ nesse contexto tão familiar?

Ter frequentado os dois estádios constituiu-se em uma escolha acertada. Mesmo que já tivesse frequentado diversos Gre-Nais (todos no Olímpico) e escutado diversos cânticos da torcida do Internacional, ouvi-los de ‘dentro’ foi uma experiência bastante distinta. Afora a sensação de ser um intruso, um infiltrado e um medo paranoico de ser reconhecido¹⁸, os cânticos tão comumente escutados no Olímpico adquiriram outro sentido. Definitivamente, cantar ou escutar o mesmo cântico são experiências bastante distintas. A experiência no Beira-Rio foi fundamental para um maior estranhamento do campo de pesquisa. O estranhamento é produtivo por permitir certo distanciamento das práticas, aparentemente, tão comuns, ‘normais’. A distância é “necessária para se surpreender com o que parece evidente, e é bem difícil dar-nos conta disso quando trabalhamos sobre um universo social do qual nós mesmos fazemos parte” (BROMBERGER, 2008, p. 243).

¹⁸ Temi um pouco pela minha segurança no final do jogo contra o Veranópolis. Um sujeito ficou muito próximo de mim durante alguns minutos e quando a partida acabou saiu em direção a outros integrantes da Popular. As pessoas que estavam comigo sugeriram que eu não saísse dali por algum tempo. Encontrei um grupo de policiais e posicionei-me próximo deles. Deixei o Beira-Rio às 23h 52 acompanhando o movimento dos policiais. Pensei que havia sido reconhecido como gremista, depois pensei que pudesse ser apenas um assalto por meu mp3. Em conversas com conhecidos colorados, esses acreditavam que eu poderia ter sido confundido com um jornalista, figura não muito querida nesse ambiente.

Mesmo que no Beira-Rio e no Olímpico muitas práticas sejam bastante semelhantes, nessa estada engajada nos estádios de futebol, as sensações foram diferenciadas. Ir aos dois estádios não produziu dois ambientes de pesquisa separados, um estranho e um familiar. Mas a partir da ida ao Beira-Rio, consegui catalisar o estranhamento do Olímpico. Ao retornar ao Olímpico, os cânticos ‘comuns’ ou ‘normais’ adquiriram outro sentido.

Na perspectiva teórica em que esse trabalho se insere as práticas culturais são entendidas como textos a serem analisados em sua materialidade. As representações são sempre *traço, marca visível*. Não se busca o sentido oculto das coisas, ou a intenção ‘real’ de quem enuncia uma frase ou uma proposição, mas problematiza-se que ditos são possíveis em determinados contextos. O que é dito também auxilia na ‘identificação’ do não-dito. O que aparece como verdade nos estádios de futebol? Quais são as masculinidades ‘verdadeiras’ nesse contexto?

Para dar conta destas indagações, realizei uma análise cultural. Segundo Maria Lúcia Wortmann, as análises culturais “assumem a incumbência de fazer incursões a diferenciadas produções/instituições culturais para nelas perceber alguns dos movimentos e das lutas, nas quais se processa, por exemplo, a atribuição de significados para determinados sujeitos, situações e questões” (2005, p. 63). As representações de masculinidades que aparecem nos estádios de futebol não devem ser utilizadas para produzir generalizações sobre essas possibilidades de vivências culturais. Limitei-me a visualizar, ou pretendi visualizar, dentro de um contexto cultural específico, como se produzem posições-de-sujeito para os torcedores.

O entendimento de cultura, neste caso, aponta para o

(...) conjunto de códigos e de sistemas de significação lingüística, através dos quais se atribuem sentidos às coisas, sentidos esses que são passíveis de serem compartilhados por um determinado grupo (...) [a cultura] é ativamente produzida e modificada, ou seja, poderíamos pensá-la como o conjunto de processos pelos quais se produz um certo consenso acerca do mundo em que se vive (MEYER et al, 2006, p. 1337-8).

Novamente reforço o caráter histórico e provisório dessa investigação que trabalha com interpretações de interpretações. Para Geertz, “a análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta do Continente dos Significado e o mapeamento da sua paisagem incorpórea” (1989, p. 30-1). Esse tipo de

investimento teórico trabalha com a sua provisoriedade, mas também com a falta de completude de outros trabalhos.

Em vez de seguir uma curva ascendente de achados cumulativos, a análise cultural separa-se numa seqüência desconexa e, no entanto, coerente de incursões cada vez mais audaciosas. Os estudos constroem-se sobre outros estudos, não no sentido de que retomam onde outros deixaram, mas no sentido de que, melhor informados e melhor conceitualizados, eles mergulham mais profundamente nas mesmas coisas. Cada análise cultural séria começa com um desvio inicial e termina onde consegue chegar antes de exaurir seu impulso intelectual (GEERTZ, 1989, p. 35).

Entendo que uma das principais dificuldades na construção de uma investigação acadêmica está posta na produção da metodologia a ser utilizada para a construção do material empírico. Ir aos dois estádios e fazer exatamente o quê? Como saber a forma adequada de atuar nos estádios? Ficar observando? Fazer entrevistas? Conversar com os dirigentes, os jornalistas?

Entre as escolhas, permiti-me fazer alguns usos de uma etnografia pós-moderna, da forma como esta vem sendo utilizada nas pesquisas em educação, com observações participantes (no caso dos jogos do Grêmio talvez tenham sido mais participações observantes) e construção de diários de campo. Assumi, para além das transcrições e relações, um esforço em descrever os acontecimentos nos diários de campo (GEERTZ, 1989). Como já salientei, trabalhei com a noção de que o material aqui exposto não é “a realidade” dos estádios de futebol, mas são as marcações que entendi significativas durante as observações, face a meu problema específico de investigação. Penso que minhas interpretações transitam entre o que Geertz entende por primeira e terceira mão, pois a condição, em campo, de nativo e pesquisador esteve borrada em diferentes momentos.

Não é todo torcedor de estádio de futebol que está preocupado com as construções de masculinidades que ali ocorrem. O problema não existe dado nos estádios. Com isso reforço a necessidade da produção de um método de investigação específico, procurando ressaltar a forma de olhar e questionar as práticas como sendo a maior potência ou inquietação dessa investigação.

Caminhos de investigação ou formas de ‘jogar’

Arlei Damo (2006) entende que o futebol se divide em quatro categorias de agentes: os profissionais, os torcedores, os dirigentes e os mediadores especializados. Os profissionais seriam os jogadores, treinadores e preparadores envolvidos com os jogos. Os torcedores se constituem no público que pode ser dividido em diferentes formas: se frequentam ou não os

estádios; que locais dos estádios frequentam; se assistem aos jogos sozinhos ou em grupos; seu interesse ou envolvimento durante os jogos. Os dirigentes podem ser profissionais ou amadores filiados aos clubes ou as federações. Os mediadores especializados (ou simplesmente especialistas) são profissionais que trabalham na espetacularização do futebol e produzem narrativas sobre os eventos futebolísticos. Esses mediadores são responsáveis por grande parte dos espaços jornalísticos como a televisão, rádios e jornais impressos. Eles podem ser profissionais da comunicação ou ex-atletas e ex-dirigentes que teriam a função de ‘explicar’ os eventos para o público que de alguma forma não seria ‘apto’ a lê-los sozinho. Essas quatro categorias de agentes podem ser borradas em diversas situações. Para não ficar apenas com as impressões dos torcedores, pareceu-me produtivo analisar jornais¹⁹ da cidade de Porto Alegre, nos dias de jogos e posteriores, com objetivo de observar como os mesmos ‘preparam’ o ambiente do estádio de futebol e depois como interpretam os fenômenos que lá ocorreram.

A seleção desses diferentes materiais, as manifestações das torcidas nos estádios e os textos veiculados em jornais, pretendeu representar diferentes vozes desse contexto. A ideia é partir desses diferentes olhares para produzir um outro olhar sobre as representações de masculinidades que ali aparecem.

Não tive qualquer pretensão de identificar quem ou que fonte manifestou impressões mais corretas dos cânticos, das atitudes, das palavras faladas, escritas, gritadas... mas simplesmente registrar o que se diz ou o que é possível dizer sobre masculinidades nesses espaços, registrar, enfim, que representações de masculinidade circulavam neste espaço.

Mas o que observar nesse imenso mundo que são os estádios de futebol? Procurei observar as ações dos torcedores durante os jogos, observá-los enquanto grupo, ver quais ações realizam coletivamente. Olhar esses dois atores sociais: ‘torcida do Internacional’ e ‘torcida do Grêmio’ em dias de jogos em seus respectivos estádios. Optei também por não fazer entrevistas pela dificuldade de escolher atores privilegiados e, principalmente, por meu interesse em observá-los como multidão, ou seja, interessava-me conhecer quais comportamentos são permitidos e autorizados nesse contexto específico, em grupo.

Ao pensar em multidão não a entendo como um todo unificado²⁰, mas como um conjunto de pessoas, um coletivo que permite ou autoriza alguns comportamentos ao mesmo tempo em que rechaça tantos outros. Olhar para a multidão implica procurar localizar quais

¹⁹ “A mídia tem sido considerada um lugar privilegiado de circulação de discursos em nossa sociedade, logo, importante para as construções identitárias” (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002, p. 45).

²⁰ Cf. Rude, 1991.

falas são possíveis, o que os sujeitos autorizam-se a gritar e quais gritos são rechaçados. Olhar para esse coletivo de pessoas é enxergar certa unidade nas manifestações. Não se trata de transformá-los em uma só voz, “pelo fato dos torcedores integrarem uma mesma comunidade afetiva não implica que as diferenças sejam suprimidas” (DAMO, 2005, p. 404), mas pensar que naquele momento, o atravessamento de torcedor de futebol é o mais significativo para identificação entre os sujeitos, garantindo certo grau de unidade, promovendo um sentimento de pertença. As próprias falas individuais podem ser pensadas como atravessadas por esse ‘controle’ ou distribuição de possibilidades da multidão, uma vez que nem tudo é dito nos estádios. Nos estádios, as “expressões individuais são ao mesmo tempo singulares e culturalmente determinadas” (TURNER, 1997, p. 52).

Essa observação foi realizada a partir de um entendimento de que o sujeito individual que se manifesta nos estádios de futebol ocupa um determinado lugar nessa ordem discursiva. Tal qual um matemático, entendo que o torcedor possa utilizar a primeira pessoa do singular sabendo que “o ‘eu’ designa um plano e um momento de demonstração que qualquer indivíduo pode ocupar, desde que tenha aceitado o mesmo sistema de símbolos, o mesmo jogo de axiomas, o mesmo conjunto de demonstrações prévias” (FOUCAULT, 1992, p. 55). O conceito de sujeito é que me permite optar pelas manifestações coletivas. Busco apoio em Foucault: “sem negar nem o sujeito nem o homem, somos obrigados a substituir o sujeito individual por um sujeito coletivo ou trans-individual” (FOUCAULT, 1992, p. 74). Esse entendimento permite-me recortar o objeto investigado com maior precisão. O que o sujeito torcedor faz nesse contexto específico (estádios de futebol) em um momento específico (durante as partidas).

Nos estádios de futebol as participações em gritos coletivos, ou individuais obedecem a indicativos coletivos onde “ritos orais (...) põem em ação somente sentimentos e idéias coletivas, e têm até a vantagem de nos deixar entrever o grupo, a coletividade em ação ou mesmo interação” (MAUSS, 1979, p. 149). Permito-me pensar que os torcedores ao gritarem estariam ligados a uma espécie de doutrina como entendida por Michel Foucault, ou seja, algo que “liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; (...) ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros” (2006, p. 43). Essa doutrina ligaria os torcedores entre si, pois nessas práticas “aparentemente, a única condição requerida é o reconhecimento das mesmas verdades e a aceitação de certa regra – mais ou menos flexível – de conformidade com os discursos validados” (FOUCAULT, 2006, p. 42).

Esta pesquisa me permitiu pensar em um certo tipo de currículo de masculinidade e também um currículo de torcedor de futebol. Tal currículo apontaria para processos educativos, quase sempre não formais, que permitem que os sujeitos se coloquem em determinada comunidade afetiva, em determinado grupo identitário. Uma das formas mais significativas de mostrar esse pertencimento é através de marcas corporais, que no caso das torcidas de futebol fica evidente na utilização das camisetas dos respectivos clubes. O entendimento de educação na produção dos sujeitos de um determinado discurso implica pensar que existe um processo de aprendizagem para entrar em uma determinada prática discursiva.

A opção por investigar os sujeitos coletivos, nas torcidas de Internacional e Grêmio, aponta para um entendimento importante da análise.

Ao analisar um discurso – mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual -, não estamos diante da manifestação de *um* sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem (FISCHER, 2001, p. 207).

O estádio de futebol poderia ser pensado como um local onde se instalam novas discursividades, uma ‘cultura específica’? Ou seria melhor pensado se entendêssemos que ele é um dos lugares de nossa ‘cultura comum’, com algumas especificidades? Entendo que em ambas as possibilidades, os cânticos, os xingamentos, os cheiros e os figurinos possibilitam fazer uma leitura sobre que discursos são acionados nas manifestações dos sujeitos, uma vez que

(...) o sujeito social que produz um enunciado não é uma entidade que existe fora e independentemente do discurso, como a origem do enunciado (seu autor/sua autora), mas é, ao contrário, uma função do próprio enunciado (...) os enunciados posicionam os sujeitos – aqueles que os produzem, mas também aqueles para quem eles são dirigidos (FAIRCLOUGH, 2001, p. 68).

Olhar mais para o que foi dito do que quem disse pretende se aproximar do entendimento da produção dos discursos e de suas formas de distribuição, assim como diz Foucault:

(...) suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (2006, p. 8-9).

Ouvir as falas ditas coletivamente pelos sujeitos anônimos, ou pelos sujeitos nomeados apenas de gremistas ou colorados, potencializa a verificação das distribuições das práticas discursivas. Que falas individuais se tornam coletivas? Como se resiste a uma fala individual? “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em

qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2006, p. 9). Torcer é entrar em uma ordem discursiva e torcer em um estádio de futebol exige do sujeito que quiser essa identificação atitudes específicas, “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2006, p. 37).

Além dos cânticos e xingamentos, utilizei-me da opção metodológica de Arlei Damo, também em pesquisa em estádios de futebol, e procurei observar “os ditos individuais, contextualizando-os em relação a outros ditos e ao jogo, e não propriamente em relação ao sujeito que os enunciou” (2005, p. 387). O autor destaca que nos estádios de futebol existe a permissão da expressão pública de sentimentos que em outros contextos estariam interditos. Ele entende ser um equívoco pensar que tudo possa ser feito ou dito em um estádio de futebol²¹. As atenções da investigação e do olhar estiveram voltadas às manifestações, para “o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento” (FOUCAULT, 2003, p. 255).

Para sistematizar minhas observações fiz uso de um mp3, onde gravava minhas impressões nos estádios. Com o auxílio da gravação produzi oito diários de campo com descrições densas da participação dos torcedores durante as partidas. Após selecionar os textos dos jornais que falavam sobre as partidas, transcrevia-os para um arquivo onde fiz minhas consultas para a escrita da dissertação.

Escolhi observar jogos da primeira fase do Campeonato Gaúcho por acreditar que eles são eventos de ‘menor excitação’. Como observa Arlei Damo, “é preciso estar atento, pois apenas alguns jogos são ‘absorventes’. Outros são ‘desinteressantes’ e há também os ‘meia-boca’, como dizem os torcedores” (2005, p. 404). A escolha pelos jogos “meia-boca” foi teórica e política. Entendo que esses ‘jogos comuns’ permitem enxergar o que se poderia chamar de ‘cotidiano’ dos estádios de futebol. Jogos com menor público ou que o resultado seja mais previsível ajudam a visualizar quais narrativas são produzidas e qual o comportamento da torcida nessas partidas ‘menores’. Busco com essa escolha indagar o que acontece nos jogos comuns, nas vitórias, jogos narrados pelo viés de apenas um clube. Jogos em que o adversário, supostamente, importa menos. Parece evidente que “há jogos frívolos (...), em relação aos quais quase não há manifestações dos torcedores, pouco importa o resultado” (DAMO, 2005, p. 414). Mas são essas supostas “poucas manifestações dos torcedores” que me interessam. É pensar o que circula no estádio em momentos de ‘menos emoção’. Quais são as práticas que ocorrem em dias comuns. Parece-me mais interessante

²¹ “(...) num estádio não se diz tudo o que se quer, senão que há códigos morais e estéticos relativamente precisos modulando a expressão pública dos sentimentos” (DAMO, 2005, p. 387-8).

observar, por exemplo, a relação entre as torcidas de Grêmio e Internacional em jogos que os dois não estejam diretamente envolvidos, saber qual a relação entre as duas torcidas em um jogo que não é o grande confronto entre essas.

Nos jornais selecionados, observei dois conjuntos de textos diferentes: os veiculados pelas equipes de marketing dos clubes e os dos jornalistas, tanto os que anunciam a partida como os feitos pelos comentaristas. Esses textos permitiram-me problematizar a forma como os torcedores são convocados a participarem dos jogos de seus clubes e quais narrativas são produzidas pelos mediadores especializados sobre os jogos que observei.

Estádios de futebol

Assim como “un verdadero espectador de telenovelas deberá formarse en años, no en semanas” (MIRZOEFF, 2003, p. 41), os torcedores de futebol que frequentam os estádios são produzidos ao longo de diferentes jogos e situações. Os cânticos repetidos, performances executadas, emoções explicitadas são didaticamente empregados, produzindo uma lógica de atitudes fundamental para o tipo específico de fruição dos espetáculos futebolísticos nos estádios.

Nessa pesquisa não se tratou de estádios quaisquer. Os estádios em questão foram o José Pinheiro Borda, Beira-Rio, do Internacional, e o Olímpico Monumental, Olímpico, do Grêmio. Tive bastante facilidade para acessar as pessoas no Internacional que me permitiram assistir aos jogos. Já em dezembro de 2007 confirmei minha presença em quatro partidas da primeira fase do Campeonato Gaúcho de 2008. No Grêmio, por uma indefinição política²², acabei confirmando minha presença nos jogos na semana que antecedia o início do Campeonato.

No Beira-Rio

Naquela quinta-feira, 24 de janeiro de 2008 fui pela primeira vez assistir a um jogo do Internacional no Beira-Rio. Minhas experiências anteriores marcavam apenas jogos do Internacional no Olímpico, em clássicos Gre-Nais. Ao Beira-Rio tinha ido apenas uma vez para assistir a final da Copa Libertadores da América de 2005, entre São Paulo e Atlético

²² Em dezembro, o presidente do clube, Paulo Odone, não havia confirmado se permaneceria no clube ou se renunciaria para assumir a Grêmio Empreendimentos, empresa a ser criada para a construção do novo estádio do clube.

Paranaense. Saí de casa em direção ao shopping Praia de Belas, pouco depois das dezenove horas (pelo horário de verão) com muito sol e calor. Antes de ir ao Beira-Rio consultei alguns colorados para saber se era adequado ou não ir ao estádio de calça jeans azul. Meus ‘informantes’ tiveram dificuldade em responder tal indagação. Não sei se ela era óbvia demais ou se era daquelas ações que de tão naturalizadas são difíceis de serem pensadas. Os colorados, frequentadores do Beira-Rio (precisava de uma informação inequívoca!), acabaram afirmando ser possível ir de jeans azul (afinal de contas as calças jeans são azuis!). Mas não consegui, coloquei minha única calça jeans marrom. Acompanhado da calça de tão difícil escolha, uma camiseta de algodão vermelha, tentando produzir o figurino que pudesse deixar-me o mais invisível possível naquele lugar. Antes de ir diretamente para o estádio, parei no shopping para comprar ingressos de teatro e talvez para ter certeza que não desistiria de tal imersão. Minha orientadora sugeriu que eu ficaria admirado com o mar vermelho. Eu estava com medo de ser engolido por tal mar.

Saindo do shopping pensei em ir a pé ao Beira-Rio, mas fiquei com preguiça e resolvi pegar um ônibus. O cenário do pôr-do-sol do Guaíba observado do parque era assustadoramente encantador, assim como ver todas aquelas pessoas de camiseta do Internacional era ‘quase bonito’. Todos em direção ao Beira-Rio. Não sabia que ônibus ao lado do parque levaria até o estádio e qual deles faria a curva na Avenida José de Alencar. Não foi difícil escolher um ônibus, afinal os passageiros indicavam com seus figurinos vermelhos que o caminho era apenas um.

Ao chegar ao estádio fui buscar minha credencial. Mais uma vez muito bem atendido pelos funcionários do Sport Club Internacional. Solicitei desde meus primeiros contatos com o clube uma credencial para observar a torcida de forma bastante genérica. Minha credencial autorizava a entrada pelo portão 7, o do placar, onde localiza-se a torcida Popular²³. Após uma breve demora, onde o porteiro verificou por rádio a validade de minha credencial, entrei no Beira-Rio antes das vinte horas. O estádio estava vazio e com muito, muito vento. Passei um frio que não esperava no início daquela noite de verão.

O estádio Beira-Rio possui dois anéis. O anel inferior é dividido entre sociais e arquibancadas inferiores. O anel superior divide-se entre arquibancadas superiores e cadeiras.

²³ Popular do Internacional e Geral do Grêmio são hoje as principais torcidas diferenciadas dos dois clubes. Utilizo o termo diferenciada e não organizada porque, tanto a Popular quanto a Geral, apesar de situarem-se sempre nos mesmos locais do estádio e apresentarem comportamentos recorrentes, não possuem algumas características das tradicionais torcidas organizadas como sócios ou uniformes da torcida, por exemplo (cf. TOLEDO, 1996). Essas torcidas são identificáveis por seus comportamentos diferenciados em relação aos demais torcedores, inclusive as organizadas como a Super Fico e a Camisa 12 do Internacional e a Super Raça e a Torcida Jovem do Grêmio.

Essa separação geográfica também diferencia o público pelo valor do ingresso. O sócio do Internacional pode acessar diferentes locais do estádio, exceto cadeiras (onde existem diversas divisões e uma modalidade de sócio específica) e camarotes que ficam entre as arquibancadas inferiores e superiores. Um importante marcador espacial dos estádios de futebol são as goleiras. A partir do portão 7 visualiza-se a goleira onde *Dom* Elias Figueiroa marcou o gol da final do Campeonato Brasileiro de 1975, o primeiro título da competição conquistado por uma equipe de Porto Alegre. Se pensarmos em locais visíveis fora do estádio, podemos dizer que para quem olha o Beira-Rio desde o Rio Guaíba, essa goleira fica próxima da quadra da Escola Imperadores do Samba. A goleira do lado oposto é a do Gigantinho ou a da bandeira do Internacional. É também a goleira que Pedro Júnior marcou o gol de empate e do título do Grêmio na final do Campeonato Gaúcho de 2006, o primeiro (e até aqui único) do milênio a ser decidido em um clássico Gre-Nal. Para quem assiste jogos do Beira-Rio pela televisão, o portão 7 e a Popular ficam a direita.

No Olímpico

Mais uma vez fui ao Estádio Olímpico com meu irmão naquele 21 de fevereiro de 2008 à noite. Pegamos o ônibus T5 na última parada da Avenida Benjamin Constant e conseguimos sentar. Durante o percurso, era evidente o desconforto de alguns dos passageiros ‘comuns’ com o movimento intenso e a tentativa de alguns cânticos já no ônibus. Essa linha de ônibus passa perto dos estádios Olímpico e Beira-Rio, o que faz com que seu público e sua cor sejam diferenciados em função do evento esportivo do dia. Descemos do ônibus na última parada da Avenida Azenha. Cheguei mais tarde do que gostaria em função do trânsito. Atravessamos a Rua Dona Cecília passando por vários torcedores que ficam próximos a esquina com a José de Alencar em frente a um bar. Um número significativo destes fazia ingestão de álcool (cerveja e vinho) ou fumava maconha. Nesse percurso também passamos por alguns torcedores urinando em árvores ou muros. Os cheiros confundem-se nesse ambiente, mas o cheiro de urina ainda destoa um pouco. Tenho a sensação de estar acostumado aos cheiros de bebidas e cigarros, como se esses já ‘fizessem parte do ambiente’. Nesse Campeonato Gaúcho, outro cheiro de grande destaque nas proximidades do estádio Olímpico é o do ‘entrevero’, comida com diferentes tipos de carnes e um cheiro muito agradável. Ainda bem que estava atrasado e havia jantado, assim economizei dinheiro e não corri nenhum risco digestivo. Meu irmão seguiu para as cadeiras, enquanto desloquei-me até um local entre o portão 1 e o Quadro Social para pegar meu acesso.

Entrei no estádio Olímpico pelo portão 1, das sociais, às 21h 20 com a credencial de um funcionário do Grêmio. Ter entrado com esse funcionário liberou-me, inclusive, da revista policial. O estádio Olímpico também possui dois anéis. O superior é quase todo composto por cadeiras (apenas a área destinada aos torcedores da equipe adversária é composta por assentos sem encosto) e é dividido entre os sócios-locatários de cadeiras (para esse espaço também se vendem ingressos de cadeira especial), as cadeiras laterais, que ficam atrás das goleiras (geralmente é em um desses espaços que fica a torcida adversária) e em frente as cadeiras dos sócios, localizam-se as cadeiras centrais. Os ingressos para o anel superior são os de custo mais elevado. Quem atravessa a Rua Dona Cecília e passa pelo Largo dos Campeões encontra, seguindo em frente, os portões 1, 2 e 3. Os portões dois e três dão acesso ao setor dos sócios-locatários de cadeiras. O anel inferior é dividido em apenas duas partes, as sociais e as arquibancadas. Para quem assiste aos jogos do estádio Olímpico, pela televisão, o posicionamento das equipes de transmissão fica acima das sociais e dos sócios-locatários. Duas avenidas passam ao lado do Estádio Olímpico ‘atrás’ das goleiras. São elas a Dr. Carlos Barbosa e a Cel. Gastão Haslocher Mazon, chamada popularmente de Cascatinha. Foi na goleira da Carlos Barbosa que o jogador Aílton fez o gol do segundo título do Campeonato Brasileiro conquistado pelo Grêmio. E foi na goleira da Cascatinha que o argentino Riquelme, infelizmente, fez os gols do Boca Juniors na final da Libertadores da América de 2007.

Além de ter determinado quais estádios essa pesquisa tomou como objeto, explícito ou destaque que a investigação das representações de masculinidades não se fez em ou com genéricas torcidas de futebol, mas nas torcidas de Internacional e Grêmio. Os torcedores da dupla Gre-Nal possuem suas especificidades, como a rivalidade, que aparece como um elemento constituidor de grande parte das significações e dos entendimentos de pertencimento. Antecipadamente, eu supunha que, pelo menos sob alguns aspectos, as torcidas de Grêmio e Internacional não eram muito diferentes entre si no que diz respeito a diferentes marcadores sociais ou, mais especificamente, em relação à masculinidade, que é o foco deste estudo. Mas entendi que não olhar para as duas torcidas poderia significar perder algo dessa construção de identidade e diferença num contexto de forte rivalidade. E não como uma rivalidade que, necessariamente, distingue entre ‘bons’ e ‘maus’, mas uma rivalidade que “traz em si uma dose de admiração e de inveja. Só rivalizamos com quem tenha algo que desejamos possuir ou superar” (HELAL, 2006, p. 167). Um rival produtivo que permite a

manutenção dos confrontos e a produção e circulação de significados sobre identidade e diferença.

Não pretendi investigar as torcidas da dupla Gre-Nal em qualquer contexto, mas nos dias de jogos, dentro de seus estádios. Christian Bromberger salienta que durante as partidas (ou outros eventos esportivo) aparecem “as dimensões salientes da experiência social e cultural (a relação com o corpo, a afirmação das identidades, o lugar da competição nas sociedades contemporâneas, as novas formas de heroísmo...)” (2008, p. 241). Entendo os estádios de futebol como instituições que possibilitam determinadas práticas e não outras. O que procurei visualizar nesse contexto foram às ações que produzem determinadas representações de masculinidades por esses sujeitos coletivos: ‘torcida do Grêmio’ e ‘torcida do Internacional’.

Sujeitos coletivos envolvidos em uma festa! Esse entendimento permite borrar algumas fronteiras, como a de público e privado. No estádio se está, ao mesmo tempo, em casa e no espaço público. Rita Amaral (2001) comenta que nas festas acontece uma diminuição da distância entre os indivíduos, uma “efervescência coletiva” e transgressão de algumas normas coletivas. Nem tudo é permitido nas festas, assim como as identidades individuais não são apagadas. A ideia da festa permite pensar que as hierarquias entre os sujeitos mudam, que ações condenáveis em ambientes ‘sérios’ são permitidas. A autora comenta que para Durkheim, nas festas, assim como na religião, o indivíduo passa a ser nomeado pelo coletivo. Seria o futebol um espetáculo ou uma festa? Talvez os dois. Por mais que apenas os jogadores joguem, as arquibancadas e as cadeiras também produzem o seu modo de participação e até mesmo de espetáculo. Torcer não é apenas assistir. Assistir o jogo é apenas uma das possibilidades da festa nos estádios. *“Inter, estaremos contigo/ Tu és minha paixão/ Não importa o que digam/ Sempre levarei comigo/ minha camisa vermelha/ e a cachaça na mão!/ O gigante me espera/ para começar a festa!/ xalaialaiaa .../ você me deixa doidão/ xalaialaiaa .../ Inter do meu coração²⁴”*

Nesse contexto específico, “deve o campo ser considerado um mero lugar onde podemos observar a comunicação em ação, ou deve ser encarado como um contexto sem o qual essa comunicação sequer apareceria?” (WINKIN, 1998, p. 144). Não estudei efetivamente os estádios de futebol, porém, as possibilidades de ser um sujeito ‘anônimo’, de ter suas múltiplas identidades subordinadas à identidade de torcedor de futebol e colocar-se em ação de forma coletiva, podem ser entendidas como especificidades dos estádios. É

²⁴ A forma gráfica como escrevi as letras dos cânticos é igual a dos sites das torcidas Popular do Internacional (<http://www.guardapopularcolorada.com/>) e Geral do Grêmio (<http://www.ducker.com.br>).

provável que o que se potencializa nos estádios de futebol não seja o mesmo que se potencializa aos torcedores de futebol em um bar ou em outros lugares.

Durante os jogos observados, nas duas torcidas, observei diferentes “pedaços” do estádio para ver as diferenças entre os torcedores do mesmo clube em “pedaços” distintos. Utilizo o conceito de “pedaço” tal qual proposto por José Guilherme Cantor Magnani, a partir dos estudos do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da USP. Magnani criou o conceito de “pedaço” no contexto de bairros periféricos, onde “a noção de *pedaço* (...) supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles” (MAGNANI, 2002, p. 20, destaque do autor).

O conceito sofreu uma pequena alteração quando as pesquisas da NAU voltaram-se para os bairros centrais (...) foi possível constatar que os freqüentadores desses ‘pedaços do centro’ não necessariamente se conhecem (como ocorria no bairro), mas se *reconhecem*: venham de onde vierem, trazem na roupa, na postura corporal, na linguagem, os sinais exteriores de seu pertencimento. Por causa dessa ênfase mais nos aspectos simbólicos, aqui o pedaço é menos dependente da variável territorial: se for o caso, muda-se de ponto e pronto (MAGNANI, 1998, p. 12).

Nos estádios de futebol os torcedores desses diferentes “pedaços” estão identificados por códigos éticos e estéticos. Penso que o conceito de “pedaço” é importante no contexto dos estádios de futebol a partir do entendimento de que “o componente espacial do *pedaço*, ainda que inserido num equipamento ou espaço de mais amplo acesso, não comporta ambigüidades desde que esteja impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica” (MAGNANI, 2002, p. 22).

O entendimento de diferentes “pedaços” é potente também ao pluralizar as ações dos torcedores em diferentes locais. O componente espacial do conceito de “pedaço” também ganha relevância nos estádios. Geral e Popular colocam faixas para ‘demarcar geograficamente’ o seu “pedaço”. Além dessa marcação e da diferença de preço dos ingressos, a própria arquitetura dos estádios modifica sensivelmente as possibilidades de fruição do espetáculo. O único lugar do Olímpico em que é possível ocorrer uma avalanche²⁵ é nas arquibancadas. As sociais possuem bancos que impede que os torcedores corram²⁶. Provavelmente as sociais do Beira-Rio é o local mais confortável para assistir aos jogos da dupla Gre-Nal no anel inferior de ambos os estádios. Ao mesmo tempo, as confortáveis cadeiras com braços dificultam que os torcedores pulem abraçados de um lado a outro como ocorre na Popular. Os cânticos coletivos, especialmente os que conseguem ser acompanhados

²⁵ Avalanche é o movimento em que os torcedores da Geral correm para baixo em direção ao muro após os gols do Grêmio.

²⁶ Diferentemente do Beira-Rio, onde os sócios que querem torcer com a Popular passam a grade que separam as sociais das arquibancadas inferiores, no Olímpico, muitos sócios localizam-se exatamente ao lado da Geral, mas nas sociais por certo medo ou receio da avalanche. Foi desse local que acompanhei Grêmio e Esportivo.

pela maioria do estádio, quase todos partem da Geral e da Popular. Neles é possível observar construções de identidade e diferença, representações de masculinidades, de tradição de amor...

Os “pedaços” que frequentei no Olímpico foram: as cadeiras especiais, no jogo contra o Novo Hamburgo, onde a ‘principal’ atração estava nas tribunas de honra, a atriz Deborah Secco; as sociais, contra o Esportivo, onde fiquei ao lado da Geral que passou o jogo todo alterando seus cânticos; as cadeiras laterais, contra a Ulbra atrás da goleira da Cascatinha, acima da Geral, onde os torcedores conversavam sobre diferentes assuntos e o jogo era apenas um ingrediente daquela socialização; as arquibancadas, contra a Sapucaense, em dia de ingresso liberado para idosos, mulheres e crianças, onde me chamou atenção a quantidade de torcedores que permaneciam sozinhos em meio à multidão. Os cânticos eram coletivos, mas as comemorações dos gols eram feitas individualmente.

No Beira-Rio estive: na Popular, contra o Veranópolis, onde a participação da torcida era feita através dos cânticos, com maior ou menor intensidade dependendo do que acontecia na partida; na superior, contra o Brasil de Pelotas, no dia de ingresso liberado para as mulheres, onde, apesar do grande público, muitos momentos de silêncio marcaram a partida; nas cadeiras, contra o São José, onde os torcedores reclamavam da equipe sistematicamente, mesmo com a vitória; nas sociais, onde foi possível observar que, além do jogo, muitos torcedores preocupam-se em assistir à performance dos torcedores da Popular.

É difícil imaginar o estádio de futebol como um lugar cultural que homogeneíze os sujeitos. Nem mesmo podemos imaginar que as atitudes possuam coerência entre atividades distintas ou momentos diferentes das partidas. Ao mesmo tempo em que se canta o amor incondicional ao time, pode-se vaiar um jogador com atuação que não agrada. O mesmo torcedor poderá cantar que entre time e torcida chovem pingos de amor e antes ou depois (ou antes e depois) pode proferir agressões homofóbicas para a torcida adversária, ao árbitro e também aos jogadores do adversário e de seu próprio time.

3 ALGUNS ENTENDIMENTOS SOBRE FUTEBOL

Futebol é uma caixinha de surpresas. Futebol são onze contra onze. Futebol é jogo de macho. Futebol é injusto. Futebol é uma paixão. Futebol...

Como evento cultural, o futebol possui algumas especificidades em seus funcionamentos. Quando me refiro a futebol, nesse trabalho, penso o *football association*, ou seja, a prática profissional do futebol de espetáculo (o futebol com torcida), onde as confederações nacionais e regionais, assim como os clubes, são filiadas à FIFA (Federation International de Football Association). No caso brasileiro, e também na maioria dos países associados à FIFA, a modalidade do *football association* em questão é a masculina.

Roberto DaMatta (1982a) destaca que, no Brasil, o futebol quase sempre vem precedido da palavra jogo. Os jogos²⁷ sempre envolvem dois clubes. A ampla maioria dos jogos situa-se dentro de campeonatos²⁸ que envolvem um número maior de clubes. Nessa organização do futebol os confrontos não acontecem somente entre os jogadores, mas envolvem diferentes atores que se entendem representados pelas camisetas dos clubes. Nesses jogos e campeonatos entre os clubes, além dos jogadores diretamente envolvidos nas partidas, os torcedores dos distintos clubes, dirigentes e de algum modo, até mesmo os mediadores especializados participam dos enfrentamentos.

Existe uma grande valorização dos confrontos com a convocação dos torcedores para participarem ativamente dos jogos como incentivadores e co-responsáveis pelos resultados. Ao mesmo tempo, aparecem movimentos para ‘amenizar’ ou tentar diminuir o impacto dos jogos na vida dos sujeitos. Talvez esses movimentos possam ser lidos como uma resposta à violência que, por vezes, acompanha a expressão das torcidas. Eventualmente naturalizada, a violência (masculina) pode ‘passar dos limites’ – daí a importância de fazer circular outros discursos, tal como o de *fair-play*²⁹. Essa noção pode tanto ser empregada para os torcedores como para os atletas. Trata-se de um conceito normativo que valoriza as regras do jogo e reforça as hierarquias presentes nos eventos esportivos.

²⁷ Quando estiver falando em ‘jogo’ ou ‘jogos’, sempre me refiro a ‘jogo(s) de futebol’.

²⁸ “(...) na realidade, o <<jogo>> nunca termina; o esporte continua na repetição e sucessão de torneios e campeonatos, o público permanece fiel a seu esporte preferido” (FLORES, 1982, p. 48). Essa sequência de jogos pode implicar na noção de tempo entre o êxito e o fracasso dos clubes: “No mundo do futebol, traumas e alegrias costumam ficar para trás na velocidade do transcurso de uma rodada de campeonato” (FALKOWSKI, 2008a, Contracapa).

²⁹ A definição de *fair play* da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) é a “aceitação sem discussão, das decisões do árbitro (...) vontade de jogar para ganhar, objetivo primeiro e essencial, e pela firme rejeição em conseguir a vitória a qualquer preço” (BETTI, 1997, p. 25).

Os palcos onde ocorrem os jogos possuem representações importantes na cultura do futebol. Os estádios são entendidos como a ‘casa’³⁰, de seus respectivos clubes. Esse entendimento é produtivo quando pensamos nas construções de comunidades afetivas. Roberto DaMatta afirma que leituras pelo ângulo da casa apontam que “todos podem ter sido adversários ou até mesmo inimigos, mas o discurso indica que também são ‘irmãos’ porque pertencem a uma mesma pátria ou instituição social” (1997, p. 19). Historicamente, o índice de aproveitamento das equipes que jogam em seus estádios é muito superior que o dos ‘visitantes’. Existe uma glamourização dessas ‘casas’ que podem ser entendidas como capazes de definir o resultado, muitas vezes atribuídos a alguma mística, outras vezes à tradição e pelos jogos que por ali passaram. Jogar em seu estádio é estar no seu território, nos seus domínios, com o seu povo, é estar no campo em que se treina, significa não precisar viajar, ter o apoio de sua torcida... o que também pode exigir uma postura específica da equipe: “*O Inter fez valer ontem à noite a sua condição de dono da casa*” (BRAGA, 2008a, p. 11).

Uma das especificidades dos enfrentamentos futebolísticos consiste na necessidade ou na valorização tanto do jogo coletivo como do individualismo³¹. Os treinadores talvez sejam os profissionais mais cobrados pelos torcedores e especialistas, além de serem, invariavelmente, os primeiros a correrem o risco de demissão em uma fase ruim. Porém, o principal destaque dado pela imprensa é para os jogadores de maiores atributos técnicos, ‘capazes de decidir o jogo em um lance’, como o dado ao jogador Roger na partida do Grêmio versus o Esportivo: “*Na noite em que as atenções seriam de Celso Roth, quem brilhou foi Roger*” (CORRÊA, 2008a, Contracapa). Nos estádios, os torcedores parecem gritar mais para alguns jogadores que para outros. No Olímpico, além de Roger, o colombiano Perea é mais homenageado que os demais. No Beira-Rio, Nilmar, Fernandão e Guiñazu possuem músicas próprias quando a torcida ‘escala’³² o time.

No futebol brasileiro, diferentes saberes disputam a legitimidade para ‘explicar’ as partidas, os desempenhos, os resultados... Argumentos científicos e supersticiosos convivem,

³⁰ Roberto DaMatta destaca que “o futebol permite juntar o mundo da casa com o universo impessoal da rua” (1982b, p. 17). Arlei Damo entende que “os estádios não são propriamente públicos, nem privados. Em geral, são freqüentados por pessoas acompanhadas e afetivamente próximas” (2005, p. 102).

³¹ Cf. DAOLIO, 2000 sobre a necessidade de que algum jogador livre-se dos esquemas táticos para que a equipe consiga marcar um gol.

³² Chamo de escalação da equipe os cânticos que gritam o nome dos jogadores que iniciaram a partida, o que ocorre tanto no Beira-Rio, quanto no Olímpico.

aparentemente, sem a mesma hierarquia que costumam experimentar em outros espaços, tais como, por exemplo, as universidades³³.

O futebol é um esporte que apresenta grande dificuldade na previsão de resultados, “tornando possível (...) um time inferior tecnicamente superar outro de qualidade superior” (DAOLIO, 2005, p. 12). Os modos de superação desse adversário poderão ser entendidos como múltiplos, incentivando a participação dos torcedores nas arquibancadas (e até mesmo fora dos estádios) para auxiliarem nos resultados de campo, via gritos de apoio ou de desassossego, vestindo uma determinada camiseta (que deu sorte em outro jogo), sentando em um determinado lugar do estádio, levando ou não levando a namorada ou um amigo (pé frio ou pé quente) e também outras explicações³⁴.

Aqui é possível visualizar uma das contradições do discurso futebolístico. Para muitos o futebol, mesmo que as garantias de resultado sejam mínimas, é um planejamento minucioso, desde a contratação de profissionais, até a relação dos times com suas torcidas. É comum escutar dirigentes falando em política de futebol, ao mesmo tempo em que exaltam a ‘imortalidade’ de um clube. Aqui ganha importância a relação, no Brasil, entre futebol e jogo, uma vez que “todo jogo tem um componente de risco e de sorte, ou não seria jogo” (SILVEIRA, 1999, p. 25). Ruy Carlos Ostermann aponta para a impossibilidade de se fazer uma previsão definitiva sobre o seguimento do Campeonato Gaúcho: “*o desfecho do campeonato, agora em quartas-de-final, tem uma forte previsibilidade e tudo indica que chegaremos a um Gre-Nal de decisão. Mas tudo indica e o futebol não é assim*” (2008a, p. 64).

Os comportamentos contraditórios ocupam lugares privilegiados no futebol. Se entendermos o futebol como uma rede complexa em que diferentes atores transitam por diferentes funções é fácil aceitar que os mesmos torcedores que cobram profissionalismo³⁵ de seus dirigentes, dos árbitros e dos especialistas, exijam um algo mais de seu jogador. Os próprios torcedores são representados de forma distinta pelos mediadores especializados. Eles poderão ser chamados de apaixonados³⁶ para desautorizar suas impressões sobre os

³³ Para Jocimar Daolio, a superstição é algo “inerente à tradição do futebol, presente em toda sua história, até os dias de hoje, apesar de todo o desenvolvimento científico que acompanha a prática do futebol atual” (2005, p. 6).

³⁴ Dentre as quais Daolio destaca: “sorte ou azar, desígnio divino, destino, milagre etc.” (2005, p. 12).

³⁵ Profissionalismo tem aparecido como sinônimo de eficiência. Existe uma “convicção generalizada de que é preciso ser ‘profissional’ – leia-se, diplomado, frio e racional – para estar no futebol. Quando uma equipe não vai bem, ouvem-se, em uníssono, jornalistas, comentaristas e mesmo torcedores, afirmar: está faltando profissionalismo” (OLIVEIRA, 2000, p. 71).

³⁶ A paixão do torcedor pode implicar em uma incapacidade de observar os acontecimentos, como nessa descrição do colunista Pedro Ernesto Denardin, “*e nem mesmo seus torcedores concordam com ele, porque, afora os fanáticos (aqueles que enxergam tudo distorcidamente pela paixão), todos os demais colorados sabem que o time foi um desastre contra o Juventude e não cabe reclamar da arbitragem*” (2008a, p. 14)

acontecimentos das partidas. Ao mesmo tempo, poderão ser entendidos como clientes merecedores de respeito por parte dos clubes, especialmente quando esses têm dificuldades no atendimento dos torcedores. O futebol atingiu grandes níveis de profissionalismo e, mesmo em um país pobre como o Brasil, permite que se fale em valores como cinquenta mil reais como um salário comum. Esse esporte que, em sua origem, por um bom tempo de sua presença no país, valorizou o amadorismo, hoje pensa esse adjetivo como algo pejorativo³⁷.

Junto com o profissionalismo e os altos valores, aparece a exigência inadiável das vitórias, “espera-se sempre a vitória, muitas vezes não importando se o time jogou bem, se dentro dos parâmetros quantificáveis e esportivos, se pautado pelo acaso ou pela ‘ajuda’ do juiz” (TOLEDO, 2002, p. 272). Um conjunto de vitórias e bons resultados levam os clubes a disputa de títulos. Títulos que são o principal objetivo dos profissionais. É pelas vitórias que se trabalha e é isso que os torcedores esperam de suas equipes, como evidenciado em um dos cânticos da torcida do Grêmio: “*Esta noite custe o que custe/ Esta noite te quero ver ganhar*”. Algumas vitórias podem, inclusive, ser associadas a atributos masculinos³⁸.

O imperativo da vitória aparece em inúmeras situações: na capa do *Diário Gaúcho* a coluna do jornalista identificado com o Internacional era bastante objetiva: “*Kenny: só a vitória interessa*”. Antes de estrear com a camiseta do Grêmio, o meia Roger deixou bem claras suas ambições: “*É impossível no primeiro jogo readquirir a forma ideal. Quero é estrear com vitória. Não me interessa jogar bem e perder*” (MATOS, 2008a, p. 7). Kenny Braga, após a vitória do Internacional diante do São José destacou uma frase sucinta do jogador Marcão, “*o importante era vencer*” (2008b, p. 10).

Em diversos países, o futebol apresenta-se como um fenômeno urbano, onde festa e possibilidades de transgressão aparecem muito próximas³⁹. Nos dias de jogos⁴⁰, a cidade possui um funcionamento diferenciado mobilizando agentes de trânsito, segurança pública... Existe também certa permissividade para algumas ações como ‘buzinaços’, torcedores com o corpo para fora de carros... A percepção do tempo também é alterada durante as partidas. Se no cotidiano, dias, horas e minutos parecem ser bastante precisos, “num espetáculo esportivo são apenas os segundos que podem contar como unidades absolutamente determinantes” (DAMATTA, 1997, p. 38).

³⁷ “(...) amadorismo (...) tornou-se sinônimo de pobreza, despreparo e falência. ‘Amadores’ tornar-se ia, cada vez mais, uma qualidade exclusiva dos torcedores” (DAMO, 2002, p. 45).

³⁸ Eduardo Archetti destaca a associação das vitórias com características masculinas como: “valentía, fortaleza física, planificación racional estratégica y resistencia moral” (2003, p. 226).

³⁹ Cf. TOLEDO, 1996.

⁴⁰ Especialmente ‘grandes’ jogos.

Dentro dos estádios, os torcedores utilizam os palavrões como moeda corrente. O palavrão possui diversas funções, podendo ser utilizado para agredir ou para demonstrar afetos. Diferentes ações executadas nos estádios não sofrem a mesma reprovação de outras esferas culturais⁴¹. Nos estádios existe “uma estética da honra, da alteridade e da masculinidade” (DAMO, 2005, p. 104). Os palavrões e os xingamentos podem acontecer entre torcedores de clubes distintos ou entre torcedores e qualquer outro agente do espetáculo como os árbitros, jogadores, policiais... O jogo de futebol possui seus próprios códigos que permitem que os sujeitos ali tenham legitimidade de ações que não teriam em outros espaços cotidianos

Em alguma medida existiria uma “moral própria do jogo”, que se manifesta numa “guerra de nervos” durante as partidas, um verdadeiro “jogo dentro do jogo”: “cutucar” o adversário, provocá-lo, “cavar” a falta, “pressionar” o árbitro, simular contusão, etc. (...) fazem parte da cultura do futebol (BETTI, 1997, p. 137).

O futebol, sendo um esporte moderno, pode ser lido como uma instituição, complementar a tantas outras como a escola e a família. Os esportes

(...) representam e recriam a moderna domesticação das emoções, funcionando como pedagogias acerca de formas específicas de autocontrole. (...) São também concebidos, de certo modo, como os espaços controlados nos quais podem, contidamente, serem exteriorizadas as emoções (GUEDES, 2006, p. 75-6).

Seria apressado imaginar que no futebol as pessoas apenas exteriorizem emoções que outros locais são entendidos como inapropriados para tais. Além de se constituir num espaço ‘reprodutor’ dos significados, valores e disputas culturais, o futebol também é um espaço produtor de significados culturais, “o futebol tem seus próprios dilemas. (...) Existem, portanto, questões suscitadas por ele e que só a ele interessa, permanecendo restritas ao contexto do qual são tributárias” (DAMO, 2002, p. 152).

Pensar no futebol como metáfora da vida, como metáfora de um trabalho acadêmico, ou como qualquer outra metáfora pode ter uma licença poética e parecer pertinente em diferentes situações, que não foi meu objetivo nesse trabalho. O futebol cria situações que só interessam a ele. Ele “transforma um indivíduo sem eira nem beira, em pessoa momentaneamente vitoriosa” (DAMATTA, 1982b, p. 18).

É pensando o futebol como produtor de significados que este trabalho pretendeu investigar as representações de masculinidades que circulam nos estádios, supondo que nesse esporte, especialmente no Brasil, “os valores dramatizados são, em princípio, os valores do

⁴¹ Os afetos entre os torcedores, por exemplo, é “uma das raras formas culturalmente toleradas, senão que obrigatórias, da expressão pública de afetos masculinos” (DAMO, 2005, p. 103).

mundo⁴² masculino” (VOGEL, 1982, p. 98). O futebol aproxima e distancia os sujeitos, faz circular diferentes emoções. Produz unidades e conflitos que não são mantidos, necessariamente, em outros espaços. Com esse entendimento do futebol como um campo que possui alguma autonomia é que me permito pensar em uma cultura de futebol, talvez melhor entendida como uma cultura de futebol brasileiro ou gaúcho. Obviamente que o futebol não se dá fora de nossa cultura (mais ampla) e não deve ser pensado fora de uma conjuntura histórica.

Futebol e identidade nacional

Para nós, o futebol não é só um esporte. É uma paixão⁴³.

A chegada do futebol no Brasil data de 1894 através do inglês Charles Miller⁴⁴ que, junto com a bola e as regras, trouxe para o país um hábito dos ingleses, não “apenas uma prática esportiva, mas um modelo de sociabilidade, de associacionismo e de pertencimento” (DAMO, 2002, p. 37). No início do século XX, no Brasil, “o futebol se manteve, em geral, restrito aos clubes e estes, por seu turno, circunscritos aos imigrantes europeus e às elites nativas” (Ibidem). Além dos esportes, esses clubes serviam para a manutenção dessas comunidades étnicas da elite.

O futebol extrapolou o entretenimento dos clubes nas décadas seguintes com sua popularização. Além de derrubar a aura elitista e distintiva do esporte⁴⁵, algumas mudanças de significados também foram atribuídas às práticas futebolísticas.

O que no princípio era apenas mais uma opção de lazer e sociabilidade, tornou-se uma atividade-fim, mas não mais um fim em si mesmo, como pregava o amadorismo, e sim como um fim voltado à competitividade entre agremiações e, por extensão, ao acirramento das rivalidades socioeconômicas, étnicas, locais e regionais (DAMO, 2002, p. 41).

Ao longo do século XX o futebol construiu-se em um importante marcador da cultura brasileira, podendo ser entendido como um dos principais símbolos da identidade nacional.

⁴² Da perspectiva pós-estruturalista, gênero é entendido como uma categoria relacional, não fazendo muito sentido o entendimento de um ‘mundo masculino’ separado de ‘mundo feminino’. Nesse trabalho a ideia de ‘mundo masculino’ é melhor entendida como construção cultural da masculinidade.

⁴³ Luiz Inácio Lula da Silva, quando do anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/brasil2014/interna/0,,OI2033802-EI10545,00.html>>. Acesso em: 27 de novembro de 2007, às 14h20.

⁴⁴ Pelo menos esta é a versão mais difundida e aceita por estudiosos do esporte.

⁴⁵ Cf. DAMO, 2002.

Identidade aqui é entendida como uma construção social que “está sempre em processo, portanto, nunca acabada, pronta ou fixa” (LOURO, 2004a, p. 139-40). Ela pode

(...) significar o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar” (HALL, 2004, p.111-2, destaques do autor).

O futebol constitui-se em uma instância de inteligibilidade para o sujeito nacional, especialmente se pensarmos no sujeito masculino nacional. Ele “é a manifestação esportiva que mais mexe com o nosso sentido de brasilidade” (ALVES; CARRANO; GARCIA, 2000, p. 10). O futebol no Brasil tem legitimidade para representar a identidade nacional⁴⁶. Ele atravessa a construção da identidade brasileira e é uma forma de expressão dessa mesma identidade: “o futebol brasileiro pode (...) dizer algo sobre nós mesmos. Somos, portanto, o País do nosso futebol, dos nossos clubes, torcedores, dirigentes, jogadores e assim por diante” (DAMO, 2002, p. 152).

Na final da Copa do Mundo da França, entre os anfitriões e a seleção brasileira, 94% dos televisores ligados no Brasil, assistiam a esse espetáculo futebolístico (GASTALDO, 2006a). Mais de cem milhões de espectadores no país acompanharam pela televisão a derrota da Seleção Brasileira. Para alguns a final de 1998 ainda não acabou. Várias hipóteses foram criadas para justificar a derrota por 3 X 0 que o time de Zidane impôs a seleção do capitão Dunga. Tenho a sensação que nenhum outro evento possui tamanha capacidade, neste país, de unir tão numerosa parcela da população e de seguir repercutindo por tanto tempo.

Na perspectiva que me ancoro, penso ser pouco produtivo buscar as causas da ‘comoção’ nacional a cada quatro anos, nas Copas do Mundo⁴⁷, ou descobrir ‘por que’ ela ocorre. Penso, porém, que o que ‘une’ os brasileiros na frente da televisão não é apenas um jogo da seleção, de um clube ou simplesmente um jogo. Parece-me que as diferentes multidões que assistem futebol no mundo com paixão e fervor não interpretam o fenômeno da mesma maneira. “O futebol jogado no Brasil é reinterpretado segundo os códigos da cultura brasileira, dotando-o de significados que ultrapassam as estritas linhas do campo de jogo” (GASTALDO, 2006a, p. 89).

⁴⁶ “Começemos por uma frase óbvia: o futebol é o esporte mais popular no Brasil. Considerando que o esporte é uma prática cultural tão significativa quanto o teatro, o cinema, as artes plásticas etc., nenhuma dessas manifestações, todavia, consegue como o futebol mobilizar tanta gente ao mesmo tempo, mexendo tão forte e amplamente com paixões, desejos e sentimento” (MELO, 2000, p. 11).

⁴⁷ Luiz Henrique de Toledo diferencia as relações do Brasil e outros países na Copa do Mundo: “tomando como referência o que aqui é designado por ‘ponto facultativo’ observa-se que é somente no Brasil, comparativamente à Inglaterra, Itália, Espanha, França e Argentina, que os bancos, o comércio, as escolas, as indústrias e os serviços públicos alteram seus horários e suas rotinas de funcionamento e prestação de serviços” (2002, p. 206).

O futebol jogado, torcido e assistido no Brasil, possui representações específicas. Parece, porém, existir uma impossibilidade de se nomear um único ‘estilo’ de jogo que pudesse ser entendido como o ‘futebol brasileiro’⁴⁸. Mesmo que se admita certo ‘estilo’ de futebol brasileiro ao qual muitos autores atribuem a conquistas das três primeiras Copas do Mundo de Futebol, em 1958, 1962 e 1970, não é possível esquecer que concorre com essa representação “a vigência de muitos outros [estilos], mais ou menos delimitados a partir de recortes étnicos e regionais” (DAMO, 2002, p. 122). Para além de um ‘estilo’ de futebol brasileiro, é possível pensar que existem ‘estilos’ de futebol gaúcho, paulista, carioca, nordestino... “o futebol é influenciado pela nossa cultura, ao mesmo tempo em que a influencia. Dentro dessa lógica, parece que o futebol traz características específicas por região, país e até clube onde é jogado” (SILVA, 2005, p. 27). Na lógica das diferenças entre o futebol jogado em diferentes regiões do país e a tradição dos clubes gaúchos, o comentarista Wianey Carlet critica a construção do novo time do Grêmio: “*Estou vendo que, nesta abertura de temporada, desandou sobre o Olímpico uma certa ‘onda carioca’ em detrimento das virtudes históricas do Grêmio*” (2008a, p. 45). Virtudes históricas que também foram ressaltadas por Cacalo Silveira Martins ao questionar a possibilidade do ‘carioca’ Roger jogar no estilo gremista: “*Todas suas virtudes, porém, terão de estar acompanhadas de uma grande doação, buscando adaptação ao estilo gremista de garra e luta, porque o mais importante que é saber jogar futebol, Roger sabe*” (2008a, p. 10).

É bastante recorrente escutarmos que os jogadores, especialmente os de maior habilidade, possuem um ‘dom’⁴⁹, para jogar futebol, como se a prática deste fosse algo inato, algo com que o sujeito nasce com (ou sem). No Brasil muitas vezes se utiliza a mistura de raças para argumentar em favor dessa suposta constituição biológica do jogador brasileiro. Aliás, essa é uma das ‘explicações’ mais recorrentes para a ‘natural’ habilidade dos brasileiros neste esporte.

Outro tipo de explicação poderia encontrar-se na socialização dos meninos no país. No Brasil, o futebol é um tema fácil e comum. Por “fazer parte do processo de socialização dos brasileiros, particularmente dos meninos, (...) suas regras se apresentam como simples e até mesmo óbvias” (DAMO, 2002, p. 34). A prática do futebol no país acontece sem a necessidade de uma estrutura para tal. O futebol ocupa uma posição hierarquicamente privilegiada em relação aos outros esportes praticados no país, “as crianças brasileiras,

⁴⁸ Sobre a diversidade do futebol brasileiro cf. DAMO, 2002, p. 121.

⁴⁹ Para um trabalho mais apurado sobre a categoria de dom cf. DAMO, 2005.

principalmente os meninos, brincam de jogar bola. E aqui no Brasil, jogar bola remete-nos somente ao futebol” (GIGLIO, 2005, p. 59).

Uma significativa pedagogia do futebol brasileiro é a ‘pelada’⁵⁰, que consiste em um jogo de futebol que pode acontecer em campos improvisados e com materiais diversos. Ela aparece como uma das primeiras possibilidades de aprendizado da prática futebolística. No futebol brasileiro, a pelada tem uma dupla função. É por ela que a maioria dos futuros atletas é introduzida ao jogo, ao mesmo tempo em que os futuros torcedores podem aprender ali a gostar de futebol (DAMO, 2002). Além do jogo em si, a pelada também produz distintos códigos, é um espaço de aprendizagens importante, ela “se constitui num espaço privilegiado não apenas à prática do lazer em geral e do futebol em especial, mas como instituição laica onde se aprende e se ensina noções elementares de fidelidade, honradez e pertencimento grupal” (DAMO, 2002, p. 50).

No futebol enxergamos diferentes representações sobre o povo brasileiro. A “malandragem”⁵¹ pode ser entendida como um atributo positivo do futebol brasileiro e da identidade nacional. Ele também poderá ser um exemplo aplicado ao que de ‘ruim’ existe no país. No discurso midiático, se entende que as dificuldades com as leis do futebol se constituem em uma consequência das dificuldades do país⁵². Por possuir legitimidade para representar a identidade nacional, o futebol também é capaz de problematizar questões ligadas a outras esferas. Falando sobre supostos subornos para que equipes ganhem jogos que interessam a terceiros, alguns jornalistas entendem que, no Brasil, essa prática não será problematizada, pois “Se a mala preta é ‘proibida’ pela lei, a lei, todavia, ‘é de araque no país da impunidade’” (BETTI, 1997, p. 116).

Existem aqueles que entendem que esse é um assunto menor. Que é apenas um jogo, que deve ser entendido como uma brincadeira. Não estou certo de que o futebol deva ser encarado como um simples espaço lúdico, mas não é isso que me preocupa. Penso que no futebol encontram-se “algumas de las operaciones narrativas más pregnantes y eficaces para construir identidades” (ALABARCES, 2006, p. 149). Sendo apenas uma brincadeira ou um esporte profissional muito sério, o futebol produz, e de formas bastante significativas, identidades e sentimentos de pertença.

No Brasil, até mesmo no âmbito acadêmico, falar de futebol não é como falar de uma enzima ou de um tipo de construção arquitetônica. Falar de futebol é dizer sobre um assunto

⁵⁰ Sobre a possibilidade das aprendizagens da técnica do futebol via ‘pelada’, cf. DAMO, 2002, p. 49-50.

⁵¹ Cf. GASTALDO, 2006a.

⁵² Cf. BETTI, 1997.

que mobiliza os autores. Márcio Morato em um misto de pesquisador e militante critica quem acusa as torcidas de uma “aglomeração de desocupados”. Para esse autor o futebol “contém um conjunto de símbolos significantes de nossa cultura. É uma forma de o homem nacional expressar-se, revelando-se e descobrindo-se” (2005, p. 74).

Arlei Damo radicaliza a importância do futebol na construção das identidades dos meninos no Brasil

o futebol cumpre a mesma função significativa do vestuário, especialmente para os brasileiros do gênero masculino. (...) Em um país que a rua é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é uma das brincadeiras preferidas, desdenhá-lo equivale a andar nu. (2002, p. 11).

O futebol é um fenômeno muito mais significativo que um jogo de noventa minutos⁵³ cercados por quatro linhas⁵⁴. Ele é um artefato cultural que ensina comportamentos, valores, modos de ser e estar no mundo. Esses comportamentos são representados e experimentados de forma diversa em função do contexto em que estiverem sendo vividos. Falar do futebol brasileiro⁵⁵, ou de futebol brasileiro, é falar de uma forma específica de futebol e muito mais do que isso, e talvez o que mais importe nessa pesquisa, é falar de um específico jeito de entender futebol, de representá-lo e, ainda, é falar de um modo de se constituir como ‘gente’ ou como homem por meio dele.

Uma forma de envolvimento com o futebol: os torcedores

É claro que o futebol não é uma questão de vida ou morte,
o futebol é muito mais importante que isso⁵⁶!

As relações entre os sujeitos e o futebol não respeitam uma linearidade. Na construção de nossas identidades existem inúmeras possibilidades de ser interpelado por esse esporte. Não é necessário ser praticante de futebol para ser atravessado por seus significados culturais. Existe “um divórcio entre prática e consumo, já que não é necessário ter praticado um esporte

⁵³ “O futebol é o único esporte no Brasil que transcende, nessas proporções, os limites espaciais e temporais do ritual esportivo, as partidas em si” (TOLEDO, 2002, p. 178).

⁵⁴ Jocimar Daolio destaca que nosso cotidiano está repleto de termos oriundos do futebol tais como: “‘pisar na bola’, ‘fazer o meio campo’, ‘dar um chute’, ‘bater na trave’, ‘fazer um gol de placa’ e assim por diante. Essas gírias são utilizadas por todos, mesmo por aqueles que não são torcedores fanáticos. O fato é que essas expressões foram incorporados pela sociedade brasileira, tendo claro significado no cotidiano de todas as pessoas” (DAOLIO, 2000, p. 34).

⁵⁵ “O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (DAMATTA, 1982a, p. 21).

⁵⁶ Bill Shankley, o técnico e *manager* escocês do Liverpool, em (KFOURI, 2000, p. 61).

para assisti-lo pela televisão e (numa espécie de ‘grau zero da competência esportiva’) emocionar-se com a ansiedade pelo resultado” (GASTALDO, 2006b, p. 18).

No caso do futebol brasileiro a forma mais comum de participação nesse evento esportivo, especialmente para quem (assim como eu) está próximo do grau zero da competência esportiva, é através da torcida por um clube x ou y. O sujeito se vincula ao clube por aquilo que Arlei Damo chama de clubismo, um “sistema complexo caracterizado pela adesão afetiva dos torcedores aos clubes de futebol, tendo como desdobramento a constituição de comunidades de sentimento” (2006, p. 41). Segundo esse autor, é essa comunidade de sentimento que ensina uma percepção estética do jogo de futebol, que, conforme ele afirma, é caracterizada pelo engajamento. O autor entende que existe uma diferença entre o estádio de futebol e o cinema ou o teatro, pois no estádio o objetivo não é a fruição do jogo, mas torcer por seu time.

Olhar para as práticas das torcidas de futebol nos estádios é uma possibilidade entre tantas outras de tentar observar uma forma específica de torcer. O torcedor está diretamente implicado com o estádio, sua ‘casa’. Como lembra Roberto DaMatta, “sabemos e aprendemos muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de alguns de seus espaços” (1997, p. 50). Existem várias instâncias onde os sentimentos de pertencimento a um clube podem ser demonstrados, mas algumas performances parecem mais adequadas dentro dos estádios. Ali se utilizam vocabulários específicos, como os confrontos verbais entre torcedores. Ainda que se saiba que, além de torcedor de futebol, os sujeitos têm um gênero, uma raça/etnia, uma geração, uma idade, uma sexualidade... dentro dos estádios, o marcador social mais relevante para a representação dos sujeitos é o de torcedor de um time A ou B, como fica evidente em uma faixa no estádio Olímpico: “*Sou gremista e me basta*”. Essa mesma pertença ao clube ou a comunidade afetiva dos torcedores nem sempre pode ser verificada com a mesma intensidade em outros locais. “No estádio, um colorado xingar a todos os gremistas, mas fora dele só gozará os (nos) que pertencem a sua rede de sociabilidade, normalmente a mais próxima ou intensa – amigos, parentes, colegas de trabalho, vizinhos e assim por diante” (DAMO, 2005, p. 99).

Além das diferentes possibilidades e limitações dadas pelos diferentes espaços, o figurino também poderá ajudar um sujeito múltiplo a ter suas identidades reduzidas – pelo menos momentaneamente – a apenas uma. Utilizar a camiseta de um clube de futebol (em Porto Alegre, quase sempre a do Grêmio ou do Internacional) faz com que o sujeito (tendo a crer que isso aconteça com mais frequência com sujeitos masculinos) ganhe um marcador

identitário que o define⁵⁷. É possível dizer que, na capital do Rio Grande do Sul vestir um corpo masculino com a camiseta do Internacional ou do Grêmio torna o sujeito (mais) inteligível, transforma os indivíduos em colorados e gremistas, fazendo com que esses possam ser xingados ou elogiados.

A adesão a um clube é uma das possibilidades do sujeito passar a compreender o jogo⁵⁸ além de torná-lo inteligível como torcedor de futebol. Essa adesão deve ser única e imutável (DAMO, 2006). Diferentemente de outras identidades culturais (da forma como essas são entendidas na perspectiva pós-estruturalista) que podem ser compreendidas como instáveis, transitórias e divididas, espera-se que a identidade de torcedor de um clube seja da ordem do ‘para sempre’. Obviamente que essa fixidez do torcedor poderá ser questionada. Porém, o vínculo clubístico pode ser aproximado dos vínculos consanguíneos⁵⁹ ou patrióticos. Mesmo se pensarmos que toda e qualquer fronteira identitária é potencialmente ‘atravessável’, não devemos ignorar que algumas fronteiras parecem ser mais fixas ou mais vigiadas que outras. Alguns ônus parecem ser mais significativos na tentativa do atravessamento de determinadas fronteiras. Se pensarmos em família e pátria, cabe lembrar que os adjetivos que qualificam os sujeitos que negam ou procuram desvencilhar-se desses marcadores são os custosos ‘deserdado’ e ‘apátrida’. Em diferentes situações os torcedores cantam a eternidade de seus pertencimentos clubísticos: “*Sou, eu sou do Inter/ Um sentimento/ Que não pode acabar*”; “*Sou, sou do Grêmio/ Um sentimento/ Que não vai acabar*”; “*Até lá do céu eu serei Inter*”. Uma das marcas que buscam evidenciar essa ‘eternidade’ da escolha de um clube específico aparece na relação dos torcedores com os resultados ruins da equipe em diferentes campeonatos⁶⁰ como fica evidente em diferentes cânticos: “*Mesmo não sendo campeão/ O sentimento não se termina/ É tricolor, e dale tricolor*”; “*Sou Colorado e nada muda este sentimento /Porque é nas más que eu demonstro*

⁵⁷ Martine Segalen afirma que contemporaneamente “apenas o esporte oferece ao homem a possibilidade de se fantasiar, o que corresponde a uma forma primeira de travestimento de sua identidade” (SEGALEN, 2002, p. 82).

⁵⁸ Inês Barbosa de Oliveira destaca como a adesão clubística possibilitava um certo entendimento dos acontecimentos das partidas: “nascida em uma família de tricolores amantes do futebol, acostumei-me a frequentar os estádios, a assistir aos videoteipes e mesas-redondas de domingo, a vibrar com os jogadores, a xingar juízes que sempre se enganavam quando marcavam contra o Fluminense, e sempre estavam certos, quando nos favoreciam” (2000, p. 66).

⁵⁹ Jocimar Daolio destaca que a fidelidade clubística no Brasil “vem desde o dia do nascimento, quando o garoto recebe um nome, uma religião e um time de futebol para o qual vai torcer a vida toda. Fidelidade, que está expressa na porta do quarto da maternidade, onde os pais penduram um par de chuteiras e um uniforme em miniatura, representando o time de futebol da família. Ao longo da infância, há um contínuo processo de inculcação de valores e hábitos positivos sobre o time da família, e negativos, em relação às equipes adversárias” (2000, p. 34). Ver também VOGEL, 1982.

⁶⁰ Arlei Damo destaca que “crise de resultados (...) não implica, necessariamente, crise de pertencimento” (2002, p. 116)

que te amo igual”; “*Passam os anos, passam os jogadores/ Geral está presente não para de apoiar*”.

Jogadores, técnicos e dirigentes *passam pelos clubes*, mas as torcidas são patrimônios permanentes, assim como as cores e os distintivos do time. Os jogadores, em virtude das próprias contingências impostas pelo futebol organizado profissionalmente, não são *tricolores*, *alvinegros* ou *alviverdes*. Profissionais, vestem a camisa do melhor ou possível contrato de trabalho. Por outro lado, o torcedor *é tricolor, alviverde, rubro-verde...* (TOLEDO, 1996, p. 152, destaques do autor).

Entendo que um torcedor sem time, ou com vários times, ou com um time por campeonato é um sujeito abjeto dentro da lógica de pertencimento das torcidas. Não recorro de ter escutado ou lido em algum lugar a adjetivação de um sujeito que goste de futebol como ‘torcedor de futebol’, mas sim, como colorado, gremista, cruzeirense, vascaíno, flamenguista... Ao mesmo tempo em que dá essa identidade ao sujeito, o pertencimento clubístico também permite uma circulação maior das emoções⁶¹. Esse vínculo com o time é uma das identidades que os sujeitos carregam em suas vidas, juntamente com outros marcadores sociais que se interferem mutuamente, se articulam. O ser gremista, colorado ou corintiano atravessa e é atravessado por outras marcas identitárias como gênero, raça/etnia, sexo, religião, idade, geração...

A ‘escolha’ pelo clube x ou y, pelas cores azul, vermelha, verde, amarela ou branca não é gratuita. Essa escolha traz encargos consigo. O sujeito não torce pelo Grêmio ou pelo Internacional sozinho. Não que a atitude torcedora ocorra sempre coletivamente, mas dizer-se gremista ou colorado implica um entendimento social que extrapola o sujeito. O time e sua torcida representam uma coletividade, podem ser o elo temporal entre passado, presente e futuro; eles produzem pertencimentos para além do futebol. O time e sua torcida selam a unidade da parentela masculina, solidária no êxito e no fracasso (DAMO, 2006).

Além da fidelidade do torcedor, a relação entre esse e o clube é pautada por um sentimento narrado como amoroso. Emoções e afetos aparecem como ingredientes importantes nos estádios de futebol. Arlei Damo destaca que “em nossa cultura, são raros os espaços públicos nos quais os homens se permitem demonstrações de afeto, sobretudo entre iguais” (2005, p. 402). Ele atribui à transformação do indivíduo em torcedor, que segundo ele ocorre “a caminho do estádio”, essa possibilidade de trocas.

Os torcedores são chamados a participar ativamente dos jogos. No dia 24 de janeiro, o Internacional veiculou uma publicidade que exaltava a sua participação não apenas no estádio,

⁶¹ “Para que as emoções de um jogo possam ser vividas plenamente é importante sentir-se parte de uma das agremiações que integram o ritual agonístico, mas isso não é suficiente. O pertencimento precisa ser mobilizado, quer dizer, sensibilizado e aflorado” (DAMO, 2005, p. 389).

mas na ‘vida’ do clube: “quando torcida e Clube se unem, somos imbatíveis⁶²”. Em outra peça publicitária, o Internacional novamente destacava a preponderância do torcedor nos espetáculos: “A cada jogo, teu grito é mais importante. Traz tua bandeira e vem torcer pro Inter contra o São José”.

Junto com insistentes convites, aparecem algumas recusas, destacando que o torcedor não entra em campo. Apesar dessas ressalvas, parece-me mais efetivo pensar que “quem veste a camisa de um time, ganha ou perde com ele, sem apelação” (VOGEL, 1982, p. 84). Entendo que, de alguma forma, essa recusa ou ressalva procura diminuir a importância dos espetáculos futebolísticos na vida dos torcedores. Não pretendi discutir se o futebol deve ser mais ou menos importante para a vida dos torcedores, mas estou apresentando uma narrativa contraditória que, no meu entender, atravessa a produção do sujeito como torcedor. Uma narrativa que aumenta a importância do futebol e outra que a diminui, às vezes, dentro de um mesmo artigo de um mediador, do mesmo parágrafo ou de uma mesma frase. Não estou cobrando ou esperando coerência dessas narrativas sobre futebol, tentei apenas destacar o quão ambíguas são essas formas de narrar esse esporte e observar que elas podem ter efeitos distintos e ser interpretadas de distintos modos na produção do sujeito torcedor.

A responsabilidade do torcedor com o resultado de campo (mas também com outros resultados envolvidos nos confrontos) pode extrapolar o jogo e ser acionada para uma suposta defesa da honra do clube que pode ser demonstrada ou visualizada de inúmeras formas. Em mais uma contradição das narrativas futebolísticas, envolvimento dos torcedores são incentivados para, em seguida, serem desaprovados. Por ser um esporte de tamanha dificuldade na previsão dos resultados, o torcedor acaba sendo convocado, e se convoca, a colaborar com as vitórias de seu time ou até mesmo acaba por ser responsabilizado, e se responsabilizar, por algum resultado negativo⁶³.

Alguns predicados podem ser atribuídos a esses sujeitos que estão de algum modo envolvidos com os resultados da equipe e lutando junto com os jogadores. Roberto DaMatta entende que o próprio nome do espectador de futebol no Brasil é significativo, uma vez que “torcedor [é] alguém que torce. A expressão, derivada do verbo torcer, indica a idéia de revirar-se, retorcer-se, volver-se sobre si mesmo, como quem estivesse sendo submetido a um torneio físico ou tortura” (1982a, p. 26). Esse torcedor que sofre, chora, luta, enfim ‘joga’ tem “certa necessidade de ser parte do momento histórico, de dizer: ‘eu estava lá’, ‘eu ajudei meu

⁶² As publicidades veiculadas pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegre são todas assinadas pela agência SLM Ogilvy e as do Sport Club Internacional são todas assinadas pela agência e21.

⁶³ “No futebol, uma derrota pode ser compreendida e mais bem aceita pelo fato de algum torcedor não ter realizado algum ato de fé” (DAOLIO, 2005, p. 16).

time’, ‘eu vi’” (MORATO, 2005, p. 76). Não são poucas as falas que reforçam a importância da participação dos torcedores nos resultados de campo⁶⁴. O escritor Luís Fernando Veríssimo destacou “sua preponderância” na conquista do Campeonato Mundial da FIFA, pelo Internacional:

Agora posso contar. Fui eu quem consegui a vitória do Internacional no campeonato mundial interclubes, no Japão, em 2006. Foi assim. Recebi uma oferta do Diabo pela minha alma (...). Ele propôs que fizéssemos um teste. Que eu pedisse alguma coisa impossível. Que meu pedido fosse um delírio, algo totalmente fora da realidade (...). Qual seria meu primeiro pedido? Pensei imediatamente no Internacional. Está certo, antes pensei na Luana Piovani, mas aí achei que poderia dar confusão. Em seguida, pensei no Internacional. Um campeonato do mundo para o Internacional! Decisão contra o Barcelona. Sua resposta veio num e-mail conciso: - Feito. E foi o que se viu. Vitória sobre o Barcelona contra todas as probabilidades. Inter campeão do mundo (2008, p. 3).

No caso do Grêmio, o próprio hino, diferente da maior parte dos hinos dos grandes clubes do Brasil, exalta a participação de sua torcida⁶⁵. Enquanto o hino do Corinthians ressalta o “Campeão dos campeões”, o do Palmeiras destaca o “Alviverde imponente” e o do Internacional exalta a “Glória do desporto nacional/ Ó Internacional que eu vivo a exaltar”, o hino do Grêmio ressalta o comportamento de seus torcedores⁶⁶: “Até a pé nos iremos para o que der e vier/ Mas o certo é que nós estaremos/ Com o Grêmio onde o Grêmio estiver”. O desempenho dos torcedores pode ser entendido como uma parte importante do espetáculo, suficientemente capaz de mobilizar a presença do público: “*Se não for pelo jogo, apenas, ainda resta a festa nas arquibancadas*” (CARLET, 2008b, p. 53).

Diferentes matérias de jornais apontam para uma relação quase causal entre torcida e equipe: “*Empolgado pela presença de 46.472 colorados no Beira-Rio, sábado, o dono da casa partiu para cima desde o início*” (2008, p. 23); “*Dentro de casa, ao lado da sua nação, o time do técnico Celso Roth tem todas as chances de conquistar outra vitória*” (GUERRA FILHO, 2008a, p. 13). Uma faixa no Beira-Rio deixava bastante claro onde a equipe adversária estava ‘se metendo’: “*Inferno*”. Os torcedores “vão ao estádio para co-participar, dar o suporte de que necessita o time para vencer” (DAMO, 2005, p. 415). O torcedor que se esforça, que incentiva o time, que vaia o adversário, obedece a uma série de convocações de

⁶⁴ Juca Kfourri afirma “ninguém me convence de que eu não fiz junto com Basílio aquele gol que libertou o Corinthians de vinte e dois anos sem Título; ninguém me convence de que eu não subi com Pelé na cabeçada que deu o primeiro gol contra a Itália, na Copa de 70; e que eu não estava junto com o Taffarel, na defesa do pênalti, na Copa de 94. É aquela coisa de pensar que, se eu não estivesse lá, não aconteceria, ou só aconteceu porque estou aqui, para o bem ou para o mal” (2000, p. 61). Assim como o jornalista eu tenho absoluta certeza que ajudei o Galatão a defender o pênalti e ainda atravessasse o campo junto com o Anderson para fazermos o gol que devolveu o Grêmio a Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro em 2005.

⁶⁵ Cf. DAMO, 2002.

⁶⁶ Arlei Damo destaca que “a força motriz do futebol como espetáculo reside nas arquibancadas, onde se dramatizam os pertencimentos” (2005, p. 63).

auxílio e devoção ao time. Mas esse sentimento de participação não se restringe a esse torcedor explicitamente ‘engajado’

Cada torcedor, seja ele integrante ou não de uma torcida organizada, credita o bom desempenho do seu time à sua maneira de torcer. Sem a sua torcida e o seu incentivo, seu time não terá chances contra o adversário. Mesmo que ele não pule, não grite, não berre, sua presença no estádio ou diante da televisão (ou do rádio) contribuirá com seu time (MORATO, 2005, p. 90).

Essa participação (que se dá de inúmeras formas) é uma espécie de código entre torcedores. Não que se espere uma atitude idêntica de todas as torcidas ou uma homogeneização ao torcer por um determinado clube. O que estou sugerindo é que algumas atitudes de inserção no espetáculo podem ser pensadas com uma espécie de condição de inteligibilidade dos torcedores. Esses ingredientes de inteligibilidade, são muitas vezes tensionados, postos à prova, criticados e problematizados

(...) são comuns críticas e manifestações de espanto sobre o comportamento de um torcedor apaixonado que deseja externar sua paixão e o faz ao ver na televisão ou ouvir na rádio um jogo do seu time querido ou, então, quando resolve viver seu torcer intensamente e viaja inúmeros quilômetros para assistir a um jogo que será televisionado ou, ainda, quando se submete ao desconforto de um estádio lotado, arriscando-se, muitas vezes, a algum tipo de agressão. Há ainda, aqueles que gastam o dinheiro que lhes faz falta para outras coisas com ingressos, com a compra de objetos que lembram o seu time, com deslocamento para outras cidades e estádios, justamente porque acreditam que a sua presença será importante para o bom desempenho do time (SILVA, 2005, p. 27).

Talvez essas críticas sejam postas ignorando-se que a relação do torcedor com o clube possui seus próprios códigos, eventualmente distantes dos imperativos da racionalidade moderna. O torcedor de futebol se produz em uma cultura específica e esses problemas apontados para algumas de suas ações, nem sempre são problemas dentro dessa cultura. Permito-me pensar desta forma por entender a cultura como um campo de disputa, onde diferentes grupos sociais lutam pela imposição de seus significados. Cultura não é um conceito universal, mas arbitrário e ativamente produzido, o que admite essa tensão entre os modos como os torcedores significam seus atos e as formas como estes são lidos por quem não compartilha dessa ‘cultura’.

Outra leitura em relação aos torcedores de um mesmo time é a que se refere a uma suposta quebra de marcadores sociais. Suspeito dessas narrativas de uma identificação plena entre torcedores da mesma equipe, tal como muitas vezes se afirma⁶⁷. Mesmo admitindo que vencer seja o que ‘toda’ a torcida quer, como destacou o colunista Wianey Carlet: *“Para o torcedor, em qualquer competição da qual o seu time participe - futebol, bolinha de gude ou*

⁶⁷ “O que se percebe é uma quebra das barreiras sociais e raciais. São ricos, pobres, negros, brancos, mulatos, crianças, adultos e idosos, homens e mulheres num único local. Talvez haja uma separação dentro do estádio, em virtude de sua estruturação (arquibancadas e cadeiras), mas muitos vão se sentar lado a lado durante a partida” (MORATO, 2005, p. 85).

lançamento de casca de bergamota - o essencial é vencer” (2008c, p. 61), parece-me que os significados dados às vitórias podem ser diversos e distintos. Nem mesmo a ‘objetividade’ da vitória é narrada por todos da mesma forma. No jogo entre Grêmio e Sapucaense, observei que alguns torcedores nas arquibancadas reclamavam do jogador Nunes. Um deles gritava “*Dá vermelho pro Nunes*”; “*Expulsa o Nunes pelo amor de Deus*”; “*Nunes pede pra sair*”. Imediatamente, outros torcedores começaram a vaiaar esse que criticava o jogador e passaram a aplaudir o atleta quando esse pegava na bola.

Algumas dessas narrativas podem se constituir numa tentativa de homogeneizar a identidade de torcedor, num processo que, de algum modo, se assemelharia à construção de uma identidade nacional. Tomo emprestadas as palavras de Stuart Hall a este respeito: “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma grande família nacional” (2006, p. 59). A construção cultural do torcedor de um clube também parece seguir uma lógica semelhante, isto é, implica ou produz uma identidade cultural que negaria outros marcadores⁶⁸. O marcador do clube seria suficiente para identificar o torcedor. Sua identidade deixa de ser múltipla, cambiante e plural. Gremista e colorado são nomes suficientes, que explicam os sujeitos.

Não estou convencido, porém, de que o torcer seja homogêneo, uma vez que a própria estruturação dos estádios⁶⁹ já marca uma separação distintiva e hierarquizada na torcida do mesmo clube⁷⁰. Tanto no Olímpico quanto no Beira-Rio, os cânticos coletivos que ‘tomam’ boa parte do estádio partem do mesmo local, atrás da goleira à direita das cabines de imprensa, da Popular do Internacional e da Geral do Grêmio. Nos demais setores os torcedores respondem mais pontualmente aos acontecimentos das partidas. No jogo do Internacional contra o Veranópolis posicionei-me entre a torcida organizada Camisa 12 e a Popular. Foi possível perceber certa ‘competição’ com a maioria dos integrantes da Popular cantando uma música e os poucos integrantes da Camisa 12, reforçados por instrumentos de percussão, cantando outra. Isso sem contar os alto-falantes que tocavam uma terceira música acompanhada por alguns torcedores individualmente.

⁶⁸ Talvez com maiores efeitos durante os jogos e dentro dos estádios.

⁶⁹ “É verdade que as pessoas se misturam nos estádios, mas os ricos e famosos ocupam os melhores lugares, tribunas especiais e cadeiras especiais, restando aos mais pobres a conhecida Geral, onde têm que assistir ao espetáculo de pé e com uma péssima visão do campo de jogo” (MELO, 2000, p. 25).

⁷⁰ “O valor do ingresso é apenas um dos elementos que estabelece, de antemão, a diferença e hierarquia entre os torcedores de um mesmo clube. A cada espaço corresponde uma visão diferenciada do espetáculo e, simultaneamente, formas distintas de manifestar apreço ou discordância em relação ao desempenho da equipe” (DAMO, 2002, p. 78).

Os torcedores se inscrevem de formas distintas e buscam legitimação dentro das diferentes torcidas de um mesmo clube, “não existe homogeneidade no torcer, visto que o sofrer, o comemorar, a alegria ou a tristeza são construídos de forma diferente em cada e por cada sujeito torcedor e, portanto, geram sentidos diversos em cada um” (SILVA, 2005, p. 24). Concordo com Silvio Ricardo da Silva sobre a falta de homogeneidade no torcer, mas neste trabalho essa heterogeneidade não foi examinada propriamente como situada em sujeitos individuais; pretendi (ou talvez fosse mais apropriado dizer que somente consegui) observá-la em distintos grupos de torcedores, tais como os sócios, os torcedores organizados ou diferenciados, os frequentadores dos locais de custos mais elevados, ou mais populares... É muito diferente a participação dos torcedores da Popular ou da Geral que cantam o tempo inteiro de um torcedor da cadeira que poderá reclamar da equipe, inclusive quando ela está ganhando. Observei uma discussão entre torcedores, distante umas quatro cadeiras de mim, na partida entre Grêmio e Novo Hamburgo. Um torcedor reclamou do jogador Adílson. Após esse fazer uma boa jogada outro torcedor provocou: “xinga agora”, o que acabou gerando uma breve discussão.

Em minhas vivências no futebol, sempre foi mais significativo gritar o nome do clube ou gritar gol, do que votar para o Conselho Deliberativo ou pagar as mensalidades⁷¹. A torcida se torna uma comunidade afetiva de trocas. “O pertencimento a uma torcida é muito mais uma questão afetiva (frequentemente mediada na infância por relações familiares) do que uma relação institucional entre um clube e seus sócios” (GASTALDO, 2006a, p. 92).

Em seu processo de produção identitária, as torcidas criam um personagem antagônico, o seu diferente⁷², o rival. “A identidade é relacional. A identidade depende, para existir, de algo fora dela: de outra identidade, de uma identidade que ela não é, que difere da identidade, mas que fornece condições para que ela exista” (WOODWARD, 2004, p. 9). Diferença e identidade são produzidas dentro de um mesmo processo cultural. Nesse processo, ao construir e afirmar sua identidade as torcidas criam, também, sua negação na figura do torcedor adversário: “*Te amo Inter/ Não somos como os putos da série B*”; “*Inter te conhecemos/ Grêmio não é como tu/ Colorado é tudo puto*”.

Os sujeitos que se inscrevem em torcidas diferentes podem apresentar características muito próximas nos demais aspectos da vida e dentro da própria atividade de torcer. A diferença de clube não é suficiente para dizer que os sujeitos não possuam um mesmo código ético e estético. É possível pensar a construção da identidade e da diferença, no caso das

⁷¹ Essas duas últimas atividades destinadas única e exclusivamente para os torcedores sócios do clube.

⁷² “Mais do que a identidade, através do clubismo vive-se a alteridade” (DAMO, 2005, p. 97).

torcidas de futebol, de duas formas distintas e tenho pistas diferentes para pensar sobre o que importa nessa separação.

Em um primeiro momento, se entendermos que o que divide torcedores adversários é o clube de futebol para o qual torcem, parece fácil compreender este processo: assumir a identidade de gremista implica negar/desprezar o seu ‘diferente’, seu rival, o colorado (e vice-versa) e esta é a marcação que efetivamente importa.

Por outro lado, talvez seja possível afirmar que há algumas similaridades na figura ou na identidade de torcedor. A partir do conceito de currículo, permito-me dizer que a identificação dos sujeitos como torcedores de futebol possui algumas etapas que deverão ser cumpridas até o sujeito ser reconhecido como tal, isto é, como um torcedor de futebol. Ele se identifica com um time específico: A, B ou até mesmo C (quando se pensa Gre-Nal, geralmente se pensa com apenas duas opções, como um par binário), mas algumas atividades como: cantar, gritar gol, reclamar do juiz e outras são aprendidos de formas muito semelhantes. É possível dizer que alguns códigos do futebol e do torcedor de futebol são ensinados e aprendidos independentemente do clube ‘escolhido’. Talvez se possa dizer que, ao longo deste processo, são esperados comportamentos específicos e feitas algumas ‘avaliações’. As formas de envolvimento nos jogos, a dedicação ao time, a coragem de enfrentar situações adversas, a capacidade de suportar a fidelidade ao clube em momentos de derrotas podem ser avaliadas ou mensuradas. Durante os jogos foi possível notar muito mais semelhanças entre os torcedores das cadeiras do Olímpico e do Beira-Rio, do que entre os torcedores da Popular e das Sociais do Internacional.

Os momentos mais potentes para se observar essa semelhança entre clubes/torcidas rivais são os jogos. Especialmente nos cânticos, muitos deles são exatamente iguais, como o *“Atirei o pau no Inter (Grêmio)/ E mandei tomar no cú/ Macacada (Gremista) filha da puta/ Chupa rola e dá o cú/ Ei Inter (Grêmio) vai tomar no cú/ Ole Grêmio (Inter), ole Grêmio (Inter)”*; *“Sou do Grêmio(Inter), um sentimento que não vai(pode) acabar”*; *“Ai, ai, ai, ai, tá chegando a hora, o dia já vem raiando meu bem, eu tenho que ir embora”* e outras.

Interessou-me ver, nessa produção de identidade e diferença, o que aparece como ‘moedas comuns’. Nos jogos os atores trocam as mesmas falas, utilizam os mesmos gestos, separados ‘apenas’ pela cor da camiseta, que aqui deixa de ser ‘apenas’ para ser a única marcação que importa, *“Determinados traços ou características podem ter importância serem consideradas notáveis e, então, se constituírem em ‘marcas’ definidoras [da identidade], ou, ao contrário, permanecerem banais, irrelevantes”* (LOURO, 2000, p. 62).

O que venho tentando argumentar até aqui é que esse entendimento de identidade e alteridade nos torcedores de futebol acontece com sujeitos bastante parecidos. Apesar dessa semelhança, o rival não é irrelevante, pois ele serve para destacar o limite e a fronteira da identidade de uma torcida. Propus-me olhar essa produção identitária num espaço específico, marcada por uma rivalidade antagônica: a rivalidade entre gremistas e colorados.

Gre-Nal: uma grande rivalidade

“Um Gre-Nal arruma a casa”, uma vez disse Ibsen Pinheiro. “O Grêmio não seria nada sem a grandeza do Internacional”, afirmou Rudi Armin Petry. “Eu nunca vi uma rivalidade como esta em toda a minha vida”, disse um andarilho deste mundo. Acreditamos em todos eles. O Gre-Nal é a razão de o Rio Grande do Sul ser tão apaixonado por futebol (BALDASSO; GUIMARÃES, 2007, p. 11).

O confronto entre Grêmio e Internacional é um duelo entre o que se aprendeu a chamar no Brasil de ‘grandes clubes’⁷³. A tradição desses clubes é decisiva na construção identitária dos torcedores e das representações dos próprios clubes⁷⁴. Essa grandeza deverá ser demonstrada sempre que possível. No dia 24 de janeiro, o Internacional veiculou em três jornais de Porto Alegre uma publicidade que tratava de ressaltar o grande momento histórico que o clube atravessa:

Colorado, o Internacional vive um momento especial na sua história. As recentes conquistas fizeram do Inter um Clube respeitado no Brasil e no exterior. Formamos um grande grupo de jogadores, sério, focado e vitorioso. Os constantes investimentos viabilizaram o Beira-Rio, o nosso Gigante, à sede da Copa do Mundo de 2014.

No aniversário de Porto Alegre, o Internacional veiculou outra publicidade que exaltava as tradições do clube

De Porto Alegre, ergueu-se um Gigante. Um Gigante Internacional que trouxe inúmeros títulos e conquistou todos os continentes, levando o nome da cidade para o mundo inteiro. Para o Inter, é um orgulho ser um dos símbolos de Porto Alegre. Para ti, Colorado, é um sentimento Gigante saber que o orgulho vermelho que carregas no peito é fruto de um solo sagrado como esse.

A grandeza dos clubes também pode ser demonstrada por uma maior facilidade em confrontos contra outros ‘grandes’: “*O Inter parece não saber jogar contra times do Interior - com todo o respeito que a equipe da Serra possa merecer. Nosso Colorado foi bem no torneio de Dubai, principalmente contra o Inter de Milão, mas não conseguiu mostrar o mesmo futebol no Gauchão até agora*” (BRAGA, 2008c, p. 11). A própria forma de jogo das

⁷³ Os chamados ‘grandes clubes’ do futebol brasileiro são todos datados das primeiras décadas do século XX.

⁷⁴ Arlei Damo comenta que a tradição “possui um papel determinante na construção da imagem dos clubes e da identidade de seus torcedores” (2002, p. 88).

equipes pode ser atribuída à tradição como definiu o técnico Celso Roth após sua estreia contra o Esportivo: *“O Grêmio já foi hoje (ontem) guerreiro, dentro da sua melhor tradição”* (2008, p. 55). Também parece ser necessário que os jogadores vindos de fora se adaptem a essa tradicional forma de jogar: *“Ninguém questiona a capacidade técnica de Roger. Nem mesmo os colorados mais ferrenhos. A grande questão é se ele irá adequar-se ao jogo de mais pegada que caracteriza o Grêmio”* (WINK, 2008a, p. 19).

Dentro dos estádios, os clubes fazem questão de ilustrar suas grandes conquistas. No muro do anel inferior do Beira-Rio é possível ler as principais conquistas do clube: *“Tricampeão Brasileiro Invicto 1979”*; *“Campeão da Libertadores 2006”*; *“Campeão da Recopa 2007”*; *“Tríplice Coroa”*. Sobre a cobertura de um setor da arquibancada superior, está pintada a frase: *“A maior torcida do Rio Grande”*. Os torcedores também exaltam as grandes conquistas e os grandes ídolos nos seus cânticos, como em um dos proferidos pela Popular: *“Salve Bodinho, Dom Elias /E também o Falcão”*, além das faixas *“Para sempre 17/12/2006”*; *“No segundona”* e *“1979”*.

Os jogos de futebol operam na lógica de um confronto disjuntivo, uma vez que o jogo inicia de uma situação de igualdade e, preponderantemente, produz uma desigualdade ao final da partida. Parece-me que a situação de igualdade pode ser questionada em diferentes contextos, como pode ser observado nos enfrentamentos entre um dos ‘grandes’ da capital gaúcha contra os ‘pequenos’ do interior: *“Jogos desiguais em princípio que só poderiam se nivelar através de uma disposição invulgar do menos capacitado”* (OSTERMANN, 2008b, p. 51). No Campeonato Gaúcho, para o Grêmio e o Internacional as vitórias não passam de obrigação enquanto insucessos são tratados como tragédias⁷⁵. Ruy Carlos Ostermann, em *Zero Hora* destacou a urgência de uma vitória após um resultado inesperado:

“Tivesse vencido em Santa Maria, o Inter estaria em campo hoje coberto de razões e justificadamente em busca de uma segunda vitória. Mas empatou e, como era o que menos se esperava, o time está obrigado a provar essa noite que foi apenas uma coincidência, não mais que uma coincidência” (2008c, p. 56).

Esses confrontos, entre grandes e pequenos, não parecem propícios para a verificação da qualidade técnica dos grandes clubes: *“caro leitor, estou esperando com alguma ansiedade para que o Grêmio, vale para o Inter também, comece a enfrentar adversários de verdade”*⁷⁶ (CARLET, 2008a, p. 45). A obrigação de vitória dos ‘grandes’ clubes permite que os ‘pequenos’ tenham certa autonomia de resultados como definiu o técnico do Novo Hamburgo

⁷⁵ Após perder para o Juventude, em Caxias do Sul, o Internacional teve seu resultado adjetivado como *“vexame”*, *“desastre”* e *“fiasco”*.

⁷⁶ Nas construções de masculinidades, encarar ‘grandes’ duelos também parece ser mais importante para essa construção identitária. Para ‘ascender’ no *status* de masculinidade, são necessárias grandes demonstrações ou enfrentamentos.

antes do confronto contra o Grêmio: “*Se perdermos no Olímpico, será considerado normal. Se vencermos, será jogo heróico. É disso que precisamos para entrar no campeonato outra vez*” (2008, p. 33). Adroaldo Guerra Filho também destacou a expectativa por mais uma vitória do Grêmio “*O Novo Hamburgo (...) não está proibido de voltar para casa com um empate ou até uma vitória, mas se isso acontecer será uma zebra e das grandes*” (2008b, p. 13). Em outra matéria, Kenny Braga destacou que “*a palavra derrota é totalmente incompatível com a grandeza do nosso Internacional*” (2008d, p. 12). Uma faixa na Popular também demonstra a disposição com que um grande clube, sua equipe e sua torcida devem encarar seus confrontos: “*Nada tememos somos do Inter*”.

Ter uma grande torcida, grandes títulos, ter aceitado atletas negros antes de um outro hierarquiza os clubes entre si e produz representações sobre seus torcedores. Até 2006, os gremistas orgulhavam-se de serem os únicos do Rio Grande do Sul a conquistarem a Copa Libertadores da América e o Mundial Interclubes. Nesse mesmo ano, com a conquista de sua primeira Copa Libertadores da América e do Campeonato Mundial da FIFA, torcedores colorados passaram a questionar a conquista do rival, dizendo que o único campeão mundial efetivo⁷⁷ de Porto Alegre é o Internacional⁷⁸. As disputas entre eles para saberem quem detém a maior torcida parecem infundáveis. Pesquisas quantitativas por amostragem, média de público nos estádios e venda de produtos são alguns dos inúmeros argumentos que uma torcida pode usar para qualificar a si e ao outro⁷⁹. Se uma equipe lidera a pesquisa de maior torcida por amostragem, mas possui média inferior de público no estádio, essa torcida será qualificada como menos fiel ou como ‘falsa’, entre outros adjetivos.

O Internacional foi o primeiro clube da dupla Gre-Nal a admitir atletas negros. Essa aceitação permitiu a consolidação da imagem do Internacional como “clube do povo⁸⁰”. Ainda hoje existem diferentes representações que vinculam o Internacional como uma torcida popular e negra, enquanto a torcida do Grêmio ainda é representada como racista⁸¹. ‘Macaco’

⁷⁷ O título do Grêmio é ‘acusado’ de Copa Toyota, confronto que entre 1980 e 2004 reunia os campeões da Copa Libertadores da América e da Copa dos Campeões da Europa em jogo único no Japão.

⁷⁸ Cacalo Silveira Martins utilizou seu espaço no *Diário Gaúcho* para mostrar uma foto com uma placa de publicidade da FIFA no jogo do Mundial de 1983 entre Grêmio e Hamburgo: “*A coluna deste final de semana se ocupa em relembrar uma verdade sobre o Mundial ganho pelo Grêmio em 1983. Conforme mostra a foto ao lado, a Fifa dava, já na época, seu carimbo na competição*” (2008b, p. 10).

⁷⁹ Wianey Carlet utilizou a, então, recém criada Timemania para comparar a participação das duas torcidas: “*Até o meio dia de sexta-feira, a batalha Gre-Nal dos apostadores apontava: gremistas (4,4%) e colorados (3,8%). Cada clube recebe de acordo com a fidelidade da sua torcida*” (2008d, p. 45).

⁸⁰ “Embora a vinculação do Inter com ‘o povo’ seja anterior à década de 40, o fim da segregação dos negros, por ter ocorrido com alguns anos de antecedência em relação ao Grêmio, consolidou, definitivamente, a imagem do clube do povo” (DAMO, 2002, p. 105).

⁸¹ Essa representação do colorado como negro é veiculada em diferentes esferas. Desde os mascotes das equipes (o saci, do Inter e o mosqueteiro, do Grêmio), até materiais que se pretendem ‘neutros’ na disputa Gre-Nal. O

é um dos termos mais recorrentes em ambos os estádios. É por macaco que os gremistas referem-se aos colorados. Ao mesmo tempo, esse termo é positivado no Beira-Rio⁸² como marcador identitário. A Popular possui diferentes faixas que exaltam essa associação: “*Macacada reunida*”; “*Bem-vindo ao Planeta dos Macacos*”.

Existem representações bastante distintas em relação à classe social dos torcedores de Grêmio e Internacional. Muitas dessas explicações encontram-se nas origens dos clubes, onde os fundadores do Internacional teriam se constituído a partir de sujeitos rejeitados pelo Grêmio por não possuírem a mesma origem étnica (germânica, aristocrática...). Explicações como essas são muito utilizadas para demarcar as fronteiras entre uma ‘elite branca’ e o ‘povo negro’ colorado. Sem interessar-me em buscar o que ‘realmente’ aconteceu nas origens dos clubes, penso que essas construções discursivas ainda produzem efeitos sobre as representações dos torcedores de ambos os clubes⁸³. Ter negros na equipe não significava um motivo de orgulho gratuito. Vencer com os negros foi dos aspectos importantes para a positivação do conceito de “clube do povo” para o Internacional⁸⁴. Curiosamente o primeiro jogador negro da história do Grêmio foi o ex-jogador do Internacional Tesourinha, que hoje dá nome ao ginásio municipal de Porto Alegre. Junto com Tesourinha, o compositor negro Lupicínio Rodrigues, autor do hino do cinquentenário do clube que, mais tarde, seria transformado no hino oficial do Grêmio, começaram a modificar as representações do Grêmio e de sua torcida. Eles “contribuíram decisivamente para reabilitar a *imagem* do Grêmio, arranhada pelas acusações de racista e elitista” (DAMO, 2002, p. 120, destaque do autor).

Nem todos os jogos têm a mesma capacidade de produzir significados ou de envolver emocionalmente seus torcedores. O Gre-Nal é, sem dúvida, o jogo mais representativo na relação entre gremistas e colorados⁸⁵. ‘Clássico’ é o nome dado para este tipo confronto, o embate direto entre clubes tradicionais ou rivais. Os clássicos garantem um grande envolvimento de suas torcidas, mesmo que, eventualmente, não apresentem boa qualidade

humorista Alcir Nicolau Pereira lançou dois livros na Feira do Livro de Porto Alegre, em 2007. O título de um é *Colorados gozam Gremistas* e o do outro é *Gremistas gozam Colorados* (as piadas dos dois livros são idênticas). Em ambas as capas o gremista é branco e o colorado é negro.

⁸² “Os colorados adotaram o ‘macaco’ como símbolo totêmico, como forma de domesticar o racismo gremista; ‘macaco’ é um bicho a parte, ao menos no Beira-Rio” (DAMO, 2005, p. 407).

⁸³ “(...) o Grêmio tem sido visto como um clube de elite branca e o Internacional como sendo um clube dos populares e dos negros – ambas as imagens são caricatas, mas de qualquer modo recorrentes. (...) Creio se tratar de uma diferença forjada pelos torcedores, num determinado período histórico, de acordo com as suas próprias percepções da configuração social e cultural” (DAMO, 2002, p. 86-7).

⁸⁴ “Até então, o clube do povo era, antes de tudo, uma pecha, um motivo de zombaria dos gremistas. Foram os negros, na década de quarenta, no Eucaliptos [primeiro estádio do Internacional], que tornaram o ‘mito de origem’ um orgulho para os colorados” (DAMO, 2002, p. 71).

⁸⁵ “A partida de futebol é uma disputa, um confronto entre adversários. O interesse do jogo está nessa competição. Quanto mais decisiva a partida, quanto mais elevado o status dos oponentes, e, portanto, a sua rivalidade, tanto mais fortes serão as expectativas, a torcida e as emoções da jornada” (VOGEL, 1982, p. 80).

técnica. O confronto supera, em muito, as questões técnicas de jogo. É comum escutar dos mediadores especializados a afirmação de que o Gre-Nal é um campeonato a parte. Apesar das grandes conquistas internacionais coloradas nessa última década, o comentarista Kenny Braga ressaltou a relevância da conquista do 38º título gaúcho para o Internacional: “*A vitória contra o Veranópolis é uma exigência inafastável dos planos do Internacional para retomar o título do Gaúcho que, há duas temporadas, pertence ao Grêmio*” (2008e, p. 11). Luiz Henrique de Toledo aponta para a capacidade que os clássicos têm de modificarem o funcionamento das cidades nos dias desses confrontos, “caminhando pela cidade nos dias e nas horas que antecedem os chamados *clássicos* (...), logo percebe-se que parte das regras cotidianas, que imprimem ritmo à cidade, são alteradas por motivo desses jogos” (1996, p. 39).

Pensar o futebol gaúcho ou o futebol porto-alegrense é pensar Gre-Nal. As identidades de suas torcidas são produzidas com a alteridade colocada nos torcedores do outro clube. Esse tipo de construção acontece de forma semelhante à de outras rivalidades como, por exemplo, as das torcidas de futebol das seleções do Brasil e da Argentina. Essas rivalidades devem ser reforçadas em diferentes âmbitos⁸⁶. Antes dos jogos, os alto-falantes do Beira-Rio saúdam “a maior e melhor torcida do Rio Grande”. Antes do confronto diante do Veranópolis, o time infantil do Inter foi homenageado pela conquista do Encontro de Futebol Infantil Pan-Americano (Efipan), em Alegrete, Rio Grande do Sul. Além de destacarem os méritos da equipe como melhor ataque, melhor defesa e artilheiro, s alto-falantes ainda anunciaram a vitória sobre o “tradicional rival Grêmio Foot-Ball”. Uma faixa no Beira-Rio também destacava a superioridade do Internacional sobre o Grêmio com os dizeres “*Procura-se rival*”.

É bastante comum entender que “gremistas e colorados são contrários, contraditórios e complementares” (DAMO, 2002, p. 85). No dicionário, além de significar rixa, ciúme e competição, rivalidade pode ser entendida como emulação (1990, p. 1522). Emulação que pode ser definida como um sentimento que incita a imitar ou a exceder outrem; estímulo; rivalidade (geralmente no bom sentido, isto é, rivalidade sadia, imbuída de espírito esportivo) (1990, p. 658).

Além das marcações de diferenças, penso que esses clubes e suas torcidas possuem algumas representações bastante semelhantes. Ambos compartilham a representação de

⁸⁶ O presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, no dia da confirmação do país como sede da Copa do Mundo de 2014 afirmou que o país irá “*realizar uma Copa do Mundo para argentino nenhum botar defeito*” (CHAHAD; MAGALHÃES, 2007).

‘futebol gaúcho’ durante os confrontos contra os clubes de outros estados brasileiros⁸⁷, além de serem entendidos como os grandes clubes do futebol gaúcho nos confrontos contra as equipes do interior do Rio Grande do Sul. Assim como identificamos a construção de uma invenção do que possa ser chamado de futebol brasileiro, também encontramos algumas representações sobre o que seja o futebol gaúcho. Esse pertencimento gaúcho é cantado nas diversas vezes que o hino do Rio Grande do Sul toca nos dois estádios e também em uma adaptação que a Geral faz de uma música tradicionalista: “*Eu sou do Sul/ É só olhar pra ver que eu sou do Sul/ A minha terra tem o céu azul/ E dale dale ô/ Dale Grêmio/ Dale Campeão, dale Grêmio/ Dale Campeão, dale Grêmio/ E dale dale ô*”. Seus torcedores são identificados com uma representação bastante particular de gaúcho. “O gaúcho altivo, valente e destemido, o centauro dos pampas cujo mito se tornou ideologia com a atuação do MTG, é também o estereótipo que orienta, ao longe, as manifestações dos torcedores e, principalmente, os discursos midiáticos” (DAMO, 2002, p. 132). Essa representação faz uma associação entre gaúcho e masculinidade, “gaúchos são necessariamente homens, e virilidade é condição de ser gaúcho” (LEAL, 1992, p. 148). David Coimbra ilustra a ‘preocupação’ de torcedores do Grêmio sobre a representação de gaúchos que a atriz Deborah Secco construiria em função da forte marcação sobre o jogador Roger do Grêmio “*Ela vai dizer que os gaúchos são todos uns brutos*” (2008, p. 3).

Falar em torcida do Grêmio ou torcida do Internacional de forma genérica não parece suficiente para dar conta da complexidade ou da diversidade existente nos estádios de futebol. Como dito anteriormente, a própria arquitetura do estádio propõe uma diferenciação entre o público. Tanto o estádio Beira-Rio quanto o Olímpico possuem dois ‘anéis’. Em ambos os casos o anel superior custa mais caro. De lá é possível ter uma visão em maior profundidade do campo de jogo. Além disso, mesmo os torcedores que pagam o mesmo valor pelo ingresso diferenciam-se pela maneira de torcer ou de agrupar-se para tanto durante os jogos.

Além do local diferenciado nos estádios e comportamento distintos, alguns símbolos são importantes para a diferenciação entre torcedores de um mesmo clube. As torcidas Geral e Popular ‘demarcam’ sua área de atuação por faixas na vertical presas nos muros dos anéis superior e inferior. As torcidas organizadas, como a Camisa 12 e a Jovem também possuem camisetas específicas que as diferenciam dos demais torcedores. As camisetas dos torcedores não são apenas diferentes em seus modelos, como também podem se diferenciar entre oficial, vendidas pelo fornecedor de material esportivo da equipe, e ‘pirata’, cópia de comercialização

⁸⁷ “(...) se puede concebir un estilo particular de jugar al fútbol como algo totalmente imaginario, pero en general, este se desarrolla a través de una comparación con otros estilos” (ARCHETTI, 2003, p. 94).

mais barata. Os torcedores ainda se distinguem pela forma como vão para o estádio: a pé, de ônibus, de táxi, de carro particular; sozinhos, em duplas, trios ou em grandes grupos antecipando cânticos e coreografias.

Anteriormente utilizei como exemplo de uma rivalidade futebolística o duelo entre Brasil e Argentina. Porém, me parece que a rivalidade entre clubes é maior, ao menos em Porto Alegre, e extrapola a rivalidade entre Seleções. Ao contrário das rivalidades entre Seleções que são afloradas de quatro em quatro anos nas Copas do Mundo, ou nos esporádicos confrontos, as rivalidades clubísticas, como a Gre-Nal, são vividas no cotidiano.

Tal como nos ensinam os estudiosos culturais, o torcedor de um time constrói sua identidade ao produzir a diferença em relação ao torcedor adversário.

A diferença não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida. Além disso, a diferença é sempre uma relação: não se pode ser “diferente” de forma absoluta; é-se diferente relativamente a alguma outra coisa, considerada precisamente como “não-diferente”, também só faz sentido, só existe, na “relação de diferença” que a opõe ao “diferente”. Na medida em que é uma relação social, o processo de significação que produz a “diferença” se dá em conexão com relações de poder (SILVA, 2003a, p. 87).

Ser torcedor de uma equipe específica significa, no contexto futebolístico, não torcer pelas outras. “Dizer-se gremista é (...) dizer-se anticolorado e não-flamenguista, palmeirense, santista e assim por diante” (DAMO, 2002, p. 54). Nessa relação o rival (o principal adversário), acaba sendo a principal alteridade construída⁸⁸.

“(...) tripudiar o ‘outro’ é tão importante quanto cultivar a própria identidade. E para tripudiar é preciso, antes de mais nada, estar próximo, encaixado” (DAMO, 2002, p. 150). Os títulos de Internacional e Grêmio são parecidos, o tamanho das torcidas e dos estádios equivalem-se e até mesmo os espaços sociais de comemoração das vitórias ou dos lamentos das derrotas são os mesmos. Mesmo a distância entre os estádios é pequena. Por constituírem-se como grandes clubes, os confrontos entre ambos permitem uma maior circulação simbólica, assim “como em qualquer situação de desafio as coisas sempre se dão em relação aos obstáculos a serem enfrentados, uma vitória obtida contra um adversário fraco inibe a projeção plena dos pressupostos morais que instrumentalizam uma dada disputa” (TEIXEIRA, 1992, p. 166).

Márcio Pereira Morato entende que nas rivalidades, “nenhum aspecto de identificação pode se aproximar dos símbolos do time rival. Rivalizar é diferenciar-se, inclusive nas cores” (2005, p. 81). Concordo com o autor quando esse fala da diferenciação de cores, e, mais do que isso, entendo que é uma (ou a) diferenciação que efetivamente é significativa. No final da

⁸⁸ “A paixão pelo Grêmio implica também na aversão ao Internacional” (DAMO, 2002, p. 54).

década de 1980, o Grêmio quase deixou de assinar um contrato de patrocínio da camiseta com a Coca-Cola, pois o símbolo dessa é historicamente vermelho⁸⁹. O Grêmio, então, foi o primeiro clube patrocinado pela Coca-Cola que usava o símbolo da empresa em preto⁹⁰.

Torcedores, mediadores especializados, estudiosos e outros afirmam que um time precisa do rival. Na construção das identidades dos torcedores, a construção da alteridade nos torcedores adversários é parte importante desse processo de significação⁹¹, como lembram estudiosos/as culturais e de gênero que afirmam a importância (e o caráter imprescindível) do outro como marcador da fronteira, do limite que não deve ser ultrapassado. No caso brasileiro⁹² as rivalidades tendem a aumentar quando os clubes são mais próximos. Nesse sentido derrotar o outro é sempre muito significativo: “*impedir o terceiro Gauchão seguido do Grêmio é questão de honra no Beira-Rio*” (OLIVIER, 2008, p. 59). Nenhum time é mais próximo do Internacional que o Grêmio e vice-versa. Ao mesmo tempo, nenhum time é tão rival de um quanto o outro.

Ora, se a identidade diz respeito às diferenças, então há que se preocupar justamente com aqueles que são mais parecidos conosco e que mais ameaçam trazer confusão para a definição de nossa identidade. Portanto, é necessário afirmar a diferença contra o que é mais próximo, e que, portanto, mais nos ameaça (SEFFNER, 2004a, p. 99).

Quando os dois clubes participam de campeonatos simultâneos, o torcedor sente-se convidado a participar dos jogos de ambos. Essa rivalidade, muitas vezes naturalizada, é constantemente alimentada pelos mediadores especializados, pelos dirigentes e torcedores. Aparentemente, a exceção acontece no momento em que as torcidas dos diferentes clubes envolvem-se em enfrentamentos físicos. “A rivalidade é levada ao extremo em alguns momentos como esse [de enfrentamentos físicos]. O torcedor rival não é apenas diferente, é um inimigo. Eles não toleram sua diferença e fazem da violência real a forma adequada de manifestar seu ódio, preconceito e intolerância” (MORATO, 2005, p. 100-1). Não concordo

⁸⁹ Arlei Damo destaca que “para muitos sul-rio-grandenses, azul e vermelha são (tornaram-se) cores opostas” (2005, p. 88).

⁹⁰ Em Porto Alegre, o Papai Noel, além da tradicional representação vermelha, também pode ser encontrado na cor azul. Além do “Bom velhinho”, o Partido dos Trabalhadores (PT), que historicamente é identificado pelas cores vermelha e amarela, produz um modelo de bandeira diferenciado no Rio Grande do Sul. Para contemplar os petistas gremistas existe uma bandeira nas cores azul e branca.

⁹¹ Esse tipo de construção é mais significativo em locais onde o futebol é vivido como uma rivalidade entre dois clubes. Exemplos disso acontecem em Campinas (Guarani e Ponte Preta), Buenos Aires (Boca Juniors e River Plate), Salvador (Bahia e Vitória), Pelotas (Brasil e Pelotas) e outros. Durante o intervalo do confronto entre Internacional e Brasil de Pelotas foi possível ouvir da torcida do Brasil os cânticos de “*Áo, ão, ão, segunda divisão*” e “*Ô, pau no cú do lobo, pau no cú do lobo*”, que é o apelido da torcida do Pelotas, clube que disputou a segunda divisão do Campeonato Gaúcho em 2008.

⁹² Arlei Damo cita os casos espanhol, italiano, inglês e argentino como similares na rivalidade entre clubes locais, diferenciando-se do modelo francês, onde as rivalidades são maiores entre os grandes clubes de cidades diferentes (DAMO, 2005, p. 81).

que seja apenas nos confrontos físicos que os torcedores entendem o rival como inimigo⁹³. Penso que esse é um tipo de produção bastante comum quando pensamos nas torcidas da dupla Gre-Nal. Essa relação entre grupos com diversas semelhanças pode aumentar a intensidade de alguns conflitos, “não se deve esquecer que as hostilidades mais violentas, amargas e intensas acontecem com mais frequência entre indivíduos que apresentam semelhanças étnicas, ideológicas ou que estão aparentados do que entre estranhos” (ORTEGA, 2000, p. 63). Parece-me que existe certa permissividade para os xingamentos entre os rivais. Xingamentos esses que geralmente tem representações de gênero, sexualidade e etnia bastante específicas. Em alguns momentos, os cânticos e xingamentos parecem ser entendidos por diferentes atores como a forma adequada de manifestação de ódio e preconceito, pois cânticos como “*Nós odiamos o Grêmio, nós odiamos o Grêmio*”, não foram adjetivados como violentos em nenhum dos jornais observados.

Mauro Betti lembra uma passagem no distante Campeonato Brasileiro de 1992 em que comenta a construção do acirramento de rivalidades

No Rio de Janeiro, em 1992, um relacionamento de amizade entre os jogadores Gaúcho (Flamengo) e Renato (Botafogo) custou o afastamento do segundo. As torcidas organizadas pressionaram os dirigentes, ao tomarem conhecimento de que o jogador botafoguense ofereceu um churrasco ao seu amigo flamenguista, dias antes da partida decisiva do campeonato carioca⁹⁴: “ousadia” inaceitável... A mídia deu ampla cobertura ao fato, tirando as aspas da palavra *inimigo*. Uma vez alimentada a rivalidade, como estabelecer e respeitar os limites da “desportividade e do respeito”, como não transformar uma “guerra” simbólica numa “guerra” real? A rivalidade “contagia os jogadores”, afirmou um jogador. A rivalidade precisa ser artificialmente alimentada porque “vende” o futebol produzido pela mídia (1997, p. 128).

Não é somente nos clássicos que as rivalidades são “alimentadas”. Confrontos históricos podem ser utilizados na construção de uma ideia de vingança, como antes do primeiro jogo do Campeonato Gaúcho no Beira-Rio entre Internacional e Veranópolis:

“*O Veranópolis está engasgado. Não há como negar*’, admitiu o técnico Abel Braga em sua última entrevista coletiva. O lateral Ramón, que deve entrar na equipe na vaga de Fernandão, vetado pelo departamento médico devido a dores musculares, usou a mesma palavra: ‘*É um time que está engasgado. Vamos tentar dar o troco*’, enfatizou” (FALKOWSKI, 2008b, Contracapa).

Não pretendi determinar ou descobrir os ‘motivos’ que levam a mídia a “alimentar artificialmente a rivalidade”, mas sim interessou-me notar que os mesmos mediadores, críticos tão ferrenhos dos confrontos físicos entre as torcidas, acabam, em diferentes

⁹³ “A imagem do inimigo é parte constituinte das representações coletivas, por meio das quais os grupos sociais se constituem. Fazer uma imagem de si mesmo implica esboçar uma imagem do inimigo” (ORTEGA, 2000, p. 77).

⁹⁴ Aqui o autor comete um pequeno equívoco, pois o fato ocorreu antes da segunda partida da final do Campeonato Brasileiro de 1992.

momentos, acirrando essa rivalidade (e não propriamente no sentido de emulação), e individualizando nos sujeitos as responsabilidades pelos confrontos.

Futebol, masculinidades e violências

A violência é um dos temas mais polêmicos e recorrentes na mídia sobre futebol⁹⁵. Desde discussões sobre o que vem a ser, ‘verdadeiramente’, violência, passando por sugestões de punições exemplares, além do enquadramento dos sujeitos envolvidos com atitudes violentas como criminosos. O poder público designa um número importante de policiais militares⁹⁶ para os estádios que, no caso de Porto Alegre, são privados. A presença bastante equipada (cassetetes, bombas de efeito moral, balas de borracha, cavalos e cães) dos policiais produz um cenário belicoso, onde os confrontos físicos parecem estar sempre ‘potencialmente’ presentes (TOLEDO, 1996). Luiz Henrique de Toledo destaca que “parece impossível abordar quaisquer fenômenos esportivos, sobretudo o futebol, lugar da emergência de identidades e antagonismos coletivos, ocultando do horizonte das análises os processos conflitivos, transgressores e violentos que eclodem de tais manifestações sociais” (2002, p. 241). É possível notar, pelo próprio comportamento dos policiais, que alguns *pedaços* do estádio parecem mais ‘potencialmente’ belicosos que outros. Enquanto um grande número de policiais localiza-se em frente a Popular, não encontrei nenhum nas cadeiras do Beira-Rio.

Fora a relação entre futebol e violência, existe uma importante construção identitária⁹⁷ de jogadores e torcedores de futebol relacionados à ‘macheza’. ‘Guerreiro’, ‘lutador’ – figuras como essas – associam-se a um tipo específico de masculinidade, que valora positivamente algumas características como a virilidade e pode acabar utilizando diferentes formas de violência como possibilidades de manifestações desse modelo. Uma faixa nas arquibancadas

⁹⁵ “No que concerne ao campo dos *especialistas*, embora tratadas comumente como ‘casos de polícia’, as transgressões e violências entre torcedores e torcidas são cobertas pela imprensa de modo preponderante nas páginas ou noticiários esportivos, o que revela insuspeita filiação e comprometimento desses torcedores a esse campo específico, embora quase sempre se salientem o caráter exógeno de tais práticas e sua incompatibilidade com o profissionalismo instituído” (TOLEDO, 2002, p. 242).

⁹⁶ Dentre as ações realizadas pelos policiais esteve, inclusive, a negação ao direito de ir e vir nas ruas próximas ao estádio Olímpico. “A *Brigada Militar adotará medidas especiais de segurança. A partir das 16h, será proibida a circulação de pessoas e carros na José de Alencar, entre a Rótula do Papa e a Carlos Barbosa. E a entrada de torcedores no Olímpico, com ingresso ou cartão de sócio, só ocorrerá pela Dona Cecília e pela Cascatinha*” (2008, p. 12). Após esse horário para circular por essas ruas era necessário apresentar o ingresso do jogo ou a carteira de sócio do clube.

⁹⁷ Como todo marcador identitário, a violência não deve ser entendida como uma manifestação irracional de ódio ou rancor. Ela pode ser entendida como uma ‘necessária’ demonstração de atributos masculinos. Além disso, não parece adequado imaginar que nos confrontos físicos ocorrem um vale-tudo. José Garriga Zucal, aponta a existência de certo código ético nos enfrentamentos entre torcedores argentinos “los enfrentamientos están reglamentados: ciertos accionares están ‘prohibidos’, por ejemplo la utilización de armas de fuego” (2005a, p. 43).

do Beira-Rio, “*Verás que um colorado teu não foge a luta*”, faz uma paródia do hino nacional, mostrando certa identificação dos torcedores como ‘soldados’ de uma ‘nação’.

Violência pode ser entendida como uma característica importante e desejável em alguns modelos de masculinidades. Ela pode também aparecer como uma forma de socialização entre grupos de homens⁹⁸, “nas trocas entre os torcedores arquirrivais (...) prevalecem os insultos, as provocações e, portanto, a incitação ao conflito” (DAMO, 2005, p. 97). Na representação de algumas figuras como o guerreiro ou o soldado, de fácil identificação masculina, a violência frequentemente está presente. Até mesmo em tarefas que não apontam para uma necessidade direta (ou física) de violência, como nas funções empresariais, termos como coragem, agressividade e outros são valorados positivamente nas construções de masculinidades hegemônicas. Assim como a sexualidade, a violência pode servir para hierarquizar os sujeitos: homens com ‘bons’ desempenhos agressivos ou violentos poderão ser entendidos como mais homens que outros, ou como ‘homens de verdade’.

Dentro de uma mesma torcida, é possível encontrar algumas ‘brincadeiras’ que envolvem socos e pontapés. No jogo do Internacional contra seu homônimo de Santa Maria, alguns torcedores da Popular, quase todos sem camisa e com corpos muito semelhantes, fizeram uma ‘roda punk’, ‘brincadeira’ que inclui confrontos físicos. Essas ações usualmente não provocam aflição, nem demandam providências das autoridades policiais. A sociabilidade entre torcedores de um mesmo clube ou de clubes rivais, “ao mesmo tempo que é alicerçada nas relações regidas pelas jocosidades, comensalidades e congraçamentos, supõe a rivalidade como expressão dos mais variados padrões de agressividade, verbais ou físicos, repondo a dimensão explicitamente mais lúdica como fundamento dessa sociabilidade” (TOLEDO, 2002, p. 252). A bebida alcoólica⁹⁹, ingrediente significativo nas relações entre homens, pode aparecer como catalisador para essa socialização violenta, como cantado pela torcida do Internacional: “*Eu canto, bebo e brigo/ Pelo nosso amor/ Eu canto, bebo e brigo/ Não temo ao perigo/ Pelo nosso amor!*”; “*Sempre louco atrás do gol acendendo um do bom/ Eu vou ... matar um puto tricolor/ E depois de me chapar e a cerveja acabar/ Eu vou ... matar um puto tricolor*”.

⁹⁸ Luiz Henrique de Toledo relata a conversa que teve com uma senhora, integrante de uma torcida organizada do São Paulo Futebol Clube, sobre um confronto contra torcedores do Clube de Regatas Vasco da Gama no início da década de 1990, no Rio de Janeiro. Ele comenta que ela “disse-me que havia deixado a rapaziada brincar (ou brigar?)” (1996, p. 84), o que, em alguma medida, pode mostrar o caráter de socialização desses enfrentamentos.

⁹⁹ O próprio uso de bebidas alcoólicas e entorpecentes aparece positivado nos cânticos e faixas das torcidas. Um dos cânticos da torcida do Grêmio aponta para a ingestão de álcool: “*Eu sou borracho sim senhor/ E bebo todas que vier*”; no Beira-Rio encontrei a faixa: “*Estamos todos bêbados*”.

A bebida alcoólica é, por outro lado, apontada como co-responsável pela violência nos eventos futebolísticos. Mário Marcos de Souza, de *Zero Hora*, exalta a aprovação de um projeto lei que proíbe a venda de bebidas alcoólicas nos estádios. Segundo ele, ficaria apenas faltando “*controlar a venda de álcool nas imediações – ou estabelecer um controle rigoroso nas roletas para evitar que torcedores alterados assistam aos jogos*” (2008, p. 61). Wianey Carlet parece um pouco mais radical quanto à necessidade de se banir a bebida alcoólica e os sujeitos embriagados dos estádios: “*apenas proibir o consumo de bebidas alcoólicas no interior dos estádios não basta. Deveria ser compulsório o teste do bafômetro em quem se apresentasse com sintomas de embriaguez*” (2008e, p. 45).

O futebol é um esporte moderno e pode ser entendido como certa ‘evolução’ dos jogos populares. A violência, que hoje é duramente criticada pelos envolvidos com o futebol é uma violência histórica. Arlei Damo comentando Elias e Dunning, diz que o esporte moderno ainda é bastante similar ao jogo popular, e o que mudou de maneira mais significativa foi à transformação da violência física em violência simbólica (2002). Em diferentes instâncias os confrontos são incentivados. Antes da partida contra o Veranópolis, os alto-falantes do Beira-Rio abriram a transmissão do jogo com a música *Peleia*¹⁰⁰, da banda Ultramen e dos Trovadores RS. A necessidade de estar sempre pronto para os confrontos, e mais do que isso, disposto a encarar um confronto até as últimas conseqüências também aparece nas faixas das torcidas, como a faixa: “*Peleando até a morte*”, encontrada no estádio Olímpico. Em determinados jogos, nem mesmo a vitória é suficiente. Alguns deles exigem outros ingredientes. Após o jogo contra o Veranópolis, Cléber Grabauska apontou que “*a torcida esperava que o time vingasse a eliminação do ano passado, de preferência com uma goleada, mas teve de se contentar com o 2 a 0*” (2008, p. 14).

Algumas situações são por vezes acionadas para ‘explicar’ a violência nos estádios. Uma explicação encontrada por estudiosos sobre certa ‘origem’ da violência nas torcidas de futebol, associa os comportamentos agressivos com o ingresso dos negros no esporte que teriam alterado o perfil dos torcedores de elite do início do século XX¹⁰¹. Adjetivos como

¹⁰⁰ Nessa música aparecem representações de gauchismos associados à masculinidade e ao confronto: “*Pele-pele-peleia eu não vou fugir desta guerra não/ Não vou deixar eles fuderem minha terra não/ É mais fácil morrer estar lutando eu nunca vi peão gaúcho se entregando/ Macho não é quem bate na mulher/ Homem eu vou dizer o que que é/ Gaúcho macho do chão farroupilha protege e ama a sua família/ (...)Prepare a erva comece a pensar pois a peleia vai começar/ Não podemos se entregar pros ‘ômi’ de jeito nenhum/ Não tá morto quem peleia amigo sob o céu azul/ Não podemos se entregar pros ‘ômi’ de jeito nenhum/ (...) Diferenças eu guardo na guaiaca gente pequena gente ruim gente fraca/ (...) Ala puxa tchê bagual se não gosta vem pra cima/ (...) Mano da terra não vacila não foge da briga/ (...) No meu solo Rio Grande povo guerreiro se expande/ Que a peleia não perde a chance/ Prepare a erva comece a rezar pois a peleia vai recomeçar”.*

¹⁰¹ Sobre a mudança do perfil dos torcedores cf. DAMO, 2006.

“povo”, “homens”, “palavrões”, “ameaças”, “agressões” e “hostilidades” se confundem para desvalorizar os estádios de futebol e pensá-lo como perigoso. A torcida tornou-se assim um local de risco. Outra perspectiva aponta para a seriedade no futebol e a conseqüente seriedade no torcer. Essa ocorrência seria maior em países pobres, pois os jovens não teriam acesso a uma vida digna. Mesmo os jovens de famílias mais abastadas estariam sofrendo com a desestruturação da família e a torcida de futebol seria um local adequado para a identificação não atingida em outras esferas sociais¹⁰². Essas são apenas duas leituras possíveis para o entendimento da presença de certo comportamento agressivo/violento nas torcidas de futebol, que apontam para atravessamentos de raça/cor e/ou classe social como indicadores importantes na explicação dessas atitudes.

Por certo é questionável afirmar que os xingamentos e atitudes menos ‘nobres’ foram implantados com o acesso de classes populares no futebol. Essa argumentação parece-me esvaziada de sentido quando o ingresso mais barato para um jogo de futebol do Campeonato Gaúcho de 2008, em Porto Alegre, foi R\$ 15,00. Os xingamentos permanecem nos estádios, porém é difícil afirmar que as classes populares ainda frequentam esse espaço. O que se pode perceber de popular nesse espaço seria, talvez, certo vocabulário agressivo, sem a polidez exigida por outras esferas culturais. Durante a pesquisa de campo notei que esse comportamento parecia não condizer com uma classe economicamente baixa, uma vez que em diferentes setores dos estádios, camisetas oficiais (caras, em média R\$ 150,00) circulavam junto com comportamentos agressivos, ofensas e palavras de baixo calão. É possível pensar que os estádios constituem-se como lugares que dispensam um comportamento comedido, esperando de seus frequentadores uma maior disposição para o uso de um vocabulário específico.

Nas discussões midiáticas existe uma preocupação em singularizar o sujeito da violência. Esse sujeito pode ser chamado de ‘falso torcedor’¹⁰³, ‘vagabundo’, ‘marginal’ e tantos outros adjetivos próximos. Durante uma confusão na Geral do Grêmio, os torcedores envolvidos na correria e na pancadaria foram vaiados pelos demais, além de serem xingados de ‘colorados’. Quando os policiais do choque aproximaram-se a confusão aumentou e foi possível observar que os mesmos já chegaram batendo ao local. A atitude da polícia recebeu aplausos dos demais torcedores. Consegui observar que, na saída dos policiais, nenhum

¹⁰² Cf. REIS, 2005.

¹⁰³ Essa distinção entre torcedores também pode ser observada em materiais divulgados pelos clubes. Antes de enfrentar o Internacional em Porto Alegre, uma das equipes do interior postou em seu site: “A diretoria do Grêmio Esportivo Brasil pede a colaboração de todos os torcedores para torcer em paz, evitando brigas e confusões, que só estragam a imagem do futebol e, neste específico caso, podem manchar a imagem do Grêmio Esportivo Brasil e de sua torcida” (MOMBACH, 2008, p. 27).

torcedor foi detido. Parece que a ação violenta da polícia na Geral teve certo fim em si mesmo.

É interessante perceber que a violência institucional da polícia pode ser aplaudida enquanto os torcedores que se envolvem em confrontos físicos são extensamente criticados. Esses sujeitos perdem suas características plurais e passam a ser definidos como sujeitos violentos. Parece totalmente fora das possibilidades discursivas lermos ou escutarmos algum comentário de que o sujeito envolvido em uma briga seja também um trabalhador, responsável, honesto. As torcidas, especialmente as organizadas (e no contexto investigado, o que venho chamando de diferenciadas), são responsabilizadas pela junção de “malandros e desocupados que têm como interesse primordial a baderna e o caos, e não o incentivo ao time” (MORATO, 2005, p. 73).

Existe também um constante esforço por parte dos especialistas e de alguns pesquisadores acadêmicos em separar o que seria violência simbólica de violência ‘real’. Essa separação pode ser conceitualmente lida da seguinte forma: “a violência real, que é perceptível pelas agressões físicas de contato, enquanto a violência simbólica¹⁰⁴ é visível pelas agressões verbais e/ou gestuais” (REIS, 2005, p. 114). Entendo que essa divisão é bastante tênue, pois tenho grande dificuldade em hierarquizar diferentes tipos de agressões, especialmente quando essas agressões são feitas a outrem. Se entendermos essa violência simbólica como legitimada nesse espaço, não poderíamos pensar em uma disposição intencional para a violência “real”? Se sim, “seria adequado falar em violência neste caso? Ou, em qualquer outro que tivesse como referência agressões concebidas como legítimas?” (OLIVEIRA, 2005, p. 13).

Em alguns trabalhos acadêmicos aparece uma relação de causa e efeito entre uma violência que era simbólica e que dependendo de algumas atitudes pode tornar-se física¹⁰⁵. A rivalidade, intensamente incentivada por diferentes atores em distintos âmbitos, é apontada como um dos principais combustíveis dos comportamentos violentos. Alguns autores trabalham com a ideia de que manifestações de intolerância aparecem apenas quando da violência “real” (a que incluiria confrontos físicos). Parece-me que em diversas narrativas

¹⁰⁴ Heloisa Reis e outros autores não parecem estar utilizando a expressão “violência simbólica” tal como Bourdieu a empregou, isto é, “o ato pelo qual os grupos dominantes impõem – como se fosse universal – sua cultura particular sobre os grupos dominados, ocultando que na origem desta imposição está um ato de força, ou seja, de violência propriamente dita” (SILVA, 2000, p. 111).

¹⁰⁵ “Uma das formas (...) de manifestação da violência simbólica (...) é a queima da camisa rival diante de seus torcedores. Destruir o maior símbolo do clube (sua camisa) é como chamar para briga” (MORATO, 2005, p. 100).

sobre os confrontos entre torcedores existe certa tolerância quando esses acontecem através dos cânticos¹⁰⁶ e xingamentos. Mas os confrontos físicos são absolutamente rechaçados.

Durante os jogos, algumas atitudes de violência física são permitidas e desejadas. Na Popular, durante o jogo do Internacional contra o Veranópolis, escutei sujeitos dando algumas ordens para os atletas colorados: “Quebra a perna”; “Dá uma no joelho dele ô porra!”. Quando um jogador do Brasil de Pelotas tentou um ataque foi possível ouvir gritos de “Derruba, Derruba”. No jogo contra o Esportivo, um torcedor ordenou a um jogador do Grêmio: “Chuta a cabeça dele caralho, vai tomar nesse teu cú”. Contra a Ulbra, as ordens foram semelhantes: “Tira a bola dessa merda”; “Bate nele”. Nas partidas parece existir uma clara distinção entre a ‘nossa’ violência, que pode ser entendida como certo ganho de masculinidade e a violência do adversário, mais associada à inaptidão técnica dos jogadores. Um jogador do Novo Hamburgo fez uma falta violenta em um jogador do Grêmio e recebeu diversas vaias dos torcedores. Nesse momento, jogadores do Grêmio foram ‘encarar’ o adversário e foram imediatamente aplaudidos. O goleiro Renan, do Internacional, também teve seu nome gritado por torcedores após ‘encarar’ um jogador do Brasil de Pelotas. Após um jogador da Ulbra fazer falta no meia Roger, a torcida do Grêmio solicitou ao árbitro: “Bota pra rua filha da puta”. Pouco depois, um jogador da Ulbra caiu no gramado, em função de uma dividida e foi possível escutar xingamentos ao árbitro: “Filho da puta”; “Vai tomar no cú”; “Ladrão”, além de gritos de “Coitadinho”; “Florzinha”; “Levanta”; “Sai fora veado” para o atleta adversário.

Admitindo, em alguma medida, que a “violência simbólica” é socialmente aceita nos estádios, passo então a perguntar quem é ou quem são os alvos dessas atitudes verbais e/ou gestuais¹⁰⁷? Anteriormente, destaquei que a violência das torcidas de futebol pode aparecer associada à construção de um modelo específico de masculinidade. Os xingamentos são, em sua grande maioria, dirigidos a homossexuais¹⁰⁸, mulheres e negros¹⁰⁹. Seriam a

¹⁰⁶ “A violência simbólica envolve apenas atitudes verbais e/ou gestuais, sendo que normalmente ela é emocionalmente satisfatória e agradável, produzindo até mesmo um efeito catártico no indivíduo. A violência afetiva é aquela em que os indivíduos se manifestam com o intuito de demonstrar seus sentimentos e de liberar a energia provocada pela tensão causada pela ansiedade da partida e pela expectativa do resultado. Ela é socialmente aceita e, nos estádios de futebol, pode ser observada a partir dos gestos e gritos realizados pelos torcedores e de algumas canções e hinos cantados por eles” (REIS, 2005, p. 112).

¹⁰⁷ “A maioria dos palavrões sugere a feminilização do rival. No ambiente machista do futebol, a melhor maneira de agredir os adversários pelos palavrões é duvidando de sua masculinidade ou agredindo a principal figura feminina da família, a mãe” (MORATO, 2005, p. 100).

¹⁰⁸ “Desprezar o sujeito homossexual era (ainda é), em nossa sociedade, algo ‘comum’, ‘compreensível’, ‘corriqueiro” (LOURO, 2004b, p. 57).

¹⁰⁹ Especialmente no caso da torcida do Grêmio.

homofobia¹¹⁰, a misoginia e o racismo socialmente aceitos neste espaço? Pelos cânticos das torcidas, onde esses xingamentos são expressos, parece que esses alvos seriam ‘inimigos legítimos’. Essa legitimidade aumenta ao observar que em nenhuma manifestação dos especialistas os cânticos foram descritos como violentos. É produtivo notar que os ‘alvos’ desses xingamentos são, historicamente, alvos de desprezo frequentes nas construções de masculinidades hegemônicas.

E, logicamente, a maior parte dos xingamentos e as representações negativas aparecem na figura do torcedor rival. Durante a Copa do Mundo de 1978, disputada na Argentina, a torcida portenha criou uma música fazendo referencia a torcida brasileira: “Ya todos saben que Brasil está de luto/ son todos negros/ son todos putos” (ALABARCES, 2006, p. 157). Nesse exemplo, a representação negativa, que ‘ofende’, apresenta marcas bastante específicas, apontando para jogos de hierarquia e desigualdade envolvendo produções das identidades étnicas e sexuais. Para além dos xingamentos nos estádios de futebol, esses grupos também sofrem um índice maior de violência em outros contextos sociais. Ainda que a associação entre violência e masculinidade seja recorrente, parece pouco produtivo tomar o marcador de gênero isoladamente sem articulá-lo a outros como a sexualidade, raça/etnia e classe social¹¹¹.

Entendo que a construção de desigualdades entre masculinidades pode ser lida como uma forma de violência, especialmente se pensarmos que nos estádios de futebol se privilegia um tipo bastante específico de masculinidade. Como em qualquer contexto cultural, algumas violências parecem ser mais violentas que outras¹¹². A violência é produzida na cultura e seus diferentes significados são construídos em um terreno de lutas por significação.

O modo como Fernando Seffner (2004a) utiliza o conceito de violência estrutural (compreendida como formas de violência que não são acionadas ocasionalmente, como nas guerras, mas que atravessam e constituem a intimidade dos indivíduos) me ajuda a refletir sobre esse entendimento de que a provocação ou o xingamento são permitidos no futebol. Por sua atuação constante, essas formas de violência, poderão ser ‘naturalizadas’ e, em consequência, dificilmente serão nomeadas como violentas. Penso que essa leitura também

¹¹⁰ “A homofobia é, do mesmo modo que a xenofobia, o racismo ou o anti-semitismo, uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como o contrário, inferior ou anormal, referindo-se a um preconceito e ignorância que consistem em acreditar na supremacia da heterossexualidade” (POCAHY; NARDI, 2007, p. 48-9).

¹¹¹ “Os homens gays se tornam alvos sistemáticos do preconceito e da violência. Homens efeminados e débeis são constantemente humilhados. Os homens negros, nos Estados Unidos (como na África do Sul) sofrem, massivamente, de níveis mais altos de violência letal do que os homens brancos” (CONNELL, 1995, p. 197).

¹¹² “O aspecto social da conceituação de violência refere-se a que, em um grupo social, alguns vão nomear como violência algo que outros poderão considerar como corriqueiro ou não violento, isso na dependência de fatores culturais” (SEFFNER, 2004a, p. 89).

pode ser feita em relação aos xingamentos entre torcedores adversários que, geralmente, são dirigidos aos grupos “mais propensos culturalmente” a sofrerem violência, especialmente esse tipo de violência ‘natural’. Esses grupos sociais são discriminados a partir de uma construção identitária que os nomeia como diferentes em relação a um outro grupo social que se coloca como referência e que, muitas vezes, é quem pratica essas ações¹¹³.

As brigas e os confrontos entre as torcidas também encontram sua explicação em algo que *falta* aos torcedores. Essas justificativas podem ser relacionadas ao futebol ou a outros aspectos da vida desses sujeitos, que busariam “nas brigas a auto-afirmação necessária ao consolo da derrota” (MORATO, 2005, p. 101). Elementos das vidas dos torcedores como insucesso profissional, dificuldades financeiras ou ausência dos pais também são lidos como importantes ingredientes que motivam as brigas (REIS, 2005). Impunidade¹¹⁴, irresponsabilidade dos organizadores e falta de uma política pública de segurança são fatores que propiciariam esses enfrentamentos violentos (Ibidem). Os jogadores também podem ser responsabilizados por incentivarem os confrontos físicos entre torcedores, “diz a mídia: ‘são eles que incentivam a violência do espectador’, é o jogador que ‘dá exemplo ao torcedor’” (BETTI, 1997, p. 94). Outras narrativas sobre eventos violentos procuram mostrar que esses não são originários do futebol “as formas de violência observadas em estádios de futebol são similares às presentes em eventos de multidões, o que respalda a análise de que a violência não é fruto do futebol em si, mas está associada aos eventos futebolísticos por vários fatores” (REIS, 2005, p. 117).

Não estou propondo condenar ou criticar a mídia esportiva ou os pesquisadores ao trazer estas diferentes versões e interpretações. Entendo ser mais produtivo pensar que as diferentes formas de violência aparecem dentro de um aparato discursivo sobre o futebol e não individualmente nos sujeitos. A violência no futebol, muito além de atitudes individualmente ‘incorretas’, está relacionada com discursividades sobre confrontos esportivos, relações entre identidade e alteridade e construções específicas de masculinidades.

¹¹³ Um exemplo dessas práticas pode ser encontrado no preconceito sofrido por homens bissexuais, “a discriminação contra os homens bissexuais não se baseia em regras ou leis, mas é uma violência simbólica, derivada do peso da masculinidade hegemônica, que transforma essa diferença em desigualdade” (SEFFNER, 2004a, p. 96).

¹¹⁴ Diferentes especialistas apontam para o aumento das punições como forma de diminuição da ocorrência de confrontos físicos nos estádios de futebol: “Agora é oficial: convênio assinado, Juizados Especiais Criminais serão instalados no Olímpico e no Beira-Rio para atender as ocorrências policiais relacionadas, diretamente, aos jogos. Baderneiro que for preso será enquadrado na hora por um Juiz de Direito. E não serão alvos apenas os atos de violência que acontecerem no interior ou pátio dos estádios. Os entornos do Beira-Rio e Olímpico também serão alvo dos JECs. A bagunça vai diminuir, podem apostar” (CARLET, 2008f, p. 65).

Existe um modelo hegemônico de masculinidade valorado nessa ‘cultura do futebol’. Esse modelo aproxima-se de um modelo viril, que possui um tipo interessante de legitimidade em nossa cultura. Algumas das características desse tipo específico de masculinidade são certa tendência à violência¹¹⁵ e a comportamentos misóginos e homofóbicos. Em nenhum momento entendo que o futebol ou as torcidas de futebol produzem um único modelo de masculinidade e que esse modelo é vivido por todos os atores da mesma forma. Dizer, porém, que diferentes masculinidades são produzidas no terreno cultural (nesse caso específico no futebol), não implica ignorar que essas produções possuem desigualdades importante de legitimidade, e algumas dessas masculinidades serão construídas como mais ‘propensas’ a sofrerem violência que outras

(...) não é suficiente afirmar que os sujeitos humanos são construídos, pois a construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e o menos “humano”, o inumano, o humanamente impensável. Esses locais excluídos vêm a limitar o “humano” com seu exterior constitutivo, e a assombrar aquelas fronteiras com a persistente possibilidade de sua perturbação e rearticulação (BUTLER, 2001, p. 161).

Na construção do mais “humano” modelo masculino, determinados tipos de violência são esperados como uma espécie comprovação dessa ‘humanidade’; uma delas é a relação homofóbica que os ‘homens de verdade’ (heterossexuais) têm com os homossexuais¹¹⁶. Assim como as violências são entendidas e valoradas de formas distintas no futebol, podemos interpretar que algumas atitudes são mais perigosas que outras dependendo do local em que são executadas. No contexto homofóbico das masculinidades hegemônicas uma troca de flores entre dois homens pode ser institucionalmente pior do que uma luta física entre eles (Máirtín Mac an Ghail, 1994 apud LOURO, 2001). É possível responder rapidamente, e de forma inequívoca, se um torcedor prefere ser mandado ‘tomar no cú’ ou levar um soco na cara?

¹¹⁵ “Como herramienta legítima que enlaza a los actores con el universo masculino [a violência], no es concebida como patológica ni irracional, ya que pueden dar cuenta de una relación lógica y socialmente construida entre sus acciones y la masculinidad” (ZUCAL, 2005b, p. 61).

¹¹⁶ (...) a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade (LOURO, 2001, p.29).

4 MASCULINIDADE: UMA CONSTRUÇÃO

Segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, da Encyclopaedia Britannica do Brasil, masculinidade seria a “qualidade do masculino ou másculo; virilidade” (1990, p. 1108). Masculino, por sua vez, seria o “que pertence ao sexo do varão ou dos animais machos; próprio de homem, varonil” (1990, p. 1108). Para não seguir em uma insistente busca dos significados que invariavelmente me remeteriam apenas de significante em significante, faço alguns questionamentos iniciais a fim de tensionar determinadas produções de masculinidades. Afinal, o que seria “qualidade do masculino”? Esse termo é produtivo no singular? E, o que é “próprio do homem”? Próprio de que homem? De que conjunto de homens? Em que contextos culturais? Masculino é melhor entendido como uma característica dos “animais machos” ou como uma construção?

Minha investigação aborda as construções de masculinidades em um contexto cultural específico. Para pensá-las em um contexto cultural específico, parece ser importante saber o que me permite indagar as masculinidades e, mesmo antes disso, o que me permite dizer que as masculinidades podem ser entendidas como uma construção.

Para tanto, utilizo o conceito de gênero ancorado nos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e nos Estudos Culturais. A definição mais básica do conceito de gênero refere-se ao caráter construído de masculinidades e feminilidades. Em nossa cultura, gênero é um elemento definidor de inteligibilidade, “não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero” (BUTLER, 2003, p. 27). Dagmar Meyer (2003) aponta para quatro implicações importantes ao se utilizar o conceito nessa perspectiva. A primeira delas é entender que nos tornamos “sujeitos generificados” através de diferentes práticas ao longo de nossas vidas em um processo não linear ou evolutivo. A segunda implicação aponta para o fato de que as formas de viver masculinidades e feminilidades não podem ser entendidas fora de tempos e lugares específicos, o que pressupõe que existem diversas formas de serem vividas feminilidades e masculinidades. Em função dessa pluralidade, o conceito ganha potência quando se pensa sua articulação com outros marcadores sociais, tais como sexualidade, classe, geração, nacionalidade, raça/etnia, e, ousado acrescentar clube de futebol... O terceiro desdobramento do conceito aborda as relações entre os “sujeitos de gênero”, considerando que as construções de masculinidades estão relacionadas com produções de feminilidades. Nesse caso, não é possível isolar um suposto ‘mundo dos homens’ de um suposto ‘mundo das mulheres’. Não se deve entender que essas

construções sejam apenas a separação entre diferentes atores, mas é a construção de posições valorizadas de forma distinta. A última implicação aponta

(...) que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação (p. 18).

Nessa perspectiva, gênero é irredutível a qualquer aspecto essencial biológico, cultural ou outro, ele ‘se faz’ no cotidiano. “O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (BUTLER, 2003, p. 37). Ao se produzir o que se entende como adequado para os diferentes gêneros, diferentes processos pedagógicos são postos em ação. Nessa perspectiva não há qualquer posição-de-sujeito fixa ou definitiva. Por não ser uma simples extensão de características biológicas, os gêneros estão diretamente envolvidos com processos de aprendizagem, e podemos dizer que muitos deles acontecem por imitação de práticas tidas como culturalmente adequadas para as vivências generificadas.

Com esse entendimento, “o enunciado ‘sinto-me uma mulher’, proferido por uma mulher, ou ‘sinto-me um homem’, dito por um homem, supõe que em nenhum dos casos essa afirmação é absurdamente redundante” (BUTLER, 2003, p. 44). Como dito anteriormente, parece que os corpos apenas ganham sentido em nossa cultura se puderem ser identificados com um gênero. Mesmo procurando evidenciar o caráter construído dos gêneros e dos próprios corpos,

não é complicado assumir (...) para sociedades contemporâneas ocidentais e para a maioria das outras, que a posse de um ou dois tipos possíveis de corpos de fato leva à rotulação de mulheres para algumas pessoas e de homens para outras, e que essa rotulação carrega *algumas* características comuns, com *alguns* efeitos comuns (NICHOLSON, 2000, p. 29).

Retomando o aspecto relacional do conceito de gênero, estudar masculinidades de forma isoladas não parece ser uma alternativa muito produtiva. Ao se pensar em masculinidades, necessariamente, teremos seu contraponto, em princípio, pensado nas feminilidades¹¹⁷. É a partir do conceito de gênero e seu caráter relacional que os estudos de masculinidades ganham legitimidade semelhante aos estudos de feminilidades.

Podemos também, pensar os gêneros dentro de uma lógica normativa, como discursos que atravessam e constituem as instituições sociais. Dentro dessa lógica a masculinidade pode ser pensada como “la expectativa que se tiene de los hombres en cuanto a sus acciones se

¹¹⁷ Connell (2003) destaca que em muitas situações, nossas ações baseiam-se no contraste entre masculino e feminino. Olhar apenas o feminino ou apenas o masculino “perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo” (SCOTT, 1995, p. 75).

deriva de supuestos, más o menos consensuados, sobre ‘lo que debe ser un hombre’ en una sociedad específica. Se espera que los hombres actúen en una dirección y no en otra” (RODRÍGUEZ, 2006, p. 32). Discordo do autor quanto ao “consenso”, pois entendo que as masculinidades se constituem em um campo disputado e produtivo sobre as ações possíveis para os homens em diferentes culturas. Ana Herrera (2006) destaca que as masculinidades podem ser entendidas como condutas e atitudes que diferenciam homens de mulheres e também como norma do que os homens são ou devem ser. Ela propõe o termo construção social da masculinidade para

designar una serie de discursos y prácticas sociales que pretenden definir al término masculino del género dentro de configuraciones históricas particulares, diferenciándolo de las propias experiencias de los hombres, que no están reducidos a someterse a tal construcción y que manifiestan innumerables formas de resistencia (p. 175).

Não se deve entender que as construções dos gêneros ‘em relação’ sejam construções equitativas. Imbricadas em relações de poder, elas, quase sempre, transformam diferenças em desigualdades. Contemporaneamente, continuamos encontrando narrativas tradicionais que vinculam representações de masculinidades com o mundo público e feminilidades com espaços privados,

aparecem narrativas masculinas vinculadas a um modelo de homem forte, provedor, chefe de família, conectado ao mundo público, da “rua” e do trabalho, competitivo, muitas vezes opressor, com pouca conexão com a esfera da vida privada, que não chora, não expressa sentimentos, que não possui intimidade com o terreno dos afetos, e que se comporta, às vezes, de forma agressiva e violenta. (...) aparecem narrativas femininas baseadas em um modelo de fragilidade, sensibilidade, afetividade, muitas vezes de sub-missão, encarnando os papéis de esposa, mãe e dona-de-casa. (NASCIMENTO, 2004, p. 106).

A recorrência dessas afirmações é bastante significativa, além de uma tentativa de vinculação das diferenças e desigualdades entre homens e mulheres ao âmbito natural.

Essas construções e hierarquizações podem ser entendidas também como relações institucionais. As diferenciações e desigualdades de gênero aparecem nas escolas, na mídia, no mercado de trabalho, nos estádios de futebol...

A associação dos gêneros com as instituições pode ser vista, por exemplo, na associação entre esporte e construções de masculinidade. Ao aprender a jogar ou mesmo a torcer, não se aprende apenas como executar essas práticas da melhor forma possível, mas se ingressa em uma instituição repleta de significados. Mesmo que “una pequeña minoría llegará a ser parte del mundo del deporte profesional, la producción de la masculinidad en el mundo deportivo se caracteriza por una estructura institucional competitiva y jerárquica” (CONNELL, 2003, p. 59).

Apesar dos gêneros construírem-se em relação, não se deve entender que os mesmos discursos possuiriam o mesmo peso para ambas as construções. A heterossexualidade aparece como desejável hegemonicamente tanto para homens como para mulheres. Da mesma forma, a rejeição a homossexualidade aparece com força em nossa cultura heteronormativa para ambos os gêneros. Porém, espera-se atitudes distintas de homens e mulheres¹¹⁸. A homofobia, no caso masculino, aparece como um imperativo. Além de negar qualquer possibilidade de lembrar alguma característica feminina, os garotos não devem deixar nenhuma suspeita de que possam sentir atração por alguém do mesmo sexo¹¹⁹.

Na educação dos meninos, estes aprendem que as atividades consideradas importantes, na cultura em que são socializados, são, usualmente, vinculadas ao ‘universo masculino’, o que posiciona as atividades entendidas como menos nobres ao ‘universo feminino’. Miguel Vale de Almeida (1995) entende que no cotidiano não existe uma separação tão rígida entre masculinidade e feminilidades, sendo que atividades entendidas como masculinas e femininas podem ser executadas pelo mesmo indivíduo. Segundo ele, o que remeteria para a anormalidade seria um homem com excessivos comportamentos femininos. O autor demarca também que para definir ações como masculinas ou femininas as noções fundamentais seriam a atividade e a passividade. Para não correr nenhum risco de aproximação “excessiva”, os meninos parecem temer aparentar fraquezas e outras características culturalmente associadas ao feminino.

Virilidade, homofobia e intensidade sexual: algumas performances masculinas

Na perspectiva teórica que esse trabalho se ancora ser homem não é uma essência, mas uma espécie de atuação¹²⁰ que os diferencia de outros sujeitos. Michal Kimmel em sua definição sobre a masculinidade como uma construção, destaca quatro aspectos dessa:

¹¹⁸ A rejeição da homossexualidade “se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia. Esse sentimento, experimentado por mulheres e homens, parece ser mais fortemente inculcado na produção da identidade masculina” (LOURO, 2001, p. 27).

¹¹⁹ “Parece necessário exorcizar, de algum modo, qualquer sugestão ou indício de atração por alguém do mesmo sexo. A suspeita desse desejo entre meninos e homens é especialmente assustadora. A masculinidade hegemônica constrói-se não apenas em contraposição à feminilidade, mas também em oposição a outras formas de masculinidade. Tornar-se masculino pode implicar na combinação de uma heterossexualidade compulsória associada à homofobia e à misoginia. Os corpos dos garotos devem proclamar sua rejeição a qualquer traço de homossexualidade. Seus corpos também não podem sugerir nada de feminino” (LOURO, 2000, p. 70).

¹²⁰ “o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra (...) não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* constituída” (BUTLER, 2003, p. 48). Ao invés de entender a identidade como descrição, o conceito de performatividade a entende como um ‘tornar-se’. Um enunciado performativo faz acontecer. A partir de uma performance repetida, é possível ler o gênero como um ato, como uma re-experimentação de significados.

“(…) masculinidades (1) variam de cultura a cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual” (KIMMEL, 1998, p. 105).

A construção das masculinidades pode ser entendida como um processo no qual estão implicadas identidade e alteridade e, vale lembrar, a alteridade (o outro) não é constituída apenas pelas feminilidades¹²¹.

Além das feminilidades, as masculinidades constroem-se em oposição a diferentes modelos de masculinidades. Essas diferenças não são simples constatações, mas uma forma de instituir desigualdades, em uma constante luta por significação. Eduardo Archetti entende que “hay contextos que son eminentemente masculinos, donde ‘los otros’ relevantes son los hombres – distintas clases de hombres” (2003, p. 160). As torcidas de futebol podem ser entendidas como um desses contextos.

Como devem evitar ao máximo a identificação com as mulheres, os homens seriam ‘empurrados para uma socialização perigosa. Eles seriam ‘vítimas’ de uma exigência constante de superar ‘desafios’ e ‘provas’ que, em alguma medida, permitiria aos sujeitos ‘atingir’ uma identificação com modelos de masculinidades hegemônicas. R. Connell é absolutamente contrário a esse tipo de leitura. Para ele, “os ‘homens’ como um grupo e, em particular, os homens heterossexuais, não são oprimidos nem estão em situação de desvantagem (...). A masculinidade hegemônica não é uma identidade estigmatizada. Bem pelo contrário: a cultura já a privilegia” (1995, p. 201).

Assim como nas construções que privilegiam a diferenciação entre masculinidades e feminilidades, a relação de masculinidades com masculinidades também não é tranquila e se constrói transformando desigualdades em diferenças.

A construção de um ideal de masculinidade, que poderá receber inúmeros adjetivos como ‘normal’, ‘natural’, ‘dominante’, etc, ocorre junto com a produção de masculinidades não ideais, ‘anormais’, ‘aberrantes’, ‘submissas’... Quando utilizo o conceito de “masculinidade hegemônica”, refiro-me à representação de masculinidade que goza de maior *status* de legitimação em diferentes instâncias culturais. Sua construção ocorre com a demarcação daquilo que não é masculino, ou seja, feminino ou afeminado (SEFFNER, 2003). Almeida entende a masculinidade hegemônica como “um modelo cultural ideal que, não

¹²¹ Sobre as construções de masculinidades, Kimmel destaca que elas “(...)são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações de homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc). Assim dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia” (KIMMEL, 1998, p. 105).

sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador” (1995, p. 17).

Não é possível pensar em uma categoria de masculinidade hegemônica para todos os contextos que não seja localizada e disputada em um tempo e espaço específico. “Las definiciones colectivas de la masculinidad se generan en la vida de la comunidad y se cuestionan y cambian ante las modificaciones en la situación de la propia comunidad” (CONNELL, 2006, p. 186). A ideia de hegemonia leva a discussão para os planos sociais, de grupos e institucionais e não para o plano dos indivíduos. Ela também “ênfatiza la idea de las hegemonías, en plural, ya que el sentido original gramsciano tiene una orientación singular que representa al *grupo* hegemónico” (RODRÍGUEZ, 2006, p. 41). Esse caráter hegemônico de determinada masculinidade se atinge quando há certa correspondência entre o ideal cultural e o poder institucional. A masculinidade hegemônica se encontra como uma presença institucional e cultural nas práticas coletivas (CONNELL, 2003). O adjetivo hegemônico é uma forma, também, de demonstrar a presença de masculinidades que são ‘merecedoras’ de outros adjetivos, por exemplo, masculinidades não-hegemônicas, que poderão ser colocadas como desviantes ou marginais. Essas classificações estão diretamente imbricadas em relações de poder

las diferentes masculinidades no se encuentran unas junto a otras como platillos en una mesa, como estilos de vida alternativos entre los cuales los hombres escogen libremente: existen relaciones definidas entre las diversas masculinidades – principalmente, relaciones que dependen de la jerarquía y la exclusión (CONNELL, 2006, p. 186).

A representação de masculinidade hegemônica em um dado contexto cultural pode ser pensada como um parâmetro que subordina outras representações. Essas características normativas e essa masculinidade hegemônica, mesmo que não sejam vividas em sua plenitude, não devem ser desconsideradas

temos um conjunto de crenças que estruturam a masculinidade, estabelecendo hierarquias, atributos, preferências, modos de vida. Essas crenças configuram uma masculinidade hegemônica e estabelecem de imediato as masculinidades subordinadas, tais como a homossexualidade, a masculinidade bissexual, o travestismo, etc. Os homens são marcados por uma especificidade genérica, que reúne atributos de força e poder. Mas, em suas existências específicas, a maioria dos homens não se sente assim tão poderosa (SEFFNER, 2004a, p. 94).

Não se deve supor que as masculinidades possuem algum lugar ou instância onde possam ser vividas sem contrastes.

(...) diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela (CONNELL, 1995, p. 189).

Além disso, diferentes contextos hierarquizam as diferentes masculinidades de formas distintas. Também é importante ressaltar o caráter inatingível de um *status* seguro de masculinidade, uma vez que ela “tem de estar sempre a ser construída e confirmada” (ALMEIDA, 1995, p. 66).

Sabe-se que não existem quaisquer características que possam ser tomadas como masculinas desde os primórdios até todo o sempre. “Os perigos a serem evitados por aquele que deseja transformar-se em ‘*verdadeiro homem*’, eventualmente num ‘*homem macho*’, não se apresentam num único momento da vida, mas estão presentes a todo instante, exigindo atenção constante” (SEFFNER, 2003, p. 132, destaques do autor). A falta do *status* de eternidade não diminui a importância que algumas características possuem no senso comum ou em estudos que entendem as características masculinas como ‘naturais’¹²². No senso comum, existe uma associação direta entre pênis e masculinidade. Para pensar os processos de normalização das práticas masculinas parece produtivo “prestar atenção aos aspectos discursivo e performativo: a expressão, quer verbal, quer incorporada, quer ritualizada, de valorações morais sobre o que é ser homem (e ser mulher), assentes numa classificação do mundo cuja base dicotômica primeira é o sexo dos seres humanos” (ALMEIDA, 1995, p. 16).

As masculinidades disputam significação em diferentes espaços e dentro de um mesmo espaço. Mesmo que a “história das masculinidades (...) em geral [seja] uma história contada como una e coerente, na qual ambigüidades, indecisões, lacunas e incoerências ficam devidamente deixadas de lado, em prol da figura de um homem forte” (SEFFNER, 2004b, p. 229), não parece ser muito produtivo falar em *uma* masculinidade, nem mesmo em uma masculinidade singular dentro de um contexto específico. Elas são várias, ainda que não gozem da mesma legitimidade, coexistem, ao menos, para construírem a demarcação de fronteiras sobre o que seria uma masculinidade ‘adequada’. Ser homem, ou possuir uma identidade masculina, não pode ser reduzido a qualquer característica biológica e sim, é uma construção cultural com atributos morais e comportamentos disputados, negociados e reforçados.

Em nossa cultura, a sexualidade aparece como um elemento sem o qual a construção da identidade parece estar ‘em falta’. Assim como possuir um corpo que corresponda as expectativas de gênero, a definição entre ser hetero ou homossexual dá inteligibilidade aos sujeitos. A virilidade, tema bastante caro para as construções hegemônicas de masculinidade, aparece, também, associada à atividade sexual. “A atividade sexual é encarada mais como

¹²² Elizabete Franco Cruz aponta que “nas representações de masculino podemos encontrar que ele é machão, forte, agressivo, animal, assim, todo homem é potencialmente um agressor” (1998, p. 244).

uma ‘prova de performance’ do que como um exercício de intimidade, de troca. E ‘homem que é homem’ já sabe tudo sobre o sexo, não demonstra dúvidas, incertezas ou angústias em relação ao sexo” (NASCIMENTO, 2004, p. 108). Além de uma “prova de performance”, uma demonstração de virilidade, a ideia de que um homem já deve saber tudo sobre sexo também ajuda a construir a figura do homem que não pergunta, que não fala. A iniciação sexual dos jovens pode ser entendida como uma entre tantas práticas viris de ‘promoção’ para o menino que almeja o *status* de homem. Outro fator que ‘garante’ virilidade e hierarquiza as masculinidades pode ser encontrado no tamanho do pênis, onde “quem tem o pênis pequeno é menos viril” (SILVEIRA, 1999, p. 68). Uma determinada performance sexual e um vocabulário específico produzem positividade na hierarquização entre homens. Em seu trabalho com homens de classes populares, Elaine Silveira define que “o homem que é homem está sempre de prontidão, seja para brigar e competir, seja para ter relação sexual com quem se apresente. Compõe a honra masculina exibir-se como viril e ativo (...) ostentar a outro as *performances* e conquistas de mulheres faz parte dessa honra” (SILVEIRA, 1999, p. 70).

A sexualidade é um marcador tão importante para a definição de uma masculinidade viril que até mesmo grupos de homens hegemonicamente inferiorizados, como os bissexuais, podem construir narrativas que exaltem uma masculinidade reforçada pela ‘maior intensidade sexual’.

Um componente histórico da masculinidade é aquele que diz respeito à potência sexual, que pode ser expressa de muitas formas: dimensões do pênis, capacidade de comportar-se como um atleta no momento da relação sexual, capacidade de exercer forte atração sobre as mulheres, etc. Em concordância com este modo de construir a masculinidade, uma das representações da masculinidade bissexual é aquela que combina a possibilidade de manter relações sexuais com homens e mulheres com a idéia de intensidade e potência sexuais do homem (SEFFNER, 2004b, p. 234).

Mesmo em grupos que não gozam da mesma legitimidade de grupos hegemônicos, a construção de uma representação desejável de masculinidade pode operar com conceitos bastante próximos das masculinidades heterossexuais ‘privilegiadas’.

O determinante organizador desta representação da masculinidade bissexual é o ser homem, um modo de ser masculino atravessado pela intensidade do sexo, por um certo exagero na figura do <<machão>>, e um elevado grau de crítica e preconceito pra os trejeitos, afeminações e coisas delicadas que se julga serem a essência da homossexualidade (SEFFNER, 2004b, p. 234-5, destaque do autor).

As noções que estes estudiosos têm desenvolvido parecem-me produtivas para pensar as torcidas de futebol. Os estádios se constituíram, historicamente, como um espaço legitimado para os homens e, provavelmente, também num espaço de construção da masculinidade. Atributos de uma masculinidade hegemônica, como a intensidade sexual,

podem ser observados em diferentes cânticos das torcidas de Grêmio e Internacional. Neles as práticas sexuais são locais privilegiados nas hierarquizações entre homens. Práticas sexuais aparecem como mais perigosas que identidades sexuais na construção de uma masculinidade desejável nesse contexto. O cântico “*Atirei o pau no Inter (Grêmio)*” é um dos mais cantados e que consegue maior unidade tanto no Beira-Rio como no Olímpico. O colorado ou o gremista representado como inferior é associado a prática da felação e a posição de penetrado em uma prática de sexo anal. Essas práticas sexuais cantadas, apontam que apenas os sujeitos que ocupam a posição de passividade no ato homoerótico teriam sua masculinidade em ‘risco’. A participação como ativo em uma relação sexual, mesmo que com outro homem, parece não diminuir a virilidade dos sujeitos¹²³.

É bastante comum na construção identitária de macho viril utilizar como referência, como fronteira, constantemente vigiada e que nunca deve ser ultrapassada, a construção do personagem antagônico, fazendo com que esse seja depositário do que de ruim poderia ser atribuído a um grupo identitário. O que eu sou depende do que não sou. No caso das torcidas de Grêmio e Internacional, a alteridade está posta na torcida adversária, carregando em suas representações um comportamento masculino inadequado: “*Lá no bairro da azenha há uma banda puta que faz avalanche./ Se encoxam o tempo inteiro e vivem correndo até dos xavantes*”. Além de uma relação ‘perigosa’ entre seus ‘iguais’ (torcedores de um mesmo clube) homens, os sujeitos são diminuídos por fugirem de um possível enfrentamento físico.

Nas construções de masculinidades, existe uma preocupação com o grau de intimidade possível nas relações entre homens. Uma das formas mais importantes do afastamento das intimidades pode ser vista nas manifestações homofóbicas. “A homofobia funciona como mais um importante obstáculo à expressão de intimidade entre homens. É preciso ser cauteloso e manter a camaradagem dentro de seus limites, empregando apenas gestos e comportamentos autorizados para o ‘macho’” (LOURO, 2001, p. 28). Nem tudo é permitido em relacionamentos entre homens. É preciso saber onde está a fronteira para que não se corra o risco de ultrapassá-la.

Por se constituir na figura hegemônica ocidental (ou para se constituir...) a identidade masculina (somada a outros marcadores como heterossexual, branca, cristã, classe média...) é

¹²³ Elaine Silveira comenta o trabalho de Leal em que essa descreve os duelos verbais entre adolescentes das regiões urbanas do Brasil. Ela mostra “o quanto nestes desafios ou trovas os meninos acusam o outro de homossexualidade e se colocam no papel ativo” (1999, p. 59). Ela entende que esses “duelos” são uma das formas de educar os meninos para que esses aprendam a ser homens. A autora complementa ainda, que Leal entende que numa sociedade onde os significados sexuais se organizam ao redor das categorias ‘comer’ e ‘dar’, acaba-se classificando papéis sexuais em ativo – o homem – e passivo – a mulher “(...) uma relação homossexual masculina só é ofensiva quando implica papel receptivo: ser homem é ser ativo, ainda que com outro homem” (Ibidem, p. 62).

a mais vigiada e controlada para que o projeto dessa construção não falhe e seu ‘produto’ apareça de forma inequívoca. Uma das práticas didáticas utilizadas para ‘garantir’ a correção da masculinidade a ser demonstrada em contextos de homosocialidade¹²⁴ é a homofobia que pode ser utilizada para exorcizar o perigo homossexual desses contextos (ALMEIDA, 1995). O conceito de homofobia, aqui utilizado, rechaça a ideia de “fobia” entendida como um ‘problema’ psicológico e individual, mas trata do preconceito e da violência contra grupos que não se identificam com a norma heterossexual de nossa cultura. Esse termo é mantido em função de seu caráter político na luta pelos direitos sexuais.

Como toda produção cultural, masculinidade não deve ser tomada no singular ou como um conceito definitivo e eterno. Existem diferentes grupos que lutam pela imposição de significados diversos. Toda e qualquer significação não pode ser tomada fora desse campo de disputas.

A luta no terreno cultural é, fundamentalmente, uma luta em torno da atribuição de significados. Significados que são produzidos em meio a relações de poder – não apenas porque eles expressam posições de poder, mas também porque têm efeitos de poder. Portanto, o que esses grupos sociais estão disputando é a possibilidade de impor seus próprios significados a respeito do mundo, das práticas e dos indivíduos (LOURO, 2004d, p. 205).

Até mesmo representações tradicionais de masculinidades como o macho, viril e heterossexual são constantemente contestadas em diferentes grupos. Essa representação nem mesmo tem sido entendida como a representação dominante contemporaneamente.

Nos últimos duzentos anos da história européia e americana, por exemplo, vimos o padrão hegemônico de masculinidade da classe dominante ser deslocado por uma masculinidade mais racional, mais calculativa, melhor ajustada a uma economia industrial-capitalista e ao estado burocrático (CONNELL, 1995, p. 192).

Antes mesmo de pensarmos em uma espécie de troca de um conceito que exalta a virilidade para outro que exalta a competência empresarial, seria importante lembrar que o próprio conceito de virilidade pode ser bastante questionado. “La virilidad no es ni estática ni atemporal; es histórica; no es la manifestación de una esencia interior; es construida socialmente” (KIMMEL, 1997, p. 49). A relação entre virilidade e heterossexualidade, por exemplo, não é uma relação tão óbvia quanto poderia parecer no contexto heteronormativo em que vivemos.

Essas disputas por significação não atravessam apenas as identidades referência (como a masculinidade, branca, heterossexual de classe média), mas também estão implicadas nas formas de representação da alteridade. Fernando Seffner em seu trabalho sobre masculinidades bissexuais aponta para

¹²⁴ Almeida (1995) chama de homosocialidade contextos em que homens encontram-se em situação de sociabilidade.

(...) quatro grandes representações [sobre homens bissexuais]: aquela que vincula a masculinidade bissexual com indefinição, ambigüidade e falta de decisão; aquela que vincula a masculinidade bissexual com masculinidade intensificada, sacana, tendente ao sexo em ritmo e modalidades mais intensas do que o habitual; aquela que aproxima a masculinidade bissexual com o sexo do futuro, e coloca então os homens que a praticam hoje como mais adiantados do que os outros homens; e finalmente aquela que explica a masculinidade bissexual como um prolongamento quase natural da verdadeira amizade masculina, uma amizade que fala de troca afetiva e eventualmente erótica entre homens, sem com isso comprometer o estatuto da masculinidade (2004b, p. 230).

Nessas produções discursivas, valores considerados fundamentais para a construção da masculinidade heterossexual ou para o ‘homem de verdade’ também podem aparecer como significantes importantes para produções de masculinidades ‘desviantes’. O apelo à sexualidade como definidora de masculinidades pode ser um desses valores¹²⁵. Não quero ser inocente e imaginar que essas diferentes masculinidades apresentam iguais possibilidades de representação no mundo ou que gozam da mesma legitimidade. Kimmel argumenta que, mesmo que as diferentes representações de masculinidades sejam igualmente criadas na cultura, elas não devem ser compreendidas como iguais, uma vez que “nuestras definiciones de masculinidad no se valoran del mismo modo en nuestra sociedad” (1997, p. 50). É possível, no entanto, que uma característica sempre valorizada de masculinidade (a intensidade sexual) atravesse diferentes representações e permita que grupos historicamente excluídos ou desviantes atribuam para si o domínio dessa prática e se representem como mais homens que os ‘homens de verdade’.

Seffner comenta que um dos problemas dessas construções é que “as possibilidades de ser homem são muito estreitas, há pouco espaço para a variação” (2004a, p. 100). Como mostrado anteriormente, inclusive identidades masculinas não heterossexuais não conseguem variar de forma significativa as representações do que seja uma masculinidade desejável dentro de nossa cultura heteronormativa. A heteronormatividade pode ser entendida como um amplo sistema de relações de poder vinculadas a práticas e instituições que colocam a heterossexualidade como a norma em nossa cultura. Ela funciona como uma categoria que atravessa a cultura com implicações nas vidas dos sujeitos. A heteronormatividade, além de produzir uma hierarquia entre hetero/homossexuais, também produz formas hegemônicas e subalternas entre os heterossexuais (JACKSON, 2005).

É pouco provável que encontremos relações diretas e simples na construção de uma identidade masculina, uma vez que “qualquer forma particular de masculinidade é, ela

¹²⁵ “A preferência por relações com homens e mulheres aparece [no contexto das masculinidades bissexuais] (...) como uma forma de masculinidade intensificada, plena de sacanagem, uma masculinidade portadora de um tesão superior, uma vontade de fazer sexo que supera a masculinidade heterossexual tradicional” (SEFFNER, 2004b, p. 234).

própria, internamente complexa e até mesmo contraditória” (CONNELL, 1995, p. 189). O que esse trabalho pretendeu, em sua forma de olhar para um tipo particular de socialização masculina (o pertencimento a torcidas de futebol em suas manifestações dentro dos estádios) foi verificar e problematizar o que tem sido esperado e produzido, nesse contexto específico, sobre sujeitos masculinos.

A construção dos homens em um contexto de homossexualidade

Se a ideia das feminilidades como construções culturais parece já obter uma legitimidade interessante em nossa cultura, o processo com *relação* às masculinidades parece não obter o mesmo reconhecimento. “Pelo menos na cultura ocidental, a época atual é o primeiro momento em que os homens estão descobrindo que eles próprios são homens, ou seja, possuem uma ‘masculinidade’ problemática” (GIDDENS, 2003a, p. 69-70).

Por se constituir na identidade referência, parece que a masculinidade (especialmente se relacionada a outros marcadores identitários, como heterossexualidade, branquidade...) poderia ser entendida como ‘A Identidade’. Com esse entendimento de referência poderia ser confuso admitir que a masculinidade, assim como qualquer identidade, é uma construção. Esse lugar privilegiado na cultura pode permitir leituras de que somente as *outras* identidades seriam construídas e, para não esquecer, tendo a ‘A Identidade’ como referência

(...) a masculinidade como uma construção imersa em relações de poder é freqüentemente algo invisível aos homens cuja ordem de gênero é mais privilegiada com relação àqueles que são menos privilegiados por ela e aos quais isto é mais visível (...). Esta questão da invisibilidade é ela mesma uma questão política: os processos que conferem o privilégio a um grupo e não a outro grupo são freqüentemente invisíveis àqueles que são, deste modo, privilegiados (KIMMEL, 1998, p. 105).

Mas, se as masculinidades (ou os gêneros) são construções culturais que não podem ser reduzidas a nenhuma característica inata, torna-se interessante observar como um homem aprende sobre o que significa ser um ‘homem de verdade’ em diferentes culturas.

Existe uma narrativa convencional sobre como as masculinidades são construídas. Nessa narrativa, toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e das feminilidades, compreendidas como o oposto. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e, finalmente, dos empregadores (CONNELL, 1995, p. 189-90).

Entendo que os espaços que exercem “pressão em favor da conformidade” são muito mais amplos que os citados por Connell, como os estádios de futebol, os espaços arquitetônicos... Mais do que me preocupar em listar as diferentes instâncias envolvidas com a

construção ou educação de uma (ou mais) masculinidade(s) hegemônica(s), interessa-me discutir de que forma essas construções funcionam, que conteúdos são escolhidos e quais estratégias didáticas são empregadas. Neste estudo, privilegiei as construções de masculinidades em um contexto específico: nas manifestações das torcidas de futebol nos estádios.

Entendo que aí acontecem ritos e processos significativos de formação de masculinidade em nossa cultura. Eduardo Saraiva comentando Elisabeth Badinter aponta como ela entende os ritos de iniciação masculinos. Eles

(...) se constituem de três etapas: separação da mãe e de tudo que represente o universo feminino, transferência para um lugar desconhecido e provas. [Os ritos] têm como objetivo comum a função de transformar, por meio de todos os aparatos que a tradição possui, um jovem menino em verdadeiro homem (SARAIVA, 1998, p. 85).

A autora também destaca o caráter agressivo da educação dos meninos, que são desafiados constantemente. Eles necessitam passar por constantes provações, o que reforça o caráter construído e provisório da identidade de gênero.

Essas provações a que são expostos devem, preferencialmente, ser públicas e reforçar aspectos viris. “Los ritos para convertirse en hombres se viven como una guerra (...). La violencia es la forma de relacionarse” (OLAVARRÍA, 2006, p. 125). Essa metáfora guerreira também é utilizada para a promoção dos jogos de futebol.

Antes do início do primeiro jogo do Campeonato Gaúcho, o Internacional veiculou uma propaganda solicitando que seus torcedores erguessem sua bandeira porque nossa “luta começou”. As próprias metáforas para a tentativa de um jogador tornar-se titular quase sempre remetem-se a confrontos, uma vez que eles sempre prometem “brigar” para ficar na equipe.

Os ritos de iniciação dos garotos para ‘elevarem-se’ ao estágio de *Homem* devem ocorrer nos espaços públicos que permitem que os sujeitos mostrem sua coragem e desprezo à dor e à morte em variadas provas que atingem o corpo para marcar essa ascensão (SARAIVA, 1998). Os estádios de futebol constituem-se em um local privilegiado para a inscrição de sujeitos masculinos em uma comunidade afetiva. Por comporem-se em grupos de homens, as torcidas permitem que esses homens disputem valores masculinos, uma vez que “la virtud más importante para un verdadero hombre es defender su valor ante otros hombres” (ARCHETTI, 2003, p. 210) Podemos destacar, de alguma forma, o atravessamento etário que poderia vulnerabilizar os sujeitos. Entendo que para os jovens em busca de ‘promoção’ para o ‘mundo dos homens’, as implicações com as demonstrações de masculinidade podem ser mais evidentes “a necessidade de provar-se [homem] é mais pungente e visível naquele que quer

ascender à condição de homem, que é jovem e quer tornar-se um indivíduo adulto” (SILVEIRA, 1999, p. 84).

Embora concorde com a ideia de que há diferentes etapas e provas que os sujeitos devem atravessar para constituir-se ou para postular o ‘título’ de masculino, a noção de rito de iniciação não me parece que deva ser entendida como uma etapa que ‘diplome’ os sujeitos. Ultrapassar ritos não garante aos indivíduos uma masculinidade efetiva e que será ‘desfrutada’ daquele momento em diante. Após superar uma prova sobrarão apenas a possibilidade de novas exposições e provações de masculinidade.

Em diferentes momentos, a masculinidade é solicitada na ‘cultura do futebol’ o que, de alguma forma, pode ‘incentivar’ ou constituir esse espaço como um local privilegiado de comportamentos que remetam a um tipo de masculinidade heroica que valoriza significativamente a coragem, a virilidade, o enfrentamento e outros. Essas constantes convocações para a demonstração de uma masculinidade ‘adequada’ ocorrem porque “a masculinidade deve ser provada, e assim que ela é provada, ela é novamente questionada e deve ser provada ainda mais uma vez” (KIMMEL, 1998, p. 111). No ‘mundo do futebol’, o heroísmo também pode valorizar equipes que não possuem grandes títulos em sua tradição, tal como se percebe nesta afirmativa, “*o Veranópolis tem conseguido enfrentamentos heróicos e vibrantes contra o Internacional*” (DENARDIN, 2008b, p. 12).

Um conteúdo importante de um currículo de masculinidade é a heterossexualidade. “É curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação [heterossexual], tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento” (LOURO, 2001, p. 17). A heterossexualidade é ensinada pela cultura, através de uma constante reiteração. Passamos a supor que a maioria das pessoas tem desejo e atração pelo sexo oposto.

Apesar de que tanto masculinidades como feminilidades se constituírem em processos de construção cultural e ambos apresentarem, potencialmente, algum tipo de sofrimento, não parece possível admitir que eles se deem de maneira igual para homens e mulheres, uma vez que as relações de gênero são assimétricas. Não podemos ingenuamente imaginar que os homens sejam vítimas passivas dessa violenta pedagogia que insiste em trabalhar com o modelo hegemônico viril, bruto, competitivo e heterossexual, afastado de um suposto sentimentalismo feminino, “(...) devemos ver a construção das masculinidades tanto como um projeto coletivo quanto como um projeto individual” (CONNELL, 1995, p. 191). Os homens, em grande parte, se associam aos discursos hegemônicos de masculinidade. Essa associação garante benefícios aos sujeitos. A construção do sujeito masculino hegemônico não é uma

construção feita de fora para dentro, mas, como indicam vários autores (Foucault, Larossa e outros), é uma construção na qual sujeito e objeto se confundem, isto é, na qual o próprio sujeito se compromete intensamente. As construções de masculinidades são produtivas no sentido de construírem significados que se tornam inteligíveis e elegíveis.

Diferentes instâncias ajudam a reforçar os modelos de masculinidades, que podem ser contraditórios, que podem trazer uma identificação momentânea e uma recusa posterior ou ao contrário.

Os esportes televisionados, os filmes de “ação” de Hollywood, os desenhos animados e os quadrinhos dos super-heróis¹²⁶, os romances de aeroporto, os jogos violentos de videogame, os conjuntos de brinquedos plásticos infantis, tudo isso insiste de forma incessante na superioridade corporal dos homens e no domínio da tecnologia e da violência (CONNELL, 1995, p. 195).

Uma dessas instâncias são os estádios de futebol, onde os conteúdos de masculinidades são constantemente reiterados. Arlei Damo classifica o espetáculo futebolístico como um

(...) processo ritual, de homosociabilidade masculina, tão intensa e carregada de afetividade que a condição de heterossexuais dominadores tem de ser afirmada e reafirmada, a caminho e depois dentro do estádio; uma modalidade de afirmação dada pelo ângulo da aversão aos outros (2005, p. 395).

Ao falar em construções ou pedagogias de masculinidades, é interessante perceber que a associação a modelos de masculinidades hegemônicos pode trazer vantagens para os sujeitos. Mesmo não sendo uma ‘escolha’ racional, a identificação com o modelo hegemônico garante benefícios a quem se ‘assume’ nessa condição ou posição de sujeito.

O futebol é uma das instâncias culturais que permite ou possibilita a formação de comunidades afetivas masculinas. Nesse contexto de socialização, os homens produzem e fazem circular diferentes representações¹²⁷ de masculinidades e inscrevem diferentes formas de viver suas masculinidades. Essas formas de produção e inscrição dentro de determinadas representações são importantes na construção social dos sujeitos masculinos.

Um grupo masculino pode construir-se a partir de alguns elementos de identificação. Consequentemente, esses elementos poderão ser solicitados como ‘comprovação’ de pertencimento. Uma das preocupações sobre os grupos masculinos (presente também sobre as torcidas de futebol) é a ‘propensão’ que esses grupos teriam para atitudes violentas¹²⁸.

¹²⁶ O zagueiro Marcão, autor dos dois gols na vitória do Internacional sobre o São José foi chamado de homem-aranha nos jornais *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*. A menção se deu pelo fato do jogador ter comemorado o segundo gol pendurando-se na rede da goleira e ter mencionado que seu filho enxerga nele um super-herói.

¹²⁷ “Entretanto, essa diversidade de representações não pode ser percebida como um conjunto de estilos de vida, igualmente valorizados, e dos quais o indivíduo faz a escolha como se fossem mercadorias na prateleira de um supermercado” (SEFFNER, 2003, p. 122).

¹²⁸ Marcos Nascimento entende que “a socialização dos meninos ainda os impele para uma cultura do risco, da violência, da demonstração de coragem, em um processo de confirmação e de validação de suas masculinidades

Entendo que essas atitudes violentas acontecem em uma lógica de socialização¹²⁹ entre homens que aponta para características de virilidade, homofobia, sexismo, machismo, competitividade e outros. Essas características podem apontar para a necessidade da violência (ao menos um ‘potencial de violência’) para a inscrição dos sujeitos em alguns dos grupos de torcedores que frequentam os estádios. Nos diferentes cânticos proferidos nos estádios a possibilidade de confronto é bastante reforçada, “*Cuidado, ô Grêmio, nós vamos derrubar o chiqueiro!*”. Parece necessário que os homens mostrem nas ‘provas públicas de masculinidade’

que pueden superar el miedo a las situaciones de riesgo lleva a los varones a experimentar, junto a sus similares –su grupo de amigos u otro grupo antagónico– situaciones que los señalen como capaces de arriesgarse, sea compitiendo con otro/s o mostrando especial habilidad en una práctica peligrosa. Entre las competencias se destacan, por ejemplo, la ingesta de alcohol y/o drogas ilícitas y las carreras de autos, en avenidas públicas utilizadas como pistas improvisadas, para demostrar su atrevimiento y poder para derrotar al otro (OLAVARRÍA, 2006, p. 125).

O consumo de álcool e drogas também é cantado nos estádios, “*Eu sou borracho sim senhor/ E bebo todas que vier/ Canto pro meu Tricolooooor...*”. Existe também uma vinculação entre esse consumo e violência, “*E depois de me chapar e a cerveja acabar /Eu vou ... matar um puto tricolor /Vamos Inter hoje temos que vencer*”.

Nas torcidas de futebol, esses comportamentos violentos ou agressivos podem acontecer entre diferentes grupos de homens heterossexuais (duas torcidas adversárias, por exemplo), mas também aparecem ‘contra’ os ‘outros’ sujeitos como grupos de mulheres ou homossexuais. Isso aparece de forma bastante recorrente, nos cânticos das torcidas: “*Inter te conhecemos/ Grêmio não é como tu/ Colorado é tudo puto/ Vai toma nesse teu cú*”.

Mesmo que a masculinidade da torcida adversária esteja sempre sendo entendida como menor, esses confrontos entre as diferentes torcidas podem ser entendidos como um confronto entre homens que gozam da mesma legitimidade, pois “probamos, ejecutamos actos heroicos, tomamos riesgos enormes, todo porque queremos que otros hombres admitan nuestra virilidad” (KIMMEL, 1997, p. 55). Nessas disputas, a masculinidade pode ser tomada como um valor, onde “cualquier cuestionamiento a la masculinidad de alguien ocasiona, con frecuencia, peleas y lesiones” (CONNELL, 2006, p. 186).

ainda em construção, segundo normas e valores tradicionais, machistas e sexistas, e, portanto, de vulnerabilização” (2004, p. 110).

¹²⁹ “La violencia puede llegar a ser una manera de exigir o afirmar la masculinidad en luchas de grupo” (CONNELL, 1997, p. 44).

Os estádios de futebol como instituição masculina

Futebol é coisa de homem. Essa frase muito definitiva pode ser pensada como um dos problemas dessa pesquisa. Não necessariamente o problema de pesquisa, mas um problema que me acompanhou durante a realização da mesma. Seria possível definir que o futebol é ‘coisa de homem’? Qual a produtividade de pensar essa relação entre futebol e masculinidades? Aqui não se deve confundir homem ou masculino com *um* indivíduo que se identifique com essa posição-de-sujeito, mas, como já busquei demonstrar anteriormente, com construções simbólicas que atravessam e constituem nossa cultura. Mesmo não podendo ser reduzida aos corpos biológicos ou as individualidades e não sendo fixa, em nossa cultura, as masculinidades referem-se a coletivos de homens.

Alguns autores que trabalham sobre futebol ainda estranham a presença feminina nesse espetáculo. As mulheres são convidadas a participarem do futebol em alguns momentos específicos. Um dos momentos legítimos seria a Copa do Mundo, onde a nação é o time para o qual se torce, o que faz com que o público seja ampliado, “não por acaso até as avós acompanham a copa!” (DAMO, 2006, p. 42). A Copa do Mundo seria um espaço de democratização do futebol, onde características masculinas perderiam hegemonia: “em lugar de um público preponderantemente masculino e seu vocabulário agressivo, prevalece a harmonia e a descontração, (...) daí porque as mulheres e as crianças são integradas às discussões, aos ritos, às festividades” (DAMO, 2006, p. 52). Nessa perspectiva de que a Copa do Mundo é um espaço de participação de *outros* atores, se evidencia o caráter ‘normal’ do homem como protagonista nos demais espaços futebolísticos. Também aqui o homem (com alguns atributos viris como a agressividade) é a norma que não necessita ser nomeada.

Durante o Campeonato Gaúcho de 2008, Grêmio e Internacional convocaram as mulheres a participarem dos jogos nos estádios. As duas ações aconteceram relacionadas ao dia 08 de março, dia Internacional da Mulher. O Internacional, que atuou naquele sábado contra o Brasil de Pelotas, liberou a entrada das torcedoras coloradas em diferentes setores do estádio. A jornalista Christiane Matos do *Diário Gaúcho* destacou que a “a boa fase da equipe e as última goleadas deverão levar muitos torcedores ao estádio – até mesmo o público feminino, que terá entrada gratuita em homenagem ao Dia da Mulher” (2008b, p. 10). Todos os jornais que comentaram aquele jogo enfatizaram a presença maciça da torcida feminina no Beira-Rio. Paulo Roberto Falcão, em *Zero Hora*, destacou em uma matéria intitulada *Perfume na arquibancada* que os repórteres no Beira-Rio apontavam um aroma diferenciado no estádio. O comentarista também destacou que a presença de mulheres e criança poderia ser

positiva para “civilizar” o comportamento nos estádios, em tempos de violência. Ruy Carlos Ostermann enfatizou o depoimento de um repórter que achou o estádio silencioso para um público de cinquenta mil pessoas. Hiltor Mombach do *Correio do Povo* destacou que o melhor do final de semana foi o público no Beira-Rio e a presença maciça das mulheres. Essa presença maciça de mulheres correspondeu, segundo o mesmo colunista, a vinte e seis por cento do público. Essa surpresa ajuda a demonstrar como a presença das mulheres, mesmo num percentual nem tão “maciço” assim (uma mulher para cada três homens) causa alguma admiração e ainda é entendido como incomum. Além disso, diferentes falas apontaram para representações um tanto fixas de feminilidades, como o comentário de Pedro Ernesto Denardin no *Diário Gaúcho* que exaltou a beleza e, novamente, o perfume presente no estádio.

Nesse jogo posicionei-me na arquibancada superior atrás da goleira do Gigantinho. Em meu diário de campo apontei que os gritos iniciados na Popular, do outro lado do estádio, não eram muito acompanhados pela maioria dos torcedores e torcedoras. Em determinado momento do segundo tempo, meu amigo colorado, que me acompanhou nessa observação ‘infiltrada’, comentou o grande número de mulheres que gritava junto com os homens, “filho da puta” para o árbitro.

Na *Zero Hora* do dia vinte de março, Mário Marcos de Souza destacou que o Grêmio buscava bater o recorde de público naquela tarde de quinta-feira contra a Sapucaense. Não apenas as mulheres teriam seu ingresso liberado, mas idosos e crianças também. O anúncio publicitário reforçava o convite para que mulheres, idosos e crianças fossem “fazer a festa” no estádio. Carlos Corrêa, do *Correio do Povo*, destacou que o Grêmio contava com o apoio das mulheres para assegurar definitivamente a melhor campanha entre todas as equipes da primeira fase da competição.

No dia seguinte, Ruy Carlos Ostermann, em *Zero Hora*, aponta as mudanças no público provocadas pela maior presença de mulheres, “as mulheres vão, os homens se aquietam, o jogo é assistido com entusiasmo, mas indiscutível civilização” (2008d, p. 44). Em matéria intitulada *Mulheres do Olímpico*, diferentes torcedoras foram entrevistadas e opinaram sobre sua participação nos jogos. Foi destacada a presença da jovem Julia Granato que compareceu a seu sexto jogo aos nove meses de idade. A matéria destacou que a torcedora já frequenta estádios desde antes de seu nascimento. Mulheres de diferentes idades apontaram que o comportamento nas arquibancadas melhorou e que elas não se sentem ofendidas ao circularem no estádio Olímpico. A jornalista Priscila Montandon encerrou a matéria destacando que os palavrões não cessaram nos estádios e que as mulheres também

utilizam essa prática ao torcer. “Se agora [os xingamentos] não saem em direção a elas, saem rumo ao campo. E, nessa hora, para xingar o juiz ou o time adversário, palavrão não tem sexo. Elas não se intimidam e torcem como eles” (2008, p. 39).

Outra presença feminina ‘ilustre’ no estádio Olímpico durante o Campeonato Gaúcho de 2008, foi a atriz da Rede Globo Deborah Secco, namorada do jogador Roger. Sua simpatia e beleza foram exaltadas em diferentes matérias. Em uma delas foi chamada de princesa. O ‘príncipe’ Roger disse que foi a primeira vez que permitiu a presença da amada (COIMBRA, 2008). Sua presença parecia tão inusitada que foi possível observar um revezamento de jornalistas em uma câmera dentro do gramado para enxergar melhor a atriz nas tribunas de honra. No primeiro jogo da atriz no estádio Olímpico, posicionei-me nas cadeiras especiais, próximo a tribuna, onde ela estava. Notei um casal com duas crianças um menino e uma menina. Chamou minha atenção que antes do início da partida enquanto a mulher e a menina permaneceram sentadas, o homem e o menino aproximaram-se das tribunas para observar a atriz. Um torcedor comentou que ninguém veio ao estádio para assistir Eduardo Costa ou Roger, mas sim para ver Deborah.

Ainda sobre o dia Internacional da mulher, tanto Grêmio como Internacional fizeram suas homenagens pelos jornais *O Sul* e *Zero Hora*. O texto do Grêmio descrevia assim as torcedoras tricolores: “Força. Garra. Coragem. Determinação. Paixão. Elas têm a alma tricolor”. O Internacional destacou que o estádio se enche de graça com a presença feminina: “Parabéns às mulheres coloradas que dão mais graça às arquibancadas do nosso Gigante. São vocês que deixam O Beira-Rio muito mais colorido com a sua sensibilidade. Obrigado por fazerem parte de nossas vidas”. É interessante observar que as qualidades exaltadas (força, garra, coragem) ainda que dirigidas ou atribuídas às mulheres, remetem-se a características historicamente associadas aos clubes e à masculinidade hegemônica. Os textos publicitários aparentam ser produzidos por homens, especialmente o do Internacional que agradece as coloradas por fazerem parte de “nossas vidas”.

Entendo que esses diferentes materiais veiculados pelos jornais de Porto Alegre sugerem que a presença das mulheres é, ainda, ‘inusitada’. A presença das mulheres parece positivada, seja pela beleza, pelo perfume ou pela possibilidade de ‘civilizar’ os demais torcedores. Esse entendimento reforça a representação de uma masculinidade impulsiva,

ligada a certa selvageria¹³⁰ que precisaria ser disciplinada e controlada por um ser mais dócil, tranquilo e perfumado.

Observei que os cânticos proferidos pela torcida diminuem com a maior presença de mulheres, porém, eles não se alteram. Uma das matérias jornalísticas chegou mesmo a elogiar o comportamento das mulheres que torcem como “eles”, o que permite pensar que o comportamento ‘normal’ ou ‘exemplar’ de uma torcida é o dos homens, incluindo aí os palavrões.

Estudar as torcidas de futebol e pensá-las como uma instituição masculina não deve negar a relação que essa instituição tem com diferentes feminilidades, “(...) qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, (...) um implica o estudo do outro” (SCOTT, 1995, p. 75). As masculinidades produzidas nas torcidas de futebol utilizam-se de feminilidades para serem seu contraponto, além de hierarquizarem as próprias masculinidades em relação a diferentes feminilidades. Não me parece prudente afirmar que a presença ou ausência de mulheres nos estádios altere essas relações¹³¹, pois

o gênero é muito mais que interações face a face entre homens e mulheres (...) o gênero é uma estrutura ampla, englobando a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade. (...) O gênero é também uma estrutura complexa, muito mais complexa do que as dicotomias dos “papéis de sexo” ou a biologia reprodutiva sugeririam (CONNELL, 1995, p. 189).

Nos estádios de futebol a representação privilegiada de masculinidade “es sexista –los hombres son superiores a las mujeres- y heterossexista –los heterossexuales son los normales, superiores a los homossexuales, que son enfermos e inferiores” (OLAVARRÍA, 2006, p. 120). Não só nos estádios, mas diferentes enunciados futebolísticos possuem essas propriedades. Pensar em uma atividade institucionalmente masculina, em um contexto homossocial, é produtivo para se investigar as masculinidades em ação. Almeida entende que o que os homens fazem em grupo “são actividade coercivas. E não são feitas com qualquer homem, mas sim com os iguais sociais” (1995, p. 185). Talvez essa “igualdade social” possa ser pensada nos estádios de futebol sob dois aspectos. O primeiro e mais significativo é o time de futebol para o qual se torce. O segundo, e também bastante significativo, é o pedaço do estádio que se frequenta, onde as diferentes separações espaciais produzem ou esperam comportamentos diferenciados.

¹³⁰ Essa ‘selvageria’, ou associação com animais, poderá ser novamente positivada no contexto futebolístico. Nas arquibancadas inferiores do Beira-Rio identifiquei uma faixa em homenagem ao argentino Guñazu com os dizeres: “Guña, perro loco”.

¹³¹ É bastante evidente que diversos atravessamentos alteram o comportamento nos estádios (talvez os principais sejam gênero e idade), mas as representações de masculinidades e feminilidades não apresentam modificações significativas.

Sabemos que as relações de gênero assumem diferentes configurações em distintos contextos históricos e culturais. Elas se mostram sempre atravessadas ou marcadas por relações de poder. Apesar de tantas distinções, tradicionalmente, os sujeitos masculinos têm sido colocados na posição privilegiada. E, uma das formas de demarcar este lugar privilegiado é desprezar o feminino¹³².

Futebol: guerra de masculinidades

O futebol opera com conceitos de masculinidades divergentes. Isso pode ser bastante óbvio pensando o futebol como uma prática social mergulhada em jogos de poder e lutas por significação. Daí porque parece mais produtivo nos referirmos a masculinidades no plural, pois assim “reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas em diferentes grupos de homens em diferentes momentos” (KIMMEL, 1998, p. 106). O próprio conceito de gênero e, portanto o de masculinidade, opera no sentido de que “no hay un solo modelo de masculinidad que funciona para todos los momentos y los lugares” (CONNELL, 2006, p. 185).

A masculinidade pode aparecer como um valor positivo dos jogadores de futebol. Além de habilidades do jogo, os atletas devem ter outras qualificações: “os atributos técnicos tornaram-se tão importantes quanto valores como coragem, destemor, ousadia, masculinidade, honra e assim por diante” (DAMO, 2002, p. 32). A masculinidade, nesse contexto, não seria a junção de características historicamente atribuídas ao masculino. Ela pode ser lida como mais um atributo. É importante ser corajoso *e* masculino, destemido *e* masculino, ousado *e* masculino, honrado *e* masculino. No futebol a masculinidade é uma característica sempre importante e desejável para os jogadores e, acredito, também para os torcedores. “El proceso enajenante de la *desportivización de género* está lleno de concepciones, creencias y prácticas misóginas, sexistas y violentas que se expresan de manera diversa, en tiempos y espacios de toda la vida social” (ROJAS, 2006, p. 224).

Os jogadores são louvados por exercerem uma masculinidade específica, “o jogador (em particular o defensor) que comete muitas faltas é ‘macho’, ‘xerife da área’, ‘raçudo’, ‘brigador’, ‘voluntarioso’” (BETTI, 1997, p. 109). Mesmo os mediadores especializados, que

¹³² “El rechazo a lo femenino se expresa de muy diversas formas, desde la sutileza del chiste y el sarcasmo, hasta el castigo corporal que se inflige a los varones que manifiestan conductas asociadas a lo femenino” (RODRÍGUEZ, 2006, p. 45). No contexto do futebol de espetáculo, sempre que uma jogadora atinge algum sucesso, diferentes comentaristas questionam se essas atletas poderiam jogar com os homens. A comparação reversa só acontece se um jogador tiver um desempenho insatisfatório.

tanto criticam atitudes violentas no jogo e nas torcidas, enaltecem valores ligados a uma determinada virilidade, à figura de um guerreiro e a esses valores o adjetivo macho quase sempre é acrescentado.

Há (...) uma certa expectativa de que o “futebol se impõe com virilidade”, de que “entrar duro” e disputar as jogadas “com vontade é normal”, de que “todos querem, tanto jogadores como a torcida” é a equipe “mordendo até o fim, lutando, acreditando, com raiva”, de que um time estaria melhor se tivesse “mais dez jogadores raçudos como fulano”, jogadores “machos”, que não “fogem do pau” (BETTI, 1997, p. 110).

Guilherme Fischer assinou a matéria *De meigo à xerifão* no dia vinte e quatro de janeiro. A matéria destacava os progressos do zagueiro Sidnei, ali nomeado como “ex-meigo”. O treinador da época, Abel Braga, apontava que o jogador melhorou muito de um ano para o outro, pois apesar de suas qualidades técnicas, “era muito meigo para um zagueiro” (2008, p. 56). Outra reportagem, sobre o zagueiro Jean do Grêmio, destacou a expectativa do treinador: “Celso Roth destacou suas qualidades. E disse acreditar que ele poderá ser uma boa alternativa para a defesa, mesmo sem contar com a virilidade¹³³ de Leo” (BENFICA, 2008, p. 41).

Esses mesmos adjetivos de uma masculinidade específica, valorizados para alguns jogadores, podem ser utilizada para depreciar outros. Na década de 1990, o Grêmio ganhou importantes títulos nacionais e internacionais e a forma de jogo da equipe foi associada por setores da crônica esportiva da região Sudeste do Brasil como violenta e seus atletas ganharam adjetivos que remetiam a uma masculinidade viril (note-se que, naquele contexto, pejorativa).

Os termos utilizados para se referir aos “atretas” gremistas – “gremásculos”, “broncocentauros”, etc. – tocam fundo na questão da masculinidade e, ao suscitar uma comparação entre o estilo gremista e a figura do ditador Médici, ridicularizava também o estereótipo do gaúcho¹³⁴, excessivamente másculo e, como tal, grosseiro (DAMO, 2002, p. 141).

Essa masculinidade viril, que pode ser valorada ou criticada, parece não gozar de um status de legitimidade em espaços sociais fora do esporte,

é cada vez mais raro ouvirem-se elogios à masculinidade. (...) A coragem e a assunção de riscos são associadas à inconsciência, contrariando o princípio da precaução, a força é ligada a violência, que só faz estragos, e o gosto pela conquista, a um imperialismo censurável, o pecado capital (BADINTER, 2005, p. 134).

Em março de 2008, o site GLOBOESPORTE.COM destacou uma polêmica durante o jogo entre Botafogo de Futebol e Regatas e o Clube de Regatas Flamengo pelo Campeonato

¹³³ “Ser viril nos esportes, tradicionalmente, significa ser competitivo, bem sucedido, dominador, agressivo, estóico, ter um fim como objetivo e ser fisicamente forte” (SABO, 2002, p. 39).

¹³⁴ Outras representações de masculinidades viris também são acionadas na produção de um ‘outro’ modelo de futebol, quase sempre remetendo a algum tipo de rivalidade. Um comercial de calçado de futebol no Brasil na década de 1990 tinha o seguinte *slogan*: “Mais animal que zagueiro argentino”. (ALABARCES, 2006, p. 160).

Carioca. O jogador Toró, do Flamengo, foi acusado de ter agredido o goleiro Castillo, do Botafogo. Em sua defesa, ele argumentou que futebol era jogo pra macho. O vice-presidente do Botafogo, Carlos Augusto Montenegro, destacou que concordava com a afirmação de Toró, mas que existiria uma diferença entre macho e bandido. Após estreiar no Grêmio, o meia Roger definiu que os marcadores “*são viris, duros, mas não são desleais*” (2008, p. 2), o que em alguma medida aproxima virilidade e violência. Essa linha é bastante tênue, embora a virilidade quando interpretada como violência sempre inferioriza o jogador que comete um suposto ato violento: “*ninguém duvida que Taylor foi na bola – e tudo mais que viesse atrás, como costumam fazer os brucutus. Afinal, ele apenas utilizou um recurso que ainda lhe é permitido pelas normas do futebol*” (WINK, 2008b, p. 19). Discussões como essa repetem-se em diferentes situações nas mídias que discutem o esporte mais popular do Brasil. Por mais que discordem do que seja macho, bandido e provavelmente outros atravessamentos, parece não haver dúvida de que esse esporte necessita ou é feito por e para ‘machos’. No futebol existe

a exaltação de uma cultura viril em que a força física, a tenacidade e a riqueza orientam valores da masculinidade descrita como hegemônica. O esporte e também o lazer são áreas onde é possível construir e exhibir essas marcas para estabelecer uma hierarquização nas masculinidades através do culto à força física (CECCHETTO, 2004, p. 78-9).

Uma vez que a masculinidade é entendida como uma virtude para os jogadores de futebol, ser chamado de mulher constitui-se em ofensa nesse contexto. Após serem eliminados da Copa Sul-Americana de 2007, os jogadores do Botafogo foram recepcionados no aeroporto por torcedores revoltados que, além de pipoca, atiraram calcinhas em sua direção.

É relevante pensar as construções de masculinidades dos jogadores, pois entendo que elas atravessam as representações dos torcedores que devem dar, em alguma medida, o suporte para seus ‘representantes’ dentro do campo. Além disso, os jogadores podem ocupar a posição de heróis ou de modelos para os torcedores.

Donald Sabo (2002) argumenta que o esporte e masculinidade vinculam-se desde as Olimpíadas gregas. Segundo o autor as masculinidades se ensinam e se comprovam no esporte com uma valorização do que seria “ser homem” acompanhado de uma desvalorização do que seria “ser mulher”.

Pelos aspectos de competição, violência e combate (considerados atributos de masculinidade) o esporte constitui-se como um local privilegiado para a construção de masculinidades específicas (CECCHETTO, 2004). É possível supor que, nesse contexto,

algumas das representações de masculinidades relacionadas aos atributos descritos acima conseguem sua “última chance” de legitimidade¹³⁵.

Dizer que as masculinidades são rejeitadas em um espaço social ou que são aceitas em outro pressupõe um entendimento bastante específico sobre o que seriam essas masculinidades: uma masculinidade ligada à virilidade, força, coragem... Édison Gastaldo, em uma pesquisa com lutadores, ouviu de um de seus entrevistados que “cada pessoa tem um esporte que combina com o seu estilo de vida” (1995, p. 207). O esporte é um espaço que legitima produções identitárias. Através dele, os sujeitos inscrevem-se em grupos de pertencimento que atribuem significado aos sujeitos.

Como mencionei anteriormente, essa identidade esportiva (aqui, identidade futebolística) tem sua produção atravessada por atributos de uma masculinidade guerreira, de luta e combate. Outros adjetivos podem ser somados na construção histórica do “homem de verdade”, que parece receber legitimação nessa ‘cultura do futebol’. O jogador Roger, antes de estreiar no Grêmio, mandou o seu recado: “*não vai ser uma exibição de gala, mas o torcedor pode estar certo de que vai existir muita entrega*” (CORRÊA, 2008b, contracapa). Em matéria intitulada *Pronto para a briga*, antes do confronto diante do Veranópolis, o volante Maycon do Internacional destacou estar mais maduro para “disputar” a posição de titular com (ou contra) o colega Edinho (MATOS, 2008c, p. 14). A entrega ao time, estar disposto a tudo pela equipe são expectativas lançadas sobre os jogadores. O jovem Ramon, do Internacional, sem saber em que posição jogaria, disse estar pronto “*para o que der e vier*” (2008, p. 15). Essa disposição também aparece nos cânticos das torcidas, “*Pra cima deles meu Inter /Vamos lutar vamos vencer*”.

Eduardo Saraiva (1998) destaca a importância da guerra nessas construções, onde “mais do que exaltar valores masculinos, as guerras *criaram* valores masculinos e instituíram códigos de masculinidade” (p. 29). Ele entende que essas construções históricas ainda produzem efeitos contemporaneamente. “A guerra e, conseqüentemente, o guerreiro são signos que foram definindo um lugar de masculino (...) ainda nesse século, tais signos servem como modelo de força. Eles mantêm uma composição de força associada à masculinidade na construção do soldado” (SARAIVA, 1998, p. 20). Os jogadores de futebol não poderiam ser metaforicamente entendidos como os soldados da linha de frente da nação colorada ou da nação gremista? Entrei no Beira-Rio, para o jogo contra o Brasil de Pelotas, no momento em

¹³⁵ Eriberto Lessa Moura, comentando Pociello, diz que os esportes coletivos (nesse caso o futebol) são os últimos lugares em que os valores masculinos podem ainda ser investidos publicamente, legitimamente e sem vergonha, ou seja, foi o espaço social que sobrou para os homens para referenciarem sua masculinidade (2005, p. 138).

que os torcedores do Internacional estavam ‘escalando’ sua equipe. O jogador Edinho, um volante que tem na marcação e no apoio a defesa suas principais qualidades, recebia um adjetivo gritado após o seu nome: “guerreiro”. Após o jogo em que venceu o São José, por 2 a 0, o treinador do Internacional, Abel Braga, projetou o confronto que teria pela Copa do Brasil durante a semana: “*vai ser uma guerra*¹³⁶, *mas vamos com tudo*” (2008, p. 19).

A organização dos campeonatos de futebol com sequência de jogos e enfrentamentos pode colocar masculinidades em disputa. “Inimigos ou não, os homens são rivais potenciais na competição pela masculinidade” (ALMEIDA, 1995, p. 186). Não são apenas os três pontos que se disputam nos confrontos ou apenas ações ligadas a técnicas específicas. A própria competição pode ser considerada um atributo masculino. Em situações como essas existe “uma performance de masculinidade: o jogo, a disputa, o ganhar, nesse sentido são importantes para destacar-se como homem frente aos outros” (SILVEIRA, 1999, p. 57). Ganhar ou perder as partidas não comprometem necessariamente as construções de masculinidades. Parece que mesmo na derrota, se essa for ‘atingida’ com honra, o *status* de masculinidade não é perdido. Lutar na partida parece ser um imperativo, talvez especialmente para as equipes que, aparentemente, têm menores possibilidades de vitórias, “*Não convém apostar em muita resistência do time xavante, no Beira-Rio. Mas, é adequado esperar por muita luta do time pelotense*” (CARLET, 2008b, p. 53).

Édison Gastaldo, observando o alto grau de dificuldade para a ‘ascensão’ ao nível máximo de um esporte de combate, entende que essa dificuldade é uma prova de um tipo específico de masculinidade que se espera nessa modalidade esportiva. “A resistência à dor como prova de virilidade é comum a várias culturas, que usualmente submetem seus jovens, sobretudo indivíduos masculinos, à tortura, em rituais com o objetivo de, além de avaliar a resistência pessoal do indivíduo, proclamar o seu pertencimento social” (GASTALDO, 1995, p. 217). Essas provas de virilidade podem ser lidas como uma possibilidade de ingresso em uma comunidade afetiva. Elas ajudam na construção de uma identidade masculina específica e inscrevem os sujeitos em determinados grupos.

A virilidade aparece como um valor muito caro para construções de masculinidades tradicionais, hierarquizando os homens entre si. “Virilidade, proezas e outros atributos másculos demarcam um dos maiores eixos através do qual os homens se situam e classificam outros homens” (CECCHETTO, 2004, p. 79). Eduardo Archetti (2003) comenta que força, agressividade e estoicismo são recorrentes nas definições de masculinidades viris. Poderia se

¹³⁶ Uma faixa visualizada em diferentes jogos do Grêmio traz os dizeres: “Treino é jogo e jogo é guerra”

supor que o principal atributo de um jogador de futebol seria sua qualidade técnica. Porém, a qualidade técnica não é suficiente para a direta identificação de um jogador com um determinado clube e sua tradição. O ex-presidente do Grêmio e colunista do *Diário Gaúcho*, Cacalo Silveira Martins deixou isso muito claro após a estreia do meia Roger, “*todas suas virtudes, porém, terão de estar acompanhadas de uma grande doação, buscando adaptação ao estilo gremista de garra e luta*” (2008a, p. 10).

Para os jogadores não muito dotados de atributos técnicos existe uma outra possibilidade de ingresso em maior grau de hierarquia, desde que esses obtenham outros valores ligados aos jogos

el deporte ha contribuido a la actualización de las mentalidades guerreras masculinas, cuya preparación y capacitación física y intelectual enfocadas al deporte, exaltan los valores nacionales patriarcales de aquellos hombres dispuestos a defender su derechos, su patria y su honor en los campos de batalla (ROJAS, 2006, p. 216).

Luta, entrega, doação, força e outros, são adjetivos dados como necessários para a compensação de uma qualidade técnica inferior. Sobre o confronto entre Internacional e Brasil de Pelotas, Kenny Braga sentenciou, “*seria um erro o Inter subestimar o potencial do Xavante. Até porque seus jogadores sempre querem compensar as carências técnicas com bravura e aplicação*” (2008f, p. 11).

Sobre a discussão já referida com a afirmação do jogador Toró de que o futebol é um esporte de macho, Celso Roth, então treinador do Grêmio, declarou que futebol não era um jogo apenas para machos, mas também para craques. A partir dessa distinção é possível interpretar que o ‘bom jogador’ poderia se impor no futebol a partir da qualidade técnica¹³⁷. Aos jogadores de menor qualidade, sobraria ‘apenas’ a macheza. O jogador ruim, mas macho, parece ter seu espaço legitimado no futebol. Quando técnica e força são associadas, a expectativa é de um jogador obtenha sucesso na carreira, “*técnica e força são duas qualidades que o jovem atacante vem revelando e que não desmerece o fato de ser estatura média e peso pesado. Vai ser promovido e saberá defender-se muito bem*” (OSTERMANN, 2008e, p. 56).

¹³⁷ Essas disputas entre diferentes qualidades que ‘garantam’ um sucesso ou uma legitimidade masculina também aparece em relação a uma ascendência social. Os homens com boas possibilidades financeiras, assim como os jogadores com boa qualidade técnica, estariam isentos das constantes demonstrações de virilidade para assegurarem suas masculinidades.

Estádios de futebol: a masculinidade do torcedor em jogo

Junto com a afirmação e exaltação da masculinidade existe, nessa ‘cultura do futebol’, uma recusa, bastante intensa, de elementos culturalmente entendidos como femininos. O futebol e outros esportes originariamente “eram áreas exclusivas dos homens, estavam ligados totalmente ao ideal masculino, arrogante e fisicamente forte, contrapondo-se ao feminino, representado como tímido, frágil e dependente” (MOURA, 2005, p. 137). A masculinidade do praticante do esporte era produzida com uma recusa explícita de qualquer traço de feminilidade. Entendo que o torcedor de futebol é um praticante desse esporte no sentido da participação das trocas simbólicas, sendo interpelado pelos enunciados dirigidos aos atletas. Fernando Rojas (2006) destaca que os homens de diferentes classes sociais organizam seus finais de semana em torno da prática esportiva. Ele define que essa prática pode ser entendida tanto na execução como na apreciação do esporte nos locais onde ocorrem ou em frente a televisão ou nas ondas do rádio.

Essa participação, dentro do estádio, poderá ser entendida como em maior ou menor. Os torcedores da Geral e da Popular assistem aos jogos de uma posição pouco privilegiada, além de cantarem e pularem durante todo o jogo. Se o objetivo fosse apenas assistir aos jogos, talvez a televisão fosse uma escolha mais adequada. As torcidas podem, inclusive, serem promovidas a parte do espetáculo, “*se, por acaso, Inter e Brasil não estiverem fazendo um bom espetáculo, é certo que o show das arquibancadas compensará*” (CARLET, 2008b, p. 53). Os torcedores ‘jogam’ junto e esperam com seus cânticos ajudar os atletas. Ruy Carlos Ostermann utilizou o comportamento da torcida como uma metáfora para o estímulo dos atletas. Após um empate, o colunista enfatizou que esse resultado poderia servir como “*um grito ou um xingamento*” (2008c, p. 56). No dia da primeira partida do Campeonato no Beira-Rio, o Internacional veiculou uma publicidade destacando que “quando torcida e Clube se unem, somos imbatíveis”. Antes do último jogo o Internacional veiculou uma outra propaganda em que uma determinada modalidade de sócios ficaria isenta do pagamento do ingresso. A mensagem dizia: “você traz seu grito e nós liberamos o ingresso”, o que permite supor que se espera certa contrapartida dos torcedores durante os jogos. Os torcedores também têm sua atuação reconhecida pelos profissionais, como o técnico Abel Braga, que após o jogo contra o Brasil de Pelotas agradeceu o apoio, “*Quero agradecer à torcida. Foi fantástica e empurrou o time o tempo inteiro*” (2008, p. 9). O zagueiro Jean, após sua estreia no estádio Olímpico no jogo contra o Esportivo também elogiou a performance de sua torcida: “*essa torcida é de arrepiar, não esperava que fosse assim*” (2008, p. 55).

A torcida de futebol é um local de socialização entre/de homens. Seja para jogar ou para assistir futebol, no estádio ou na televisão, essas atividades geralmente se constroem como um espaço exclusivamente masculino, ou um espaço de socialização e de trocas simbólicas entre homens.

En este sentido, la *desportivización* de la sociedad y la organización social genérica significan los campos deportivos como espacios de representación de la ritualidad deportiva masculina (*casa de los hombres*), en los que se congregan todos los actores para intercambiar, festejar y recrear, en la competencia y la rivalidad, sus conocimientos y secretos del saber del jugar. Son los espacios de la simulación y personificación de la asignación genérica: atributos masculinos del hombre verdadero, lo cual significa y confirma los acuerdos genéricos y el pactos de los iguales (ROJAS, 2006, p. 222).

Em diferentes grupos de socializações masculinas, os medos homofóbicos aparecem fortemente e as piadas parecem promover um aumento da segurança para os indivíduos, como lembra Victor Seidler (2006). Olhando por esse viés para os estádios de futebol parece que a representação de uma masculinidade segura, que não ofereça riscos, implica construir o torcedor adversário como portador de todas as imperfeições de uma masculinidade indesejável.

Os enfrentamentos físicos ou os cânticos ameaçadores nos estádios podem ser relacionados a construções de identidades masculinas. “Distintas acciones de los integrantes de la *hinchada* tienen como meta la identificación con el universo masculino: ciertos movimientos corporales, los juegos de manos, el consumo de alcohol y de estupefacientes, etc.” (ZUCAL, 2005a, p. 39): “*Vou torcer pro Grêmio bebendo vinho/ E o Mundial é o meu caminho/ Eu vivo bebendo sempre borracho*”.

José Garriga Zucal aponta para a produção da alteridade, também, na falta de valentia.

La distinción entre “machos” y “putos” realizada en un plano discursivo mantiene un correlato con prácticas violentas. Los relatos y cantos construyen un “otro”, temeroso y “cagón” por su falta de valentía y “huevos”, un “puto” que rehuye al enfrentamiento con su adversario, contrapuesto al “macho”, valiente, que tiene “huevos” y no teme pelearse en cualquier lado para probar su masculinidad. Este juego de afirmaciones masculinas debe ser probado en un “campo de batalla”. La posesión de los atributos que convierten a los sujetos en hombre “reales”, para los hinchas, debe ser demostrada en la acción de *combate* (ZUCAL, 2005a, p. 51).

Em um dos cânticos da torcida do Grêmio o menosprezo ao ‘cagão’ também aparece, mas pela falta de ‘coração’. As provas e as qualidades de um ‘cagão’ ou ‘não-cagão’ podem ser diferentes, mas parece ser indispensável não ser ‘cagão’ no contexto dos estádios de futebol: “*Olha a festa macaco/ Torcida é coração/ Quem não canta é amargo/ Nunca vai sair campeão/ Inter cagão*”.

Notei ao longo das observações, onde Grêmio e Internacional enfrentaram clubes de menor tradição, quanto o rival é importante e valorizado nos confrontos e nas construções

identitárias. Em todos os jogos observados, sempre que os torcedores procuraram exaltar suas virtudes junto com a recusa de determinadas características, os torcedores das equipes diretamente envolvida nos jogos não foram xingados e sim, colorados pela torcida do Grêmio e gremistas pela torcida do Internacional, “*Inter te conocemos/ Grêmio não é como tu/ Colorado é tudo puto*”; “*Te amo Inter, não somos como os putos da série B*”.

Penso que essas narrativas produzem representações distintas e hierarquizadas de masculinidades. Acredito que exista, nessa tentativa de desvalorização de uma identidade, a produção de modelos de masculinidades legítimos e não legítimos. Nos cânticos, como o “*Atirei o pau no Grêmio (ou no Inter)*”, os torcedores “transforman al otro en un homosexual, que ‘chupa pija’ (refiere a la realización del sexo oral) y es sexualmente vejado por los ‘verdaderos hombres’, los que ocupan un rol activo en la relación homosexual” (ZUCAL, 2005a, p. 51).

Esses cânticos produzem uma masculinidade legítima associada a virilidade, homofobia e misoginia, onde a honra deve ser provada em inúmeras situações, o que propicia que um enfrentamento físico possa ser entendido como algo possível, ou necessário, pois “el *combate* es entendido como la única alternativa ante el encontronazo (adrede o no) con el adversario, solo así podrán probar su hombra, si huyen o rechazan el enfrentamiento serán interpelados como ‘putos’, el más denigrante de los insultos para los integrantes del grupo” (ZUCAL, 2005b, p. 61).

Os amores nos estádios de futebol: formas de resistências?

Como toda produção identitária, a do torcedor de futebol também é múltipla, fragmentada e provisória. A masculinidade que aí se constrói também tem marcas particulares (algumas das quais talvez pouco coerentes com o modelo usual da masculinidade hegemônica). Formas de afeto ‘ambíguas’ são, aí, permitidas. “É pelo futebol que o homem chora, sem nenhuma vergonha, pelas conquistas e derrotas do time” (MORATO, 2005, p. 75). O futebol aproxima o sujeito de demonstrações de carinho com outros homens, o que em nossa sociedade heteronormativa pode ser visto, quase, como subversivo. Elaine Silveira entende que “há um homoerotismo forte e inconsciente nos esportes de equipe como futebol ou rúgbi” (1999, p. 61). No dia 10 de março, *Zero Hora* publicou uma foto de dois jogadores do Internacional abraçados e destacou na legenda como essa ação parece pertinente nesse espaço, “*Orozco comemora o gol do amigo Magrão dando-lhe um abraço por trás, uma imagem que virou comum nos gramados*” (2008, p. 7). Mesmo “comum” essa ainda é uma

imagem que merece destaque. Os torcedores do Grêmio cantam e dançam a música Pingos de Amor: “A vida passa eu telefono e você já não me atende mais (Grêmio! Grêmio!)/ Será que já não temos tempo nem coragem de dialogar... (Grêmio! Grêmio!)/ Ainda ontem pela praia alguma coisa me lembrou você! (Grêmio! Grêmio!)/ E veio a noite namorados se beijando e eu estava só... (Grêmio! Grêmio!)/ Vamos ser, outra vez nós dois.../ Vai chover, pingos de amor!/ Ôôôôôôôô!/ Laialaialaialaialaialaialaiaaaaa (Grêmio! Grêmio!)/ Laialaialaialaialaialaialaiaaaaa (Grêmio! Grêmio!)”.

Penso que algumas dessas ações produzem um deslizamento entre o permitido e o proibido em contextos de masculinidades heterossexuais, “não é suposto [aos homens] exprimirem livremente sentimentos e emoções que ponham em causa a imagem de força e auto-suficiência masculinas” (ALMEIDA, 1995, p. 213). No futebol o homem jura amor eterno a um time. O amor pelo clube obedece a algumas regras do amor romântico e não pode ter fim. Algumas canções das torcidas fazem “a vinculação do amor-paixão-sacrifício (...) associado a ideia de que o amor verdadeiro jamais acaba” (FELIPE, 2007, p. 33), “*Mesmo não sendo campeão/ O sentimento não se termina/ É tricolor, e dale tricolor*”; “*Colorado é coração./ Trago, amor e paixão./ Pra sempre Inter!*” O amor romântico, historicamente construído como vinculado ao feminino e à intimidade, aparece legitimado no espaço do torcedor de futebol. Às masculinidades atribui-se um afastamento de emoções e sentimentos, uma vez que “éstos pueden hacerlos traicionar su identidad como hombres heterossexuales” (SEIDLER, 2006, p. 147). Elsa Ruiseñor (2006) destaca que o amor, a intimidade e os afetos quase não são estudados pelas ciências sociais associados às práticas masculinas, uma vez que tem sido entendidos como próprios das mulheres.

Além dos cânticos que veiculam diferentes representações de masculinidades, quase sempre legitimando uma masculinidade viril, de luta e combate, é possível identificar representações que não estabelecem relação direta com essa masculinidade heterossexista dos estádios de futebol. A fidelidade ao clube também obedece a regras de que um amor verdadeiro nunca termina. “*Sou Colorado e nada muda este sentimento /Porque é nas más que eu demonstro que te amo igual*”. O amor de um gremista ou de um colorado supostamente também jamais será entendido ou ‘sentido’ do mesmo modo por outro torcedor. “A vivência amorosa é de tal ordem que o sujeito tem a pretensa ilusão de que nunca ninguém foi ou será capaz de sentir o amor com tamanha intensidade, força e dedicação” (FELIPE, 2007, p. 38), como por exemplo, no cântico da torcida do Grêmio “*Inter cagão*”.

É possível entender esse amor como uma relação invasiva, “tão forte que pode levar o indivíduo (...) a ignorar as suas obrigações habituais. O amor apaixonado tem uma qualidade

de encantamento que pode ser religiosa em seu fervor” (GIDDENS, 2003b, p. 48). O clube de futebol pode tirar o indivíduo, temporariamente, de sua multiplicidade enquanto sujeito para transformá-lo em torcedor, que no caso da dupla Gre-Nal não o transforma num mero torcedor ou num torcedor qualquer, mas o transforma em Colorado ou Gremista: “*É um sentimento /Para mim uma religião*”. “O amor apaixonado é especialmente perturbador das relações pessoais, em um sentido semelhante ao do carisma; arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios” (GIDDENS, 2003b, p. 48): “*Por isso eu quero cantar/ Grêmio de coração/ Eu te sigo a toda parte*”.

Essas representações de amor não são exatamente coincidentes com as expectativas de masculinidades tradicionais como encontradas nos estádios, especialmente se entendermos que a expressão das emoções são associadas às construções de feminilidades (ALMEIDA, 1995). Historicamente, “aqueles homens que foram muito influenciados por tais ideias de amor foram isolados da maioria como sendo ‘românticos’, em um sentido peculiar desse termo. Eles são, digamos assim, sonhadores adamados que sucumbiram ao poder feminino” (GIDDENS, 2003a, p. 70). Com essa ‘incoerência’, de alguma maneira, é possível perceber como as masculinidades são múltiplas e cambiantes e como qualquer marcador identitário pode ser assumido em determinado momento para ser rejeitado em outro. No mesmo contexto em que se ressaltam a virilidade e uma possibilidade de confronto violento, se cantam afetos e amores nem sempre permitidos em outros locais da cultura.

O próprio ambiente festivo dos estádios, a festa da torcida e a ingestão de álcool¹³⁸ podem ser utilizadas como justificativas para essa exaltação de sentimentos.

O álcool pode ajudar à sentimentalização. Aqui dá-se a possibilidade de exteriorização poética ou cantada de emoções normalmente consideradas feminilizantes, como o amor, a saudade, a caridade e a compaixão. Se a situação for particularmente festiva, pode-se verificar uma atmosfera que se aproxima do carnavalesco, a qual, no Carnaval propriamente dito, pode assumir a forma de travesti (ALMEIDA, 1995, p. 65).

“Inter, estaremos contigo./ Tu és minha paixão./ Não importa o que digam/ Sempre levarei comigo:/ minha camisa vermelha/ e a cachaça na mão!/ O gigante me espera/ para começar a festa!/ xalaialaiaa .../ você me deixa doidão./ xalaialaiaa .../ Inter do meu coração”; “*E dale daaaale Tricolor/ Eu sou borracho sim senhor/ E bebo todas que vier/ Eu sou do meu Tricolooooor/ Meu único amor*”.

O futebol pode ser também um dos poucos locais em que a paternidade é mais ‘responsável’ pelo cuidado dos filhos do que a maternidade. Paternidade que aparece com

¹³⁸ No jogo entre Internacional e Brasil de Pelotas, observei uma faixa na Popular com os dizeres: “*Estamos todos bêbados*”.

algumas singularidades. Os homens-pais são importantes referentes na construção de masculinidades dos filhos. “A paternidade, para além de ter sido uma construção histórica e social, introduzindo um outro elemento na filiação, que não apenas a mãe, também vem se constituindo, nesta cultura, como mais um elo de transmissão dos legados da masculinidade” (SARAIVA, 1998, p. 119). Além de ensinar ou ‘transmitir’ o time de futebol para o filho, parece produtivo pensar que o gosto pelo futebol ou a apreciação por valores masculinos é uma das formas ou um dos conteúdos da educação de pais para filhos. A preocupação de introduzir um garoto no ‘seu clube’, leva os pais a desde muito cedo carregarem seus filhos para o estádio, o que é também, por certo, incentivado pelos clubes. Isso pode ser observado numa publicidade na qual o Internacional incentivava os pais a associarem seus filhos ao clube, como uma espécie de ‘batismo’ colorado. A paternidade, assim como o futebol, é uma das poucas possibilidades dos homens demonstrarem afetos, especialmente, por outros homens.

5 UM CURRÍCULO DE MASCULINIDADE DO TORCEDOR DE ESTÁDIO

Ao longo dessa dissertação procurei apresentar diferentes narrativas sobre futebol e masculinidades que atravessam a construção do torcedor de futebol, especialmente os que frequentam estádios. A partir do entendimento de que os sujeitos são ensinados por diferentes ações, formas de pertencimento clubístico e também modos ‘adequados’ de ser masculino nesse espaço, apostei em um currículo de masculinidade do torcedor de futebol. Mas afinal, que currículo é esse? Que percurso ou trajetória são pensados ou sugeridos para os torcedores? Quais são os ‘conteúdos programáticos’? Que ‘textos’ fazem parte deste processo?

Os ‘materiais didáticos’ dessas construções são múltiplos. Os repetidos cânticos da torcida, os artigos e comentários veiculados nos jornais, as manifestações oficiais do clube através de peças publicitárias ou via alto-falantes nos dias dos jogos... Procurei trazer exemplos destes materiais em diferentes momentos desta dissertação e, para não ficar repetindo o que já disse, proponho neste capítulo final sistematizar de algum modo esse currículo de masculinidade do torcedor de futebol. Esse talvez seja um currículo menos rígido que os currículos ‘tradicionais’ e a grande maioria dos conteúdos é ensinada de forma inter ou transdisciplinar.

Sem propor uma classificação ou separação definitiva, acredito que alguns dos conteúdos possuem maior relação com a construção do torcedor de futebol do que com a masculinidade desses sujeitos. Em um esporte onde as masculinidades aparecem de forma tão privilegiada, por vezes corre-se o risco de tomar toda a produção do torcedor como produção de masculinidade.

Sistematizei os conteúdos deste currículo em torno de quatro eixos: 1) Raça, garra e luta; 2) Violência e socialização; 3) Um amor de macho; 4) Masculinidades subalternas.

Raça, garra e luta: uma masculinidade com algo mais

Vimos que para os jogadores obterem êxito em um dos grandes clubes de Porto Alegre não basta ter boa capacidade técnica; é necessário vincular-se às representações desses clubes e, no presente caso, a uma representação de futebol gaúcho. O meia Roger foi advertido por diversos especialistas que sua qualidade técnica seria insuficiente para conquistar a torcida do Grêmio. Luta, raça, garra e empenho apareciam como necessidades básicas para o carioca

vencer no futebol gaúcho. No Internacional, Edinho, o guerreiro como é chamado pelos colorados, é um dos ídolos da torcida que tem na força sua principal virtude.

À semelhança dos jogadores, os torcedores deverão demonstrar uma grande disposição para acompanhar as partidas. Os torcedores da Geral e da Popular assistem aos jogos em pé e em um local do estádio de difícil visualização das partidas. Dentro dessa torcida existe uma grande cobrança para a participação dos demais. Quando a Popular prepara o “*Atirei o pau no Grêmio*”, os gritos são insistentes para que todos sentem. Nos demais pedaços do estádio, a cobrança também ocorre. Quando os torcedores deixam o estádio antes do término da partida, os gritos de “já vai secador” são proferidos com frequência. Nos diferentes cânticos também se evidenciam a disposição dos torcedores para garantir a vitória. A torcida do Grêmio canta: “*Dá-lhe Grêmio, dá-lhe, dá-lhe Grêmio/ Dá-lhe Grêmio, dá-lhe sem parar/ Esta noite custe o que custe/ Esta noite te quero ver ganhar*”. A do Internacional também mostra sua entrega pelas conquistas:

“E vamos Inter só te peço este Campeonato./ Atrás do gol eu canto, bebo e te quero mais./ Sou Colorado e nada muda este sentimento./ Porque é nas más que eu demonstro que te amo igual./ E vamos Inter não podemos perder./ E vamos Inter que temos que ganhar./ Daria a vida por um Campeonato, uma Taça a mais!”

“Haja o que houver/ Passe o que passar/ Onde for jogar/ Também vou estar/ Sempre a te apoiar/ Eu canto, bebo e brigo/ Pelo nosso amor/ Eu canto, bebo e brigo/ Não temo ao perigo/ Pelo nosso amor!/ E dale dale Inter/ E dale dale Inter/ Dale daleo/ Dale daleo/ Dale daleooo”

Raça, garra e luta são atitudes esperadas dos jogadores e incentivadas pelas torcidas. Quando um jogador colorado chutou uma bola com força para a lateral do campo contra o Brasil de Pelotas, a torcida comemorou. No mesmo jogo, o argentino Guiñazu teve seu nome gritado pelo esforço na conquista de um ‘precioso’ lateral no meio de campo. No Olímpico, o meia Roger distribuiu ao longo dos jogos alguns ‘carrinhos’ (onde nunca conseguiu recuperar a bola), foi aplaudido e teve seu nome gritado pela torcida em cada tentativa desse lance tão polêmico pelo risco de lesão que pode produzir.

Nos jornais, um jogador chegou a ser exaltado por ser “ex-meigo”. O treinador do Grêmio justificou que um de seus zagueiros poderia substituir bem seu colega, apesar de ser menos viril que o outro. Essas falas dirigidas aos atletas, que exaltam uma demonstração virilidade, de entrega, de esforço, atravessam também as construções dos torcedores, especialmente os organizados ou diferenciados que mais coatuam do que assistem ao espetáculo. Junto com a Geral é possível ler as faixas: “*Peleando até a morte*”, “*A vida por esse campeonato*”, “*Treino é jogo e jogo é guerra*”. No Beira-Rio uma faixa tinha os dizeres “*Verás que um colorado teu não foge a luta*”.

Na *Zero Hora*, foi noticiado que o treinador do Internacional, Abel Braga, antes da última partida da primeira fase do Campeonato Gaúcho, solicitou para sua equipe encarar o “*confronto com seriedade, jogando duro*” (2008, p. 61). No *Diário Gaúcho*, Pedro Ernesto Denardin, elogiou a estreia do treinador Celso Roth: “*o novo Grêmio mostrou garra e valentia*” (2008c, p. 13).

A torcida, de todos os pedaços dos dois estádios, sempre exalta um jogador que ‘encara’ o adversário. O goleiro Renan do Internacional, o volante Eduardo Costa do Grêmio e muitos outros foram aplaudidos em diferentes jogos por mostrarem-se dispostos a resolver alguma ‘diferença’ via confronto físico. Para essa masculinidade dos estádios, não se cogita em hipótese alguma fugir ou renunciar ao ‘convite’ de um confronto físico.

Violência como forma de socialização?

Para além dos confrontos físicos (de difícil recusa), xingamentos e cânticos ofensivos podem ser considerados expressões de violência? E para quem (ou contra quem) são proferidos os cânticos nos estádios? Chamar um sujeito de gay, homossexual ou “puto” é uma ofensa em si mesmo? Entender esses termos como ofensivos não seria, de certa forma, uma confirmação ou uma admissão de que os sujeitos com essas identidades ou adeptos de práticas homoeróticas são ‘inferiores’?

Mesmo que possa existir evidente distinção entre os termos homossexual, gay, bicha, viado (com ‘i’ mesmo) e tantos outros, a simples nomeação poderia ser entendida como ofensiva? Tal qual o ‘macaco’ é positivado no Beira-Rio, como se pode ver na faixa: “*Bem vindo ao planeta dos macacos*”, o tão cantado “puto” não poderia ser revertido e utilizado como termo afirmativo?

Parece-me que dentro das representações heteronormativas da nossa masculinidade colorada ou gremista, as identidades homossexuais aparecem sempre desvalorizadas. É esta lógica heteronormativa, onipresente e recorrente, que impede – nos estádios, espaço de marcação da masculinidade – a positivação do termo. Além da torcida deles, “puto”, viado ou outros são os árbitros, os jogadores do adversário, os nossos jogadores quando erram...

Nos estádios de futebol os gritos homofóbicos aparecem para hierarquizar a nossa torcida em relação à torcida deles. Eles (os ‘outros’) são menos justamente porque são “putos”. Nesse contexto, não é toda e qualquer prática homoerótica que produz um “puto”, mas apenas as práticas como cantadas no *Atirei o pau no Inter e no Grêmio*: “*chupar rola e*

dar o cú". Os afetos entre machos de uma mesma torcida ou a violência sexual¹³⁹ contra o rival não colocam a masculinidade viril dos sujeitos em risco.

O que chama atenção é como esses gritos homofóbicos *não* são entendidos como violentos pelos mediadores especializados e por alguns estudiosos do futebol. Eles podem ser lidos como uma prática 'saudável', o que 'dá graça', 'faz parte do futebol'. Em outras palavras, estes gritos parecem ser, de algum modo, 'naturalizados'.

Os xingamentos poderiam ser 'apenas' uma forma de socialização. Mesmo sem pensar nos efeitos educativos dos xingamentos homofóbicos para a construção das identidades dos sujeitos, por que então só a homofobia é ignorada como forma de violência nos estádios?

Para a construção de masculinidades viris em diferentes contextos, a violência aparece como conteúdo importante de socialização. Os próprios jogadores de futebol podem usar de enfrentamentos físicos ou jogadas ríspidas para imporem-se aos adversários. Os jogadores podem fazer faltas como recurso do jogo, sem deslealdade. A violência intolerável dos estádios de futebol os confrontos físicos entre torcedores (ainda que sua 'promessa' seja permitida)¹⁴⁰.

Para mostrar que se é macho, heterossexual, ativo etc. nos estádios de futebol basta diferenciar-se dos 'outros'. E a melhor forma de marcar essa diferenciação é através da representação inferior das identidades sexuais 'deles', os 'outros'.

Afetividade: um amor de macho

Curiosamente, é nesse contexto de homofobia e violência potencial que aparecem grandes manifestações públicas de sentimentos ou de afetos masculinos. Os gritos de "te amo" dos estádios de futebol são incomuns na maioria dos contextos de nossa cultura heteronormativa: "*Eu, nunca me esquecerei./ Dos dias que passei./ Contigo Inter!/ Colorado é coração./ Trago, amor e paixão./ Pra sempre Inter!/ Ôôô dale dale dale ôôô/ Dale dale dale ôôô/ Pra sempre Inter!*"; "*Grêmio eu te dou a vida/ tu é alegria do meu coração,/ sabe é um sentimento/ o que nós queremos é ser campeão*". Talvez a música mais inusitada seja "*Pingos de amor*", uma paródia quase idêntica a canção composta por Paulo Diniz e Odibar, regravação na década de 1990 pela banda Kid Abelha.

¹³⁹ Penetrar um outro homem ou receber felação podem ser entendidos, neste contexto, como agressão ao outro que perderia seu *status* viril.

¹⁴⁰ Durante o jogo do Internacional contra o São José, algumas crianças que recepcionaram os jogadores na entrada do gramado, sentaram-se nas cadeiras, próximas de onde me posicionei nessa partida. Coletivamente elas cantavam: "Juiz ladrão, porrada é solução".

Em tempos de identidades múltiplas, fragmentadas, plurais, contraditórias, o amor ao clube é eterno: “*Colorado, Colorado/ Nada vai nos separar/ Somos todos teus seguidores/ Para sempre eu vou te amar*”; “*Sou, sou do Grêmio/ Um sentimento/ Que não vai acabar/ Olê, olê, olê/ Olê, olê, olê, olá/ Olê, olê, olê/ A cada dia te quero mais*”.

Outra situação ‘surpreendente’ é a grande possibilidade de contatos físicos entre os torcedores. Saltos de um lado a outro abraçados, a exposição de determinados corpos (jovens, definidos...) sem camiseta, a emoção e os abraços ‘desconhecidos’ na hora do gol... Os próprios jogadores, que possuem na virilidade um de seus atributos, abraçam-se com frequência. Esses mesmos jogadores parecem possuir uma ‘autorização’ nas demonstrações de afeto ou para homenagear seus filhos e filhas¹⁴¹.

Seria, porém, ingênuo acreditar que existe uma quebra das restrições quanto aos afetos entre homens nos estádios de futebol. Não se abraçam sujeitos tão desconhecidos assim. O amor ao clube é cantado por quase todos no estádio (por uns com maior intensidade que outros), porém os toques parecem mais restritos. É possível visualizar, inúmeras vezes, torcedores que comemoram absolutamente sozinhos em meio à multidão. Além disso, o abraço do gol não parece possível, por exemplo, entre um torcedor e os vendedores ambulantes dos estádios.

Além disso, não se deve esquecer que esses afetos acontecem na ‘nossa’ torcida. Nessa masculinidade ‘garantida’ (via investimentos constantes). É uma relação de carinho, abraços e afetos entre nós, os ‘possuidores’ da representação positiva de masculinidade. E mais, nesse contexto quem não ama é cagão, amargo... “*Olha a festa macaco/ Torcida é coração/ Quem não canta é amargo/ Nunca vai sair campeão/ Inter cagão*”. Nos estádios, amar o clube é coisa de macho!

A masculinidade subalterna da torcida rival

Dentre as várias perguntas que fiz ao longo da dissertação, talvez a mais significativa seja: quais as masculinidades que aparecem nos estádios de futebol e de que forma se hierarquizam? Acho possível afirmar que existem claramente duas representações mais evidentes: a ‘nossa’ e a ‘deles’.

Nenhuma dessas duas representações pode ser entendida como uniforme, coerente, definitiva... Porém a masculinidade desejável, que garante *status* aos sujeitos é a de ‘nossa’

¹⁴¹ O lateral Paulo Sérgio após marcar um gol contra a Sapucaense saiu imitando uma borboleta em homenagem a filha.

torcida. O processo de afirmação de nossa identidade masculina nesse contexto se dá especialmente e por oposição na construção da masculinidade deles, *“Lá no bairro da Azenha há uma banda puta que faz avalanche./ Se encoxam o tempo inteiro e vivem correndo até dos xavantes./ Cuidado, ô Grêmio, nós vamos derrubar o chiqueiro!”*.

Entendo que a ‘nossa’ masculinidade constitui-se na ‘superior’, na ‘melhor’, na ‘adequada’ dos estádios de futebol. Ações feitas pela torcida, elogios às atitudes dos nossos jogadores e a tradição do clube aparecem para ‘ascender’ graus de masculinidade. Botar a torcida adversária para ‘correr’, cantar mais, beber bastante aparecem como exaltação de nossos desempenhos, *“Sempre louco atrás do gol acendendo um do bom/ Eu vou ... matar um puto tricolor/ E depois de me chapar e a cerveja acabar/ Eu vou ... matar um puto tricolor/ Vamo Inter hoje temos que vencer/ Vamo Inter hoje temos que vencer/ Dale dale dale ôôô”*.

Mas é na masculinidade da outra torcida que a nossa garante a sua supremacia. Nesse contexto de produção da identidade de forma tão binária, é a partir da masculinidade inadequada deles que garantimos a ‘normalidade’ da nossa. Somos mais homens porque eles são “putos” e “cagões”.

Nos estádios dois tipos de ofensas são mais reiteradas. Uma delas é ofender os sujeitos por torcerem pelo adversário. Ser colorado no Olímpico é xingamento da mesma forma que ser gremista no Beira-Rio. Além de colorado (ou macaco) e gremista (ou série B), os torcedores adversários também são xingados de “putos”.

Eles são “putos” também, porque não amam eternamente como nós (“até do céu”). São menos homens porque não bebem como nós, não são tão fiéis, não dão a vida por uma conquista e fogem de eventuais confrontos... *“Diante do fim da vida não abro mão./ Quero a Bandeira do Inter no meu caixão./ E não importa o que o padre irá dizer./ Porque até lá do céu eu serei Inter./ Te amo Inter, não somos como os putos da série B”*. E também não “tomar no cú”, ação tantas vezes proposta para a torcida deles.

“Eu só quero vencer lá no chiqueiro/ Que se foda a torcida do Internacional/ Vamo Grêmio, com força vamo em frente/ É o que pede a gente uma vitória a mais/ Passam os anos, passam os jogadores/ Geral está presente não para de apoiar/ Por isso eu quero cantar/ Grêmio de coração/ Eu te sigo a toda parte/ Tu és sempre o campeão/ Inter te conhecemos/ Grêmio não é como tu/ Colorado é tudo puto/ Vai toma nesse teu cú”.

Para tudo isso funcionar, isto é, para que essas representações façam sentido parece relevante estar em multidão. Esses xingamentos não parecem permanecer entre sujeitos individuais em outras circunstâncias que não os jogos. As masculinidades valoradas positiva e negativamente no Olímpico e no Beira-Rio parecem ser as mesmas. Em um confronto entre as

masculinidades de gremistas e colorados o resultado, provavelmente, seria um empate. Se o jogo fosse entre masculinidades, gremistas e colorados estariam lado a lado.

REFERÊNCIAS

- ABEL projeta 'guerra' em Chapecó. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 19, 17 mar. 2008.
- ALABARCES, Pablo. Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil a través del fútbol. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p. 147-164.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- ALVES, Nilda; CARRANO, Paulo César Rodrigues; GARCIA, Regina Leite. Bate-bola inicial. In: CARRANO, Paulo César Rodrigues (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 7-10.
- AMARAL, Rita. Festa como objeto e como conceito. In: _____. *Festa à brasileira – sentidos de festejar no país que não é sério*. Tese de doutorado, São Paulo, PPGAS/USP, (e-book), 2001.
- ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- BADINTER, Elisabeth. *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BALDASSO, Fabiano; GUIMARÃES, Carlos. *Peleia: Os 50 jogos inesquecíveis do futebol gaúcho*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- BENFICA, Luís Henrique. O baiano da Rússia. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 41, 01 mar. 2008.
- BETTI, Mauro. *Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.
- BRAGA, Kenny. Vencendo e convencendo. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 27 mar. 2008a. Paixão Colorada, p. 11.
- _____. Vitória com futebol comum. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 17 mar. 2008b. Paixão Colorada, p. 10.
- _____. Nilmar. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 25 jan. 2008c. Paixão Colorada, p. 11.
- _____. Um dia depois do outro. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 15 e 16 mar. 2008d. Paixão Colorada, p. 12.
- _____. Feliz aniversário. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 24 jan. 2008e. Paixão Colorada, p. 11.

_____. Adversário com história. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 08 mar. 2008f. Paixão Colorada, p. 11.

BROMBERGER, Christian. As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia. In: *Horizontes Antropológicos. Antropologia e esporte*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 14, n. 30, jul./dez. 2008, p. 237-53.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2001, p. 151-72.

CALDEIRA, Teresa. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. In: *Novos Estudos*. CEBRAP, n.21, 1988, p.133-157.

CAMISA para eles. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 55, 22. fev. 2008.

CARLET, Wianey. Resposta. *Zero Hora*. Porto Alegre, 01 mar. 2008a. Wianey Carlet, p. 45.

_____. Quebra-quebra. *Zero Hora*. Porto Alegre, 08 mar. 2008b. Wianey Carlet, p. 53.

_____. Objetivo alcançado. *Zero Hora*. Porto Alegre, 24 jan. 2008c. Wianey Carlet, p. 61.

_____. Timemania. *Zero Hora*. Porto Alegre, 01 mar. 2008d. Wianey Carlet, p. 45.

_____. Lei seca. *Zero Hora*. Porto Alegre, 21 mar. 2008e. Wianey Carlet, p. 45.

_____. Finalmente, ufa!. *Zero Hora*. Porto Alegre, 27 mar. 2008f. Wianey Carlet, p. 65.

CECCHETTO, Fátima Regina. Corpo, masculinidade e violência. In: _____. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004, p. 73-87.

CHAHAD, Allen; MAGALHÃES, Vagner. *Lula provoca argentinos e “chora” para Platini*. 2007. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/brasil2014/interna/0,,OI2033802-EI10545,00.html>>. Acesso em: 27 de novembro de 2007, às 14h20.

COIMBRA, David. Realeza do Olímpico. *Zero Hora*. Porto Alegre, 11 fev. 2008. Caderno de Esportes, p. 3.

COMO foram os estreantes. *Zero Hora*. Porto Alegre, 11 fev. 2008. Caderno de Esportes, p. 2.

CONNELL, R. W. Desarrollo, globalización y masculinidades. In: CARREGA, Gloria; SIERRA, Salvador Cruz (Coord.). *Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía*. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2006, p. 185-210.

_____. *Masculinidades*. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2003.

_____. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, Tereza; OLAVARRÍA, José (Eds.) *Masculinidad/es: poder y crisis*. Santiago: FLACSO/ISIS Internacional, Ediciones de las Mujeres, 1997, p. 31-48.

_____. Políticas da masculinidade. In: *Educação & Realidade. Gênero e Educação*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v.20, n.2, jul/dez 1995, p. 185-206.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 105-31.

CORRÊA, Carlos. Roger rouba a cena de Celso Roth. *Correio do Povo*. Porto Alegre, contracapa, 22 fev. 2008a.

_____. Enfim, Roger estréia pelo Grêmio. *Correio do Povo*. Porto Alegre, contracapa, 09 fev. 2008b.

COSTA, Marisa Vorraber. Introdução: novos olhares na pesquisa em educação. In: _____. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a, p. 13-22.

_____. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. In: _____. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b, p. 93-117.

COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Apresentação. In: _____. (Orgs.). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 7-8.

CRUZ, Elizabete Franco. “Quem leva o nenê e a bolsa?”: o masculino na creche. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito. (Orgs.). *Homens e masculinidades*, outras palavras. São Paulo: ECOS Editora, 1998, p. 235-258.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 5ª ed., 1997.

_____. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982a, p. 19-40.

_____. Introdução. In: _____. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982b, p. 13-8.

DAMO, Arlei Sander. O *ethos* capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p.39-72.

_____. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.

DAOLIO, Jocimar. A superstição no futebol brasileiro. In: _____. (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 3-19.

_____. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo César Rodrigues (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 29-44.

DENARDIN, Pedro Ernesto. Sem choradeira. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 15 e 16 mar. 2008a. Pedro Ernesto, p. 14.

_____. Mais futebol. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 24 jan. 2008b. Pedro Ernesto, p. 12.

_____. Dupla. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 22 fev. 2008c. Pedro Ernesto, p. 13.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1990.

EXPLICAÇÕES de Abelão. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 10 mar. 2008. Jogo Total, p. 9.

FAIRCLOUGH, Norman. Michel Foucault e a análise do discurso. In: _____. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. Unb, 2001, p. 61-88.

FALKOWSKI, Fabrício. Inter vai ao ataque contra o São José. *Correio do Povo*. Porto Alegre, contracapa, 15 mar. 2008a.

_____. Inter pega o carrasco Veranópolis. *Correio do Povo*. Porto Alegre, contracapa, 24 jan. 2008b.

FELIPE, Jane. Do amor (ou de como galmourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa. et al. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p. 31-45.

FESTA para 47 mil colorados. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 23, 10 mar. 2008.

FISCHER, Guilherme. De meigo a xerifão. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 56, 24 jan. 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 49-71.

_____. Foucault e a análise do discurso em Educação. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, nov. 2001, n. 114, p. 197-223.

FLORES, Luiz Felipe Baeta Neves. Na zona do agrião. Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DAMATTA, Roberto. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982, p. 43-58.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 13ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. Diálogo sobre o poder. In: _____. *Estratégias, Poder-Saber*. Ditos & Escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 253-66.

_____. Nietzsche, Freud, Marx. In: _____. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Ditos & Escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 40-55.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. O que é um autor? In: _____. *O que é um autor?* 3ª ed., Lisboa: Veja, 1992, p. 29-87.

GALLO, Sílvio. Repensar a educação: Foucault. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 29, n. 1, 2004, p. 79-96.

GASTALDO, Édison Luis. A pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006a, p. 87-102.

_____. “Os Campeões do Século”: notas sobre a definição da situação no futebol mediatizado. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006b, p. 15-38.

_____. A forja do homem de ferro: a corporalidade nos esportes de combate. In: LEAL, Ondina Fachel. (Org.). *Corpo e significado: ensaios da antropologia social*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 1995, p. 207-226.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989, p. 13-41.

GIDDENS, Anthony. Amor, compromisso e o relacionamento puro. In: _____. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 2003a, p. 59-75.

_____. O amor romântico e outras ligações. In: _____. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 2003b, p. 47-58.

GIGLIO, Sérgio Settani. Futebol-Arte ou Futebol-Força? O Estilo Brasileiro em Jogo. In: DAOLIO Jocimar (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 53-72.

GRABAUSKA, Cléber. Vitória. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 25 jan. 2008. Guerra Total, p. 14.

GUARDAPOPULARCOLORADA.COM. Disponível em: <<http://www.guardapopularcolorada.com/>>. Acesso em: 05 de jun. de 2008.

GUEDES, Simoni Lahud. Os “europeus” do futebol brasileiro ou como a “pátria de chuteiras” enfrenta a ameaça do mercado. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p. 73-85.

GUERRA FILHO, Adroaldo. Treino. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 20 mar. 2008a. Guerra Total, p. 13.

_____. Favoritão. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 9 e 10 fev. 2008b. Guerra Total, p. 13.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 11ª edição, 2006.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 3ª ed., 2004, p. 103-33.

HAMILTON, David. Sobre as origens dos termos classe e curriculum. In: *Teoria & Educação. Dossiê História da Educação*. Porto Alegre: Pannonica, n. 6, 1992, p. 33-52.

HELAL, Ronaldo. Jogo Bonito versus Fútbol Criollo: imprensa e “olhar” argentino sobre nosso futebol. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p. 165-195.

HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. In: *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./jun. 2002, p. 44-68.

HERMANN, Nadja. *Pluralidade e ética em Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HERRERA, Ana Amuchástegui. ¿Masculinidad(es)?: los riesgos de una categoría en construcción. In: CARREGA, Gloria; SIERRA, Salvador Cruz (Coord.). *Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía*. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2006, p. 159-81.

INTER perde Fernandão para o jogo de hoje contra o Veranópolis. *O Sul*. Porto Alegre, p. 15, 24 jan. 2008.

JACKSON, Stevi. The social complexity of heteronormativity: gender, sexuality & heterosexuality. In: *Heteronormativity – a Fruitful Concept?* Centre for Women’s Studies, University of York, UK, 2005.

KFOURI, Juca. O futebol entre palcos e bastidores (Entrevista com o jornalista Juca Kfourri por Marcos Gomes e Paulo César R. Carrano). In: CARRANO, Paulo César Rodrigues (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 45-64.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: *Horizontes Antropológicos. Corpo, doença e saúde*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 4, n. 9, out. 1998, p. 103-17.

_____. Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina. In: VALDÉS, Tereza; OLAVARRÍA, José (Eds.) *Masculinidad/es: poder y crisis*. Santiago: FLACSO/ISIS Internacional, Ediciones de las Mujeres, 1997, p. 49-62.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação (uma entrevista concedida a Alfredo Veiga-Neto, em julho de 1995) In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 133-60.

LEAL, Ondina Fachel. Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha. In: ORO, Ari Pedroso; TEIXEIRA, Sérgio Alves (Org.). *Brasil & França: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992, p. 141-50.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2004a.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Autêntica, 2004b.

_____. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria *queer* como políticas de conhecimento. In: LOPES, Denílson et al. (Orgs.). *Imagem & Diversidade Sexual: estudos da homocultura*. Brasília: Nojosa, 2004c, p. 23-8.

_____. Sexualidades contemporâneas: políticas de identidade e de pós-identidade. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luis Felipe; PARKER, Richard G. (Orgs.). *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids*. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004d, p. 203-12.

_____. Gênero: questões para a educação. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (Orgs.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora 34 e Fundação Carlos Chagas, 2002, p. 225-42.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2001, p. 7-34.

_____. Corpo, escola e identidade. In: *Educação & Realidade. Produção do Corpo*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v.25, n.2, jul/dez 2000, p. 59-75.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002, p. 11-29.

_____. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 2 ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MARTINS, Cacalo Silveira. Diferenciado. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 11 fev. 2008a. Paixão Tricolor, p. 10.

_____. Provado. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 1 e 2 mar. 2008. Paixão Tricolor, p. 10.

MATOS, Christiane. É hora de a estrela brilhar. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 9 e 10 fev. 2008. Jogo Total, p. 7.

_____. Sábado cheio de atrações. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 08 e 09 mar. 2008b. Jogo Total, p. 10.

_____. Pronto para a briga. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 24 jan. 2008c. Jogo Total, p. 14.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: OLIVEIRA, Roberto Carsoso de (Org.). *Marcel Mauss*. São Paulo, Ática, 1979, p. 147-53.

MELO, Victor Andrade de. Futebol: que história é essa?! In: CARRANO, Paulo César Rodrigues (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 11-28.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. “Educação” (verbetes). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil*. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=250>>. Acesso em: 21 de mar. 2008.

MEYER, Dagmar E. Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” as pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Orgs.). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 23-44.

MEYER, Dagmar E. Estermann et al. "Você aprende. A gente ensina?": interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. In: *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, jun. 2006, p. 1335-42.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 9-27.

MIRZOEFF, Nicholas. Introducción. ¿Qué es la cultura visual? In: _____. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Ed. Paidós Ibérica, 2003, p. 17-61.

MOMBACH, Hiltor. Sem briga. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 08 mar. 2008. De primeira, p. 27.

MONTANDON, Priscila. Mulheres do Olímpico. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 39, 21 mar. 2008.

MORATO, Márcio Pereira. A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. In: DAOLIO Jocimar (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 73-104.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO Jocimar. (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 131-147.

NASCIMENTO, Marcos. (Re)pensando as “masculinidades adolescentes”: homens jovens, gênero e saúde. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luis Felipe; PARKER, Richard G. (Orgs.). *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids*. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004, p. 105-113.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v. 8, n. 2, 2000, p. 9-42.

NOVO Hamburgo. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 33, 9 fev. 2008.

O QUE o técnico falou. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 55, 22 fev. 2008.

OLAVARRÍA, José. Hombres e identidad de género: algunos elementos sobre los recursos de poder y violencia masculina. In: CARREGA, Gloria; SIERRA, Salvador Cruz (Coord.). *Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía*. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2006, p. 115-30.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Futebol: os santos guerreiros contra o dragão da maldade. In: CARRANO, Paulo César Rodrigues (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 65-78.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Cardoso de. Direitos, insulto e cidadania (existe violência sem agressão moral?). In: *Série Antropologia*, Brasília: UnB/Departamento de Antropologia, n. 371, 2005, p. 1-16.

OLIVIER, Diogo. O código Guiñazu. *Zero Hora*. Porto Alegre, 25 jan. 2008. Ruy Carlos Ostermann, p. 59.

ORTEGA, Francisco. Amizade como exercício político. In: _____. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, p. 49-107.

OSTERMANN, Ruy Carlos. Dramatismo. *Zero Hora*. Porto Alegre, 27 mar. 2008a. Ruy Carlos Ostermann, p. 64.

_____. Os rebaixamentos. *Zero Hora*. Porto Alegre, 15 mar. 2008b. Ruy Carlos Ostermann, p. 51.

_____. Hoje à noite. *Zero Hora*. Porto Alegre, 24 jan. 2008c. Ruy Carlos Ostermann, p. 56.

_____. Mulheres. *Zero Hora*. Porto Alegre, 21 mar. 2008d. Ruy Carlos Ostermann, p. 44.

_____. Valter. *Zero Hora*. Porto Alegre, 24 jan. 2008e. Ruy Carlos Ostermann, p. 56.

PARTICIPAÇÕES sociais. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 37, 15 mar. 2008.

PEREA quer gol de cabeça. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 20 mar. 2008. Jogo Total, p. 12.

PEREIRA, Alcir Nicolau. *Colorados gozam gremistas*. Porto Alegre: Alcance, 2007.

_____. *Gremistas gozam colorados*. Porto Alegre: Alcance, 2007.

POCAHY, Fernando Altair; NARDI, Henrique Caetano. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v. 15, n.1, 2007, p. 45-66.

QUE carinho! *Zero Hora*. Porto Alegre, 10 mar. 2008. Caderno de Esportes p. 7.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. Espetáculo Futebolístico e Violência: Uma complexa relação. In: DAOLIO Jocimar (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 105-130.

RODRÍGUEZ, Juan Carlos Ramírez. ¿Y eso de la masculinidad?: apuntes para una discusión. In: CARREGA, Gloria; SIERRA, Salvador Cruz (Coord.). *Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía*. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2006, p. 31-56.

ROJAS, Fernando Huerta. La *desportivización* del cuerpo: la globalización de las identidades genéricas masculinas. In: CARREGA, Gloria; SIERRA, Salvador Cruz (Coord.). *Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía*. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2006, p. 211-33.

RUDÉ, George. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

RUISEÑOR, Elsa Guevara. Masculinidad, intimidad y políticas públicas. La investigación social: sus aportes, límites y desafíos. In: CARREGA, Gloria; SIERRA, Salvador Cruz (Coord.). *Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía*. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2006, p. 281-301.

SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades In: ADELMAN, Miriam; SILVESTRIN, Celsi Brönstrup. (Orgs.). *Coletânea Gênero Plural: um debate interdisciplinar*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002, p.33-46.

SARAIVA, Eduardo Steindorf. *Paternidade e masculinidade: tradição, herança e reinvenção*. 1998. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade. Gênero e Educação*. Porto Alegre: FACED/UFGRS, v.20, n.2, jul/dez 1995, p.71-99.

SEFFNER, Fernando. Masculinidade bissexual e violência estrutural: tentativas de compreensão, modalidades de intervenção. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luis Felipe; PARKER, Richard G. (Orgs.). *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids*. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004a, p. 85-104.

_____. Representações da Masculinidade Bissexual: um estudo a partir dos informantes da Rede Bis-Brasil. In: CÁCERES, Carlos F. et al. (Ed.). *Ciudadania Sexual en América Latina: abriendo el debate*. Lima: Universidad Peruana Cayetano Heredia, 2004b, p. 219-238.

_____. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. 2003. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SEGALEN, Martine. Homens, esportes ritos. In: _____. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 69-90.

SEIDLER, Victor. Masculinidades, hegemonía y vida emocional. In: CARREGA, Gloria; SIERRA, Salvador Cruz (Coord.). *Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía*. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2006, p. 147-57.

SILVA, Silvio Ricardo da. A Construção Social da Paixão no Futebol: O Caso do Vasco da Gama. In: DAOLIO Jocimar (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 21-52.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2003a.

_____. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª reimp., 2003b.

_____. *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVEIRA, Elaine Rosner. “Casa de homens” – O Jogo do Osso e a Masculinidade em Grupos Populares de Porto Alegre. 1999. 119 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SOUZA, Mário Marcos de. Bebida. *Zero Hora*. Porto Alegre, 20 mar. 2008. Bola dividida, p. 61.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. As brigas de galos e os atributos morais da masculinidade. In: ORO, Ari Pedrosa; TEIXEIRA, Sérgio Alves (Org.). *Brasil & França: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992, p. 151-67.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

_____. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Meus dois pedidos. *Zero Hora*. Porto Alegre, 24 jan. 2008. L. F. Veríssimo, p. 3.

VITÓRIA com a marca de Adriano. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 61, 27 mar. 2008.

VOGEL, Arno. O momento feliz. – Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982, p. 75-115.

WINK, Ilgo. Roger e Deborah. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 09 fev. 2008a. De primeira, p. 19.

_____. Risco assumido. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 01 mar. 2008b. De primeira, p. 19.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: _____. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papius, 1998, p. 129-45.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 3ª ed., 2004, p. 7-72.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Dos riscos e dos ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Orgs.). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 45-67.

ZUCAL, José Garriga. Soy macho porque me la agüento: etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005a, p. 39-58.

_____. Pibitos chorros, fumacheros y con aguante: el delito, las drogas y la violencia como mecanismos constructores de identidad en una hinchada del fútbol. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005b, p. 59-72.